



UFRJ
faz **100**
ANOS
1920 | 2020



CARTILHA DO VESTIBULANDO MEDICINA UFRJ

**UM GUIA PARA O VESTIBULAR DE MEDICINA
DA UFRJ FEITO PELOS ALUNOS DA TURMA
DE 2020.1**

Índice

Apresentação	02
O Centro Acadêmico Carlos Chagas	03
A Associação Atlética de Medicina UFRJ	04
A Bateria Vanguarda	05
A Torcida Fundão	06
Tabelas com acertos e notas do ENEM e posições do SiSU	07
Estatísticas para vagas de Ações Afirmativas	10
Estatísticas para vagas de Ampla Concorrência	11
Redações do ENEM dos alunos de 2020.1	12
Mensagens de apoio aos vestibulandos	83



QUERIDOS FUTUROS CALOUROS E CALOURAS DO FUNDÃO

Nós, da turma de 2020.1, com imenso prazer e carinho, preparamos esse material como uma forma de desejarmos muita motivação e boas-vindas a vocês que ansiosamente esperam para fazer parte da família do Fundão, vulgo a melhor do Baile. Aqui você vai encontrar uma apresentação que mostra um pouco do que a faculdade tem a oferecer, dados que vão te ajudar a guiar os estudos, redações para tirar inspiração e mensagens de apoio nesse momento difícil que é o ano de vestibular. Esperamos que façam bom uso dessa cartilha e que contem conosco para o esclarecimento de dúvidas. Estamos aguardando ansiosos para conhecer todos vocês!



Alunos responsáveis pela criação da Cartilha MED-UFRJ:

- Gabriel de Lima (@gabrdelima)
- Maria Luisa dos Anjos (@mluisa_anjos)
- Júlia Barreto (@juliabwrreto)
- Gustavo Uzzo (@gustavo.uzzo)
- Mário Hanai (@mario.hanai)
- Elisa Novaes (@elisa_novaes)
- Amanda Adolphsson (@amandaadolphsson)
- Kamyla Reis (@kamlareisoficial)
- Larissa Melo (@vasconcellos_larissam)
- Isabelle Caroline (@belleonaire)

O Centro Acadêmico

Carlos Chagas

O Centro Acadêmico (CA) é a entidade que representa os alunos do curso, no sentido da resolução de questões políticas e de demandas quaisquer, sejam elas acadêmicas ou pessoais. Em caso de problemas com professores, entre outros ou a própria pessoa em si, você pode contar com o apoio do CA. O CACC é uma entidade que também promove eventos culturais e a recepção de calouros, com eventos e atividades para vocês conhecerem melhor o espaço físico da UFRJ, nossas outras entidades, e pra descontrair antes do início das aulas. Caso se interesse em ingressar nessa entidade, você poderá entrar como rede de ajuda e, no futuro, poderá fazer parte da gestão anual. O CA é o lugar ideal para traduzir a voz dos alunos, bem como promover a integração entre eles e representá-los frente à Faculdade de Medicina e mais órgãos oficiais. Além de ter representação oficial em diversos eventos estudantis, que vocês terão a oportunidade de conhecer!



A Atlética de Medicina UFRJ

A Atlética, como o próprio nome já diz, é a entidade responsável pelos esportes. Seus membros trabalham em função de levar o Fundão a ser, como de costume, campeão nas competições e jogos que participa - somos, por exemplo, octacampeões no Intermed -, procurando quadras boas e acessíveis para os treinos e o melhor técnico possível, como também participando da organização de alguns dos jogos universitários. Além disso, a atlética é cheia dos produtinhos para você andar bem fundete/mediciner por aí: tem camisa, gorro, samba-canção, calça, casaco e até chinelo! Ela também ajuda a organizar eventos, como as famosas Prefas - festas que ocorrem na Prefeitura Universitária - e os interperíodos - jogos entre todos os períodos da faculdade. Há diversos esportes como futebol de campo, futsal, cabo de guerra, natação, atletismo, basquete, handball, vôlei e cheerleading. Ah, e não precisa ser atleta quase profissional para participar, não! Basta ter vontade de treinar para defender a nossa faculdade em competições como o Intermed, o Interpraia, o PraiaMed e o CRIMI.



 [atleticamedicinaufrj](https://www.instagram.com/atleticamedicinaufrj)

A Bateria Vanguarda

Vencedora do Duelo de Baterias do Intermed em 2016, é a melhor e maior bateria universitária desse país. É também a maior do baile, responsável por tocar nos jogos universitários - silenciando as outras torcidas ou até mesmo nas festas do CRIMI -, nas Prefas - olha elas aí de novo! -, e nas choppadas. Com a Vanguarda, você vai descobrir e aprender todas as músicas que cantamos e tocamos com muito orgulho sobre nossa faculdade - e, quando decorá-las, não vai querer parar de cantar. Para entrar na Vanguarda, basta um pré-requisito: querer se apaixonar ainda mais por essa faculdade. Não é preciso saber tocar nenhum de seus instrumentos - chocalho, tamborim, repique, caixa, terceira ou marcação -, pois são suficientes interesse, dedicação e uma pitada de amor - que, aliás, não é nada difícil: a Vanguarda é apaixonante mesmo e ainda consegue retribuir todo esse amor de volta.



 **bateriavanguardia**

A Torcida Fundão

A TF, como carinhosamente e mais comumente chamamos a Torcida Fundão, tem o objetivo de cuidar e animar a nossa torcida nos jogos que participamos. Ademais, ela cria um ambiente de integração e descontração no alojamento durante os jogos por meio dos stands de glitter e maquiagem para fazer nossa delegação brilhar (ainda mais!) através das prés e também das festas que organiza. Mas não se engane, o trabalho dessa galera não se restringe aos jogos: durante o ano, a TF participa das Prefas - viu como elas são famosas? - vendendo suas tradicionais bebidas como o maracujinho, coquinho e paragadá, não deixando nunca a animação de lado! A missão dessa entidade é promover um ambiente agradável dentro e fora dos jogos, ajudando a nossa torcida a virar uma família e se tornar a maior e melhor do Intermed, sendo que já somos bicampeões do título de Melhor Torcida (2015 e 2017)!



 **torcidafundao**

Tabelas de dados Enem/SiSU da turma de 2020.1

Pesos nas áreas do Enem para Medicina UFRJ

	Linguagens	C. Humanas	C. da Natureza	Matemática	Redação
Peso	2	1	4	2	4

Modalidade 02

Candidatos autodeclarados pretos, pardos ou indígenas, com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salário mínimo e que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas (Lei no 12.711/2012).

Linguagens		C. Humanas		C. Natureza		Matemática		Redação	M° geral	M° c/ pesos	Posição no último dia de SISU	Posição chamada regular
N°Ac	Nota	N°Ac	Nota	N°Ac	Nota	N°Ac	Nota	Nota	Nota	Nota		
26	563,4	33	666,2	28	677,3	30	802,3	980	737,84	771,29	4°	1°
31	630,5	27	627,9	25	641,7	32	808,7	960	733,76	762,55	13°	6°
33	637,4	34	681	27	658,7	25	734,9	960	734,4	761,57	17°	7°
27	594,1	28	630	27	644,5	29	742,7	940	710,26	741,66	38°	-

Modalidade 03

Candidatos com deficiência que tenham renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salário mínimo e que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas (Lei no 12.711/2012).

Linguagens		C. Humanas		C. Natureza		Matemática		Redação	M° geral	M° c/ pesos	Posição no último dia de SISU	Posição chamada regular
N°Ac	Nota	N°Ac	Nota	N°Ac	Nota	N°Ac	Nota	Nota	Nota	Nota		
24	582,1	-	542,4	23	620	21	693,5	940	675,6	717,97	2°	1°

Modalidade 04

Candidatos com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salário mínimo que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas (Lei no 12.711/2012).

Linguagens		C. Humanas		C. Natureza		Matemática		Redação	M° geral	M° c/ pesos	Último dia SiSU	Chamada Regular	1ª lista de espera
N°Ac	Nota	N°Ac	Nota	N°Ac	Nota	N°Ac	Nota	Nota	Nota	Nota			
32	630,8	37	702	34	728,6	33	827,3	940	765,74	791,74	-	2°	-
38	682,8	30	635	32	692,6	33	830,6	960	760,2	790,17	5	3	-
-	598,3	-	654,1	-	695,2	-	833,1	980	752,14	785,98	10°	7°	-
39	675	35	691,1	31	701,4	35	852,6	920	768,02	787,07	-	-	-
29	607,6	38	707,6	32	692,9	29	777,1	980	753,04	782,20	16	11	-
36	662,3	32	645,6	33	693,5	28	748,9	980	746,06	781,69	18°	13°	2°
27	570,6	34	661,9	32	688,1	36	854,7	960	747,06	777,30	-	-	-

*Os dados que constam nas tabelas foram cedidos pelos alunos da turma de 2020.1.

Modalidade 06

Candidatos autodeclarados pretos, pardos ou indígenas que, independentemente da renda (art. 14, II, Portaria Normativa no 18/2012), tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas (Lei no 12.711/2012).

Linguagens		C. Humanas		C. Natureza		Matemática		Redação	M° geral	M° c/ pesos	Último dia SiSU	Chamada Regular	1ª lista de espera
NºAc	Nota	NºAc	Nota	NºAc	Nota	NºAc	Nota	Nota	Nota	Nota	Posição	Posição	Posição
-	638	-	688,4	-	685,4	-	818	980	762,04	789,45	3°	4°	-
37	670	36	702,3	33	695,4	33	812,7	940	764,08	785,33	5°	5°	-
38	668,7	40	724	29	681,5	30	806,8	940	764,2	781,62	8°	8°	-
26	570,8	32	647,4	30	661,6	33	851,9	960	738,34	767,63	16°	16°	1°
-	592,3	-	606,6	-	627,1	-	866,9	960	730,58	759,49	-	-	2°
-	640,5	-	644,4	-	667,9	-	737	920	721,88	750,02	-	-	4°
30	600	28	635,6	25	636,2	23	732,1	960	712,78	744,97	32°	-	-

Modalidade 07

Candidatos com deficiência que, independentemente da renda (art. 14, II, Portaria Normativa no 18/2012), tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas (Lei no 12.711/2012).

Linguagens		C. Humanas		C. Natureza		Matemática		Redação	M° geral	M° c/ pesos	Último dia SiSU	Chamada Regular	1ª lista de espera
NºAc	Nota	NºAc	Nota	NºAc	Nota	NºAc	Nota	Nota	Nota	Nota	Posição	Posição	Posição
36	649	38	733,2	29	657,6	27	688,1	960	737,58	759,83	1°	1°	-

Modalidade 08

Candidatos que, independentemente da renda (art. 14, II, Portaria Normativa no 18/2012), tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas (Lei no 12.711/2012).

Linguagens		C. Humanas		C. Natureza		Matemática		Redação	M° geral	M° c/ pesos	Último dia SiSU	Chamada Regular	1ª lista de espera
NºAc	Nota	NºAc	Nota	NºAc	Nota	NºAc	Nota	Nota	Nota	Nota	Posição	Posição	Posição
34	632,1	38	728,6	34	708,1	38	877	980	785,16	807,63	9°	4°	-
35	653,1	37	713,6	31	684	34	855,6	1000	781,26	805,15	12°	7°	-
32	625,5	29	648,2	33	735,7	34	849,2	980	767,72	804,65	13°	8°	-
38	669,4	36	694,4	-	730,5	-	816,4	960	774,14	802,15	-	9°	-
35	647,4	34	677,6	34	700,8	38	905,4	960	778,24	802,03	15°	10°	-
35	658,8	37	715,4	35	713,5	28	793	980	772,14	799,46	20°	14°	1°
38	666,7	39	736,7	33	700,9	34	833,9	960	779,64	798,58	-	-	-

*Os dados que constam nas tabelas foram cedidos pelos alunos da turma de 2020.1.

Modalidade 09

Ampla concorrência.

Linguagens		C. Humanas		C. Natureza		Matemática		Redação	M° geral	M° c/ pesos	Último dia SiSU	Chamada Regular	1ª lista de espera	2ª lista de espera
NºAc	Nota	NºAc	Nota	NºAc	Nota	NºAc	Nota	Nota	Nota	Nota	Posição	Posição	Posição	Posição
37	666,9	40	760,6	39	775	40	927	980	821,9	843,72	2°	1°	-	-
36	652,1	38	726,6	41	828,7	35	849,9	960	803,46	837,34	3°	2°	-	-
34	637,2	36	704,3	39	775	41	927,6	980	804,82	834,92	8°	3°	-	-
33	631	40	755,6	40	797,3	37	862,2	980	805,22	834,71	-	4°	-	-
35	636,5	37	722,7	37	768,7	39	917,4	980	805,06	832,72	10°	5°	-	-
34	647,5	36	708,7	42	775,5	44	974,3	940	809,2	831,87	11°	6°	-	-
32	622,7	36	684,4	40	788,1	40	913,4	960	793,72	826,85	18°	7°	-	-
39	677,9	41	759,8	38	772	38	879,5	940	805,84	824,82	23°	11°	-	-
37	646	40	740,9	39	751,8	41	920,7	960	803,88	824,73	15°	13°	-	-
33	633,7	36	691,7	37	755,4	38	906,8	980	793,52	824,18	29°	14°	-	-
36	667,5	36	691,5	38	739,9	41	940,2	960	799,82	823,58	-	15°	-	-
35	649,1	37	685,4	41	811,1	37	863	940	789,72	824,15	31°	16°	-	-
36	667,5	36	691,5	38	739,9	41	940,2	960	799,82	823,58	-	18°	-	-
36	665,5	38	733,8	38	749,7	40	860,9	980	797,98	823,49	37°	19°	-	-
33	623,9	32	637,2	40	769,8	39	942,4	960	786,66	822,23	40°	21°	-	-
38	681,1	36	707,5	35	729,1	39	889,5	980	797,44	821,93	41°	22°	-	-
36	642,6	37	726,6	37	748,5	40	915,6	960	798,66	821,31	-	23°	-	-
39	688	35	690,2	36	727,4	36	883,7	980	793,86	820,25	46°	25°	-	-
33	635	34	675,4	37	748	42	938,9	960	791,46	819,63	47°	27°	-	-
32	609,9	38	695,6	40	760,3	38	888,9	980	786,94	819,57	48°	28°	-	-
-	672,8	-	743,8	-	763,1	-	833,3	960	794,6	819,11	51°	30°	-	-
39	686,8	35	699,7	34	708,9	42	949,7	960	801,02	819,10	59°	31°	-	-
34	643,4	33	670,2	40	801,1	38	900,4	920	787,02	818,63	-	32°	-	-
-	692,7	-	741,7	-	771,8	-	871,4	920	799,52	818,24	-	34°	-	-
37	663	37	717,7	34	722,6	36	891,4	980	794,94	818,22	55°	35°	-	-
35	644,2	37	706,5	37	745,3	39	908,7	960	792,94	817,96	-	36°	-	-
38	675	34	687,6	38	750,1	34	835,4	980	785,62	817,60	-	37°	-	-
39	706,9	35	690,4	36	759,4	38	863	940	791,94	817,52	58°	38°	-	-
39	709,6	41	745,9	34	729,8	34	847	960	798,46	816,79	60°	39°	-	-
35	635,1	35	692,3	36	741,5	36	876	980	784,98	815,42	-	41°	-	-
-	663,9	-	677,6	-	728,1	-	878,6	980	785,64	815,00	-	45°	-	-
-	643,5	-	719,6	-	755,1	-	894,6	940	790,56	813,55	-	50°	-	-
35	629,9	34	649,7	37	755,3	39	899,9	960	778,96	813,12	74°	51°	1°	-
36	649,5	37	707,5	32	704,4	39	911,9	980	790,66	812,92	-	52°	2°	-
38	666,4	34	676,5	34	712,4	36	887	980	784,46	811,76	-	-	3°	-
38	665,6	38	723,7	35	733,2	32	820,5	980	784,6	811,44	-	-	4°	-
37	651,1	37	706	36	747,2	31	813,2	980	779,5	811,03	82°	57°	5°	-
-	668,2	-	700	-	740,1	-	809,6	980	779,58	810,46	-	-	-	-
35	658,7	31	646,9	35	715,5	37	876,2	980	775,46	807,59	94°	70°	8°	-
36	635,1	36	704,8	33	732,4	38	910,8	940	784,62	806,63	-	73°	10°	-
33	643,1	35	691,7	35	711,3	36	870,2	980	779,26	806,42	-	75°	-	-
33	631,8	30	628,4	36	731,8	39	909,4	960	772,28	806,00	-	-	13°	3°
35	634,8	38	709,9	35	718,2	33	842,3	980	777,04	804,38	94°	84°	14°	4°
37	670,4	33	671,7	35	753,7	35	873,7	920	777,9	804,21	-	-	15°	5°
35	649,6	37	687,1	35	705,6	36	855,8	980	775,62	803,10	88°	-	16°	-
38	684,9	34	683,5	32	719,5	28	785,3	980	770,64	801,68	91°	-	18°	8°

*Os dados que constam nas tabelas foram cedidos pelos alunos da turma de 2020.1.

Estatísticas para vagas de Ações Afirmativas

Acertos em Linguagens



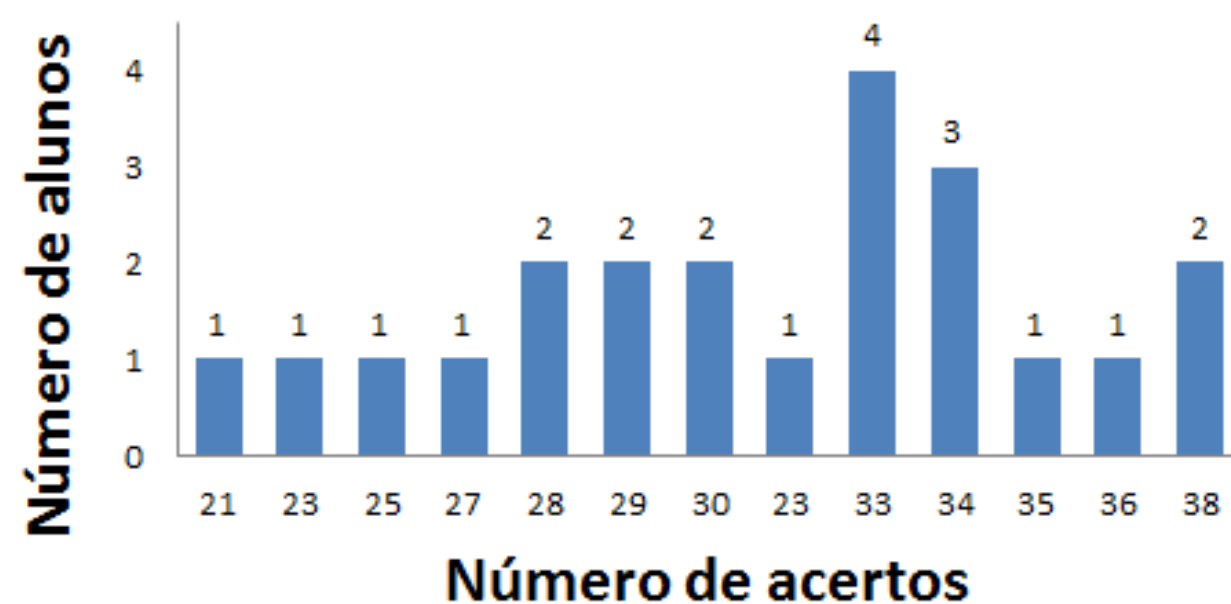
Acertos em Ciências Humanas



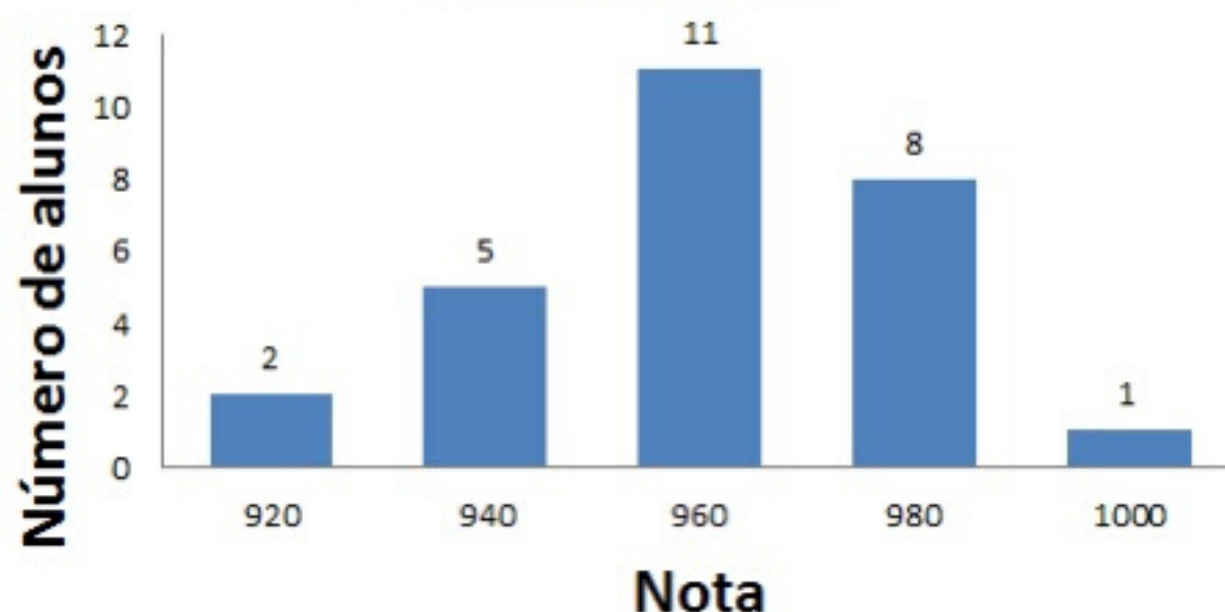
Acertos em Ciências da Natureza



Acertos em Matemática



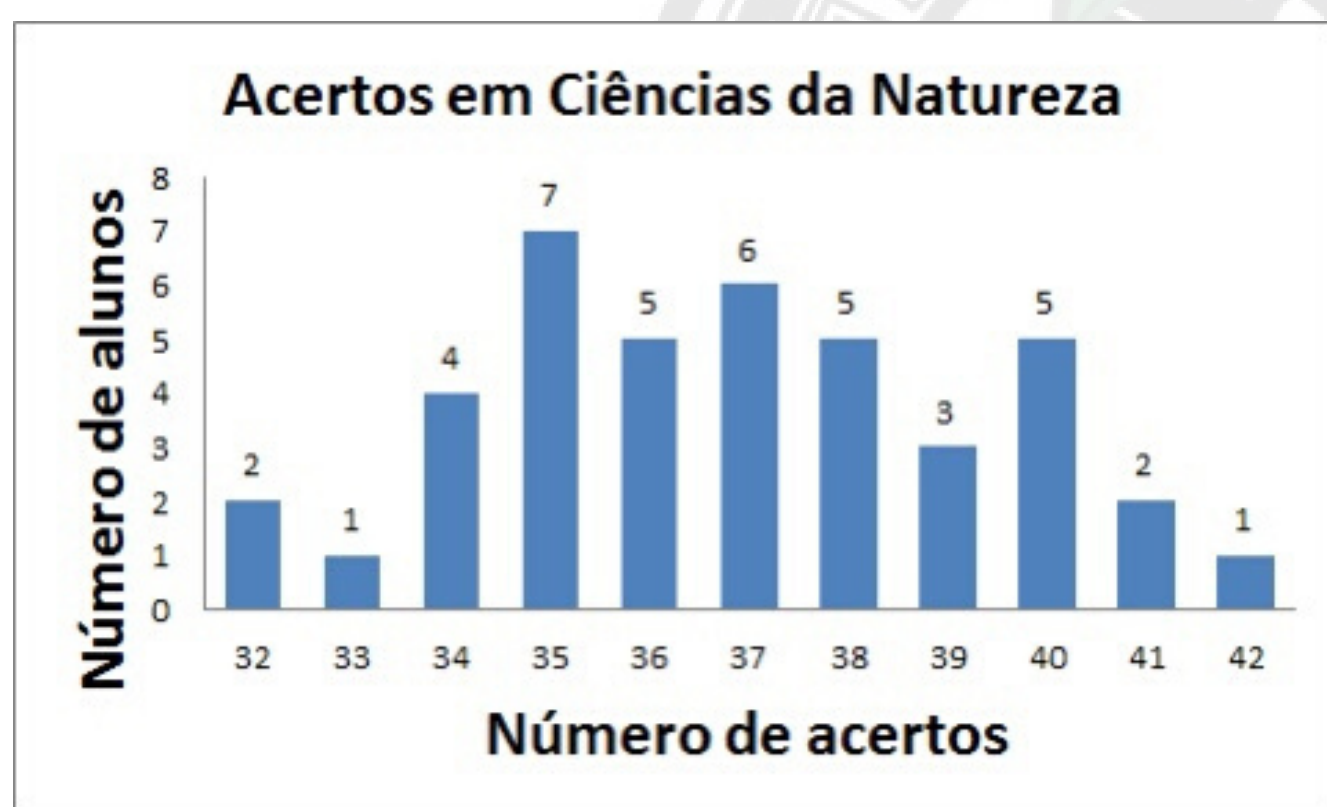
Nota na redação



Notas para vagas de Ações Afirmativas

	Notas sem pesos	Notas com pesos	Linguagens	C. Humanas	C. da Natureza	Matemática	Redação
Média	750,14	778,11	608,26	671,89	682,22	805,57	960,74
Mínima	675,6	717,97	563,4	542,4	620	688,1	920
Máxima	785,16	807,63	682,8	736,7	735,7	905,4	1000

Estatísticas para vagas de Ampla Concorrência



Notas para vagas de Ampla Concorrência

	Notas sem pesos	Notas com pesos	Linguagens	C. Humanas	C. da Natureza	Matemática	Redação
Média	791,45	818,55	655,6	701,53	749,31	886,02	964,78
Mínima	770,84	801,68	609,9	628,4	705,6	785,3	920
Máxima	821,9	843,72	709,6	760,6	828,7	974,3	980

Redações da turma de 2020.1

1	A partir do final do século XIX ocorreu em diversos países, inclusive no Brasil, um de-
2	seenvolvimento tecnológico proporcionado pela "Bella Époque" - época historicamente conhecida
3	pela sua prosperidade econômica. Com isso, o setor cinematográfico desenvolveu-se, mas não
4	se tornou acessível a toda população. No Brasil moderno, analogamente ao contexto supraci-
5	tado, obstáculos existem no tocante à democratização do cinema, a saber: a concentra-
6	ção desse serviço nos grandes centros urbanos e o alto custo cobrado para desfrutar desse
7	recurso cultural.
8	Convm-se ressaltar, inicialmente, que a disponibilidade de salas de cinema apenas em cid-
9	des desenvolvidas - metrópoles e capitais - torna-se um entrave no que diz respeito à
10	democratização do acesso a esse serviço. Assim, as populações dos municípios periféricos e
11	interiores não são contempladas por esse entretenimento cultural. Nessa perspectiva,
12	o conceito de "globalização parvosa" do geógrafo Milton Santos, o qual diz que o advento
13	da modernidade não proporcionou uma distribuição equânime, a todos níveis, dos bens de
14	consumo criados por ela, sobretudo, exemplarmente, o problema em questão. Dessa forma,
15	faz-se imprescindível tomar isonômico o acesso ao cinema.
16	Além disso, outro aspecto a ser salientado é a desproporcionalidade, em comparação com
17	a renda da maioria dos brasileiros, do preço cobrado pelos cinemas. Nesse sentido, ocorre uma
18	elitização do acesso, já que, por sua vez, o custo elevado dos ingressos exclui muitas ci-
19	dadades desses ambientes, sobretudo as de baixa renda. O sociólogo Karl Marx já apontava
20	para isso, pois, segundo ele, a exclusão social nos países capitalistas é decorrente da
21	disparidade de renda. Em suma, compreende-se a necessidade de reverter esse panorama
22	excludente, a fim de que ele fique restrito à época da "Bella Époque".
23	Torna-se imprescindível, portanto, que os Poderes Executivos - Municipais - no uso de suas
24	atribuições enquanto instituições máximas de atuação local - promova parceria com as
25	empresas de cinema, mediante redução tributária firmada por contrato, com intuito de que as
26	idades onde não contam com seus ambientes possam vir a tê-los e, conseqüentemente,
27	o cinema seja democratizado. Ademais, compete ao Legislativo Federal criar uma lei que
28	beneficie as famílias de baixa renda, por meio da criação de coturninhos que venham dar
29	descontos em Jais esporos, no intuito de garantir que todos os classes sociais tenham
30	a condição de acessar esse bem de consumo cultural.

A partir do final do século XIX ocorreu, em diversos países, inclusive no Brasil, um desenvolvimento tecnológico proporcionado pela "Belle Époque" - época historicamente conhecida pela sua prosperidade econômica. Com isso, o setor cinematográfico desenvolveu-se, mas não se tornou acessível a toda população. No Brasil hodierno, analogamente ao contexto supracitado, obstáculos existem no tocante à democratização do cinema, a saber: a concentração desse serviço nos grandes centros urbanos e o alto custo cobrado para desfrutar desse espaço cultural.

Convém ressaltar, inicialmente, que a disponibilidade de salas de cinema apenas em cidades desenvolvidas - megacidades e metrópoles - torna-se um entrave no que diz respeito à democratização do acesso a esse serviço. Assim, as populações dos municípios periféricos ou interioranos não são contempladas por esse entretenimento cultural. Nessa perspectiva, o conceito de "Globalização Perversa" do geógrafo Milton Santos, o qual diz que o advento da modernidade não proporcionou uma distribuição equânime, a todos os civis, dos bens de consumo criados por ela, corrobora, exemplarmente, o problema em questão. Dessa forma, faz-se imprescindível tornar isonômico o acesso ao cinema.

Além disso, outro aspecto a ser salientado é a desproporcionalidade, em comparação com a renda da maioria dos brasileiros, do preço cobrado pelos cinemas. Nesse sentido, ocorre uma elitização do acesso, já que, por sua vez, o custo elevado dos ingressos exclui muitos cidadãos desses ambientes, sobretudo os de baixa renda. O sociólogo Karl Marx já apontava para isso, pois, segundo ele, a exclusão social nos países capitalistas é decorrente da disparidade de renda. Em suma, compreende-se a necessidade de reverter esse panorama excludente, a fim de que ele fique restrito à época da "Belle Époque".

Torna-se impreterível, portanto, que os Poderes Executivos Municipais - no uso de suas atribuições enquanto instituições máximas de atuação local - promova parcerias com as empresas de cinema, mediante redução tributária firmada por contrato, com o objetivo de que as cidades onde não contam com esses ambientes possam vir a tê-los e, conseqüentemente, o cinema seja democratizado. Ademais, compete ao Legislativo Federal criar uma lei que beneficie as famílias de baixa renda, por meio da criação de carteirinhas que concedam descontos em tais espaços, no intuito de garantir que todas as classes sociais tenham a condição de acessar esse bem de consumo cultural.

C1	C2	C3	C4	C5	Nota Final
160	200	200	200	200	960

1 O longa-metragem nacional "Na Quebrada" revela histórias reais de jovens da periferia de São Paulo, os quais, inseridos em um cenário de violência e pobreza, encontram no cinema uma nova perspectiva de vida. Na narrativa, evidencia-se o papel transformador da cultura por intermédio do Instituto Pina, que promove o desenvolvimento pessoal, social e profissional dos alunos por meio da sétima arte. Apresentando-se como um retrato social, tal obra, contudo, ainda representa a história de parte minoritária da população, haja vista o deficitário e excludente acesso ao cinema no Brasil, sobretudo às classes menos favorecidas. Todavia, para que haja uma reversão dos quadros, faz-se necessário analisar as causas empresariais e educacionais que contribuem para a continuidade da problemática em território nacional.

2 Deix-se destacar, primeiramente, o distanciamento entre as periferias e as áreas de consumo de arte. Acerca disso, os filósofos Adorno e Horkheimer, em seus estudos sobre a "Indústria Cultural", afirmam que a arte, na era moderna, tornou-se objeto industrial feito para ser comercializado, tendo finalidades prioritariamente lucrativas. Sob esse prisma, empresas fornecedoras de filmes concentram sua atuação nas grandes metrópoles urbanas, regiões onde prevalece a população de maior poder aquisitivo, que se mostra mais disposta a pagar maior valor pelas exibições. Essa prática, no entanto, fomenta uma tendência segregatória que afasta o cinema das camadas menos abastadas, contribuindo para a dificuldade na democratização do acesso a essa forma de expressão e de identidade cultural no Brasil.

3 Ademais, uma análise dos métodos da educação nacional é necessária. Nesse sentido, observa-se uma insuficiência de conteúdos relativos à aproximação do indivíduo com a cultura desde os primeiros anos escolares, fruto de uma educação tecnicista e pouco voltada para a formação cidadã do aluno. Dessa forma, com aulas voltadas para memorização teórica, o sistema educacional vigente pouco estimula o contato do estudante com as diversas formas de expressão ^{cultural e artística} ~~cultural e artística~~, como o cinema, negligenciando, também, o seu potencial didático, mesmo pela sua inerente natureza estimulante. Tal cenário reforça a ideia da Teórica Vera Lucia Landau, que afirma que o sistema educacional atual está preso nos moldes do século XIX e não oferece propostas significativas para as inquietudes modernas. Assim, com a carência de um ensino que desperte o interesse dos alunos pelo cinema, a escola contribui ^{para} ~~para~~ um distanciamento desses indivíduos em relação ao cinema, o que constitui um entrave para que eles, durante a vida, tornem-se espectadores ativos das produções cinematográficas brasileiras e internacionais.

4 É evidente, portanto, que a dificuldade na democratização do acesso ao cinema no Brasil é agravada por causas corporativas e educacionais. Logo, é necessário que a Secretaria Especial de Cultura do Ministério da Cidadania tome tais obras mais abrangentes ao corpo social. Para isso, ela deve estabelecer parcerias público-privadas com empresas exibidoras de filmes, beneficiando com isenções fiscais aquelas que procurarem, por meio de relações comunitárias, a expansão de seus negócios a ^{populares} ~~populares~~ para regiões fora dos centros urbanos, de forma que, com maior oferta a um maior número de pessoas, os indivíduos possam efetivar seu uso para o lazer e para o engrandecimento cultural. Paralelamente, o Ministério da Educação deve levar o tema às escolas públicas e privadas e deve ocorrer por meio da substituição de parte da carga teórica da Base Nacional Comum Curricular por projetos interdisciplinares que incluam exibição de filmes condizentes com a prática pedagógica e visitas aos cinemas das regiões de escola, para que se desperte o interesse do ^{aluno} ~~aluno~~ pelo tema ao mesmo tempo em que se desenvolve sua consciência cultural e cidadã. Nesse contexto, poder-se-á expandir a ação transformadora da sétima arte retratada em "Na Quebrada", criando um legado duradouro de acesso à cultura e de desenvolvimento social em território nacional.

O longa-metragem nacional "Na Quebrada" revela histórias reais de jovens da periferia de São Paulo, os quais, inseridos em um cenário de violência e pobreza, encontram no cinema uma nova perspectiva de vida. Na narrativa, evidencia-se o papel transformador da cultura por intermédio do Instituto Criar, que promove o desenvolvimento pessoal, social e profissional dos alunos por meio da sétima arte. Apresentando-se como um retrato social, tal obra, contudo, ainda representa a história de parte minoritária da população, haja vista o deficitário e excludente acesso ao cinema no Brasil, sobretudo às classes menos favorecidas. Todavia, para que haja uma reversão do quadro, faz-se necessário analisar as causas empresariais e educacionais que contribuem para a continuidade da problemática em território nacional.

Deve-se destacar, primeiramente, o distanciamento entre as periferias e as áreas de consumo de arte. Acerca disso, os filósofos Adorno e Horkheimer, em seus estudos sobre a "Indústria Cultural", afirmaram que a arte, na era moderna, tornou-se objeto industrial feito para ser comercializado, tendo finalidades prioritariamente lucrativas. Sob esse prisma, empresas fornecedoras de filmes concentram sua atuação nas grandes metrópoles urbanas, regiões onde prevalece a população de maior poder aquisitivo, que se mostra mais disposta a pagar maior valor pelas exposições. Essa prática, no entanto, fomenta uma tendência segregatória que afasta o cinema das camadas menos abastadas, contribuindo para a dificuldade na democratização do acesso a essa forma de expressão e de identidade cultural no Brasil.

Ademais, uma análise dos métodos da educação nacional é necessária. Nesse sentido, observa-se uma insuficiência de conteúdos relativos à aproximação do indivíduo com a cultura desde os primeiros anos escolares, fruto de uma educação tecnicista e pouco voltada para a formação cidadã do aluno. Dessa forma, com aulas voltadas para memorização teórica, o sistema educacional vigente pouco estimula o contato do estudante com as diversas formas de expressão cultural e artística, como o cinema, negligenciando, também, o seu potencial didático, notável pela sua inerente natureza estimulante. Tal cenário reforça a ideia da teórica Vera Maria Candau, que afirma que o sistema educacional atual está preso nos moldes do século XIX e não oferece propostas significativas para as inquietudes hodiernas. Assim, com a carência de um ensino que desperte o interesse dos alunos pelo cinema, a escola contribui para um afastamento desses indivíduos em relação ao cinema, o que constitui um entrave para que eles, durante a vida, tornem-se espectadores ativos das produções cinematográficas brasileiras e internacionais.

É evidente, portanto, que a dificuldade na democratização do acesso ao cinema no Brasil é agravada por causas corporativas e educacionais. Logo, é necessário que a Secretaria Especial de Cultura do Ministério da Cidadania torne tais obras mais alcançáveis ao corpo social. Para isso, ela deve estabelecer parcerias público-privadas com empresas exibidoras de filmes, beneficiando com isenções fiscais aquelas que provarem, por meio de relatórios semestrais, a expansão de seus serviços a preços populares para regiões fora dos centros urbanos, de forma que, com maior oferta a um maior número de pessoas, os indivíduos possam efetivar o seu uso para o lazer e para o seu engrandecimento cultural. Paralelamente, o Ministério da Educação deve levar o tema às escolas públicas e privadas. Isso deve ocorrer por meio da substituição de parte da carga teórica da Base Nacional Comum Curricular por projetos interdisciplinares que envolvam exibição de filmes condizentes com a prática pedagógica e visitas aos cinemas da região da escola, para que se desperte o interesse do aluno pelo tema ao mesmo tempo em que se desenvolve sua consciência cultural e cidadã. Nesse contexto, poder-se-á expandir a ação transformadora da sétima arte retratada em "Na Quebrada", criando um legado duradouro de acesso à cultura e de desenvolvimento social em território nacional.

C1	C2	C3	C4	C5	Nota Final
200	200	200	200	200	1000

1 A Revolução Técnico- Científico- Informacional trouxe inúmeras mudanças para a sociedade moder-
2 na. O campo das artes não se absteve de tais mudanças com a criação do cinema, que alinha a
3 cultura à tecnologia. Entretanto, em progresso ainda é visto no Brasil, ao passo que o acesso às
4 salas ainda é concentrado para as populações mais ricas das áreas centrais. A falta de comprometi-
5 to do Estado com a cultura agravou esse cenário e relegou a sétima arte às salas privadas de shopping
6 centers e aos monopólios de streaming de filmes. A sociedade brasileira, portanto, necessita da democratização
7 do acesso ao cinema, pois é uma forma de reduzir as desigualdades socio-culturais e de combater o in-
8 dividualismo da esfera privada, ao promover um ~~centro~~ ^{espaço} culturalmente público e coletivo.

9 Em primeira instância, é relevante considerar a história urbanização do território brasileiro que
10 se deu de forma concentrada e desordenada. O grande arquiteto do Brasil foi o capital privado, que pro-
11 vizou a urbanização em localidades de grande concentração econômica e relegou o lazer da população
12 sempre em segundo plano. Assim, ~~as~~ ^{as} cidades periféricas ~~carecem de~~ ^{carecem de} infraestrutura de lazer como
13 centros culturais que possuem contatos com uma programação cinematográfica. Ademais, nas cidades
14 centrais e privilegiadas economicamente, observa-se o fenômeno dos endosforos fortificados, centros
15 comerciais privados ~~que~~, como shoppings centers, que atraem as salas de cinema, cobrando preços al-
16 tos pelo ingresso e restringindo o entretenimento à uma elite financeira.

17 Outra forma, o cinema é empurrado para a esfera privada e individual. O filósofo Zygmunt
18 Bauman teoriza sobre a liquidez e fragilidade das relações humanas atuais ao passo que o indivi-
19 dualismo é privilegiado pelo homem moderno. Tal fenômeno é reforçado, na desigualdade de acesso
20 à cultura do cinema. Como restrição e o encarecimento dos lazer, os filmes são restritos à esfera
21 privada e os streamings como Netflix ganham milhões de assinantes. Assim, um programa que
22 poderia unir e fortalecer os laços humanos através da cultura e do debate é limitado.

23 É evidente, portanto, que a democratização do acesso ao cinema na sociedade brasileira deve ser uma
24 pauta prioritária nas ações do governo. Para tanto, o Ministério da Cidadania deve direcionar re-
25 cursos para a complementação de centros culturais que promovam sessões de cinema gratuitas ou
26 com um preço acessível. Seja por meio da construção de casas de cultura com salas de cinema
27 em regiões que não possuem infraestrutura, seja pela revitalização de áreas públicas como pra-
28 ças que comportem os públicos para a exibição de filmes. Assim, a cultura pode enlun-
29 tar um maior espaço dentro da sociedade, combatendo o individualismo e promovendo
30 da a união.

A revolução Técnico-científico-informacional trouxe inúmeras inovações para a sociedade moderna. O campo das artes não se absteve de tais mudanças com a criação do cinema, que alinhou a cultura à tecnologia. Entretanto esse progresso ainda é restrito no Brasil, ao passo que o acesso às telas ainda é concentrado para as populações mais ricas das áreas centrais. A falta de comprometimento do Estado com a cultura agravou esse cenário e relegou a sétima arte às salas privadas de shoppings centers e aos monopólios de streaming de filmes. A sociedade brasileira, portanto, necessita da democratização do acesso ao cinema, pois é uma forma de reduzir as desigualdades socioculturais e de combater o individualismo da esfera privada, ao promover um entretenimento público e coletivo.

Em primeira instância, é relevante considerar a história da urbanização do território brasileiro que se deu de forma concentrada e desordenada. O grande arquiteto do Brasil foi o capital privado, que priorizou a urbanização em localidades de grande concentração econômica e colocou o lazer da população em segundo plano. Assim, cidades periféricas carecem de infraestrutura de lazer como centros culturais que poderiam contar com uma programação cinematográfica. Ademais, nas cidades centrais e privilegiadas economicamente, observa-se o fenômeno dos enclaves fortificados, centros comerciais privados, como shoppings centers, que atraem as salas de cinema, cobrando preços altos pelo ingresso e restringindo o entretenimento à uma elite financeira.

Dessa forma, o cinema é empurrado para a esfera privada e individual. O filósofo Zygmunt Bauman teoriza sobre a liquidez e fragilidade das relações humanas atuais ao passo que o individualismo é priorizado pelo Homem moderno. Tal fenômeno é reforçado na desigualdade de acesso à cultura do cinema. Com a restrição e o encarecimento desse lazer, os filmes são restritos à esfera privada e os streamings como Netflix ganham milhares de usuários. Assim, um programa que poderia unir e fortalecer os laços humanos através da cultura e debates é limitado.

É evidente, portanto, que a democratização do acesso ao cinema na sociedade brasileira deve ser uma pauta prioritária nas ações do governo. Para tanto, o Ministério da Cidadania deve direcionar verbas para a implementação de centros culturais que promovam sessões de cinema gratuitas ou com um preço acessível. Seja por meio da constituição de casos de cultura com salas de cinema em regiões que não possuem infraestrutura, ou pela revitalização de áreas públicas como praças que comportem o público para a exibição de filmes. Assim, a cultura pode enfim ter um maior espaço dentro da sociedade, combatendo o individualismo e promovendo a união.

C1	C2	C3	C4	C5	Nota Final
200	200	200	200	180	980

1 O Brasil já teve muitos salões de cinema distribuídos por todo o seu território por vol-
2 ta de 1975. Esses funcionavam de forma independente, diferente do que ocorre atualmente. Deve-se
3 que juntamente com as mudanças na sociedade brasileira, como a alta taxa de migração das
4 cidades do campo para a cidade, ocorreu a redistribuição desses estabelecimentos. Nesse âmbito, os
5 cinemas que antes eram distribuídos por todas as regiões brasileiras e que funcionavam de forma independen-
6 te, começaram a exibir filmes nos áreas centrais das grandes cidades e a se localizar em shopping
7 centers. Com isso, muitos indivíduos foram excluídos desse acesso à cultura, seja pela desigualda-
8 de social ou pela má distribuição desse porque excluir. Dessa modo, faz-se necessário analisar tais
9 fatos que impedem a democratização desse acesso.

10 Em primeira instância, pode-se observar que a desigualdade na sociedade brasileira é abor-
11 mente. Nesse sentido, muitos indivíduos não possuem poder monetário para acessar esses salões de cine-
12 ma, devido a má distribuição de renda dessa sociedade. Além disso, a localização desses salões também impé-
13 dem o acesso, por ser, na maioria das vezes, distante dos perifericos. No Rio de Janeiro ocorreu um pro-
14 cesso interessante em relação com a localização da população das mais carentes, aconteceu que após a
15 reforma de Pereira Passos, essa população foi expulsada do centro da cidade e viu-se obrigada a residir
16 no redor, nos perifericos. Dessa maneira, pode-se afirmar que o fato das exclusões como metropolitanas aconte-
17 rem em regiões centralizadas e a alta renda das pessoas impedem esse acesso.

18 Em segunda instância, após a redistribuição dos cinemas, muitas regiões foram prejudicadas, prin-
19 cipalmente as regiões do norte do país. Nesse âmbito, pode-se observar que os residentes
20 dessas foram prejudicados por morar próximos ao campo e distante dos metrópoles brasileiras.
21 Sendo assim, parte dessa população se vê excluída desse acesso à cultura, já que, segundo
22 Thomas Hobbes, o Estado é responsável pelo bem-estar ~~de~~ dessa, sendo que, nessa situação,
23 o Estado não atende com eficiência.

24 Portanto, fica evidente que uma grande parte dos brasileiros não tem acesso aos salões de cinema,
25 seja pela desigualdade social ou por consequência da má distribuição desses. O fim de amenizar
26 essa situação, o Ministério da Educação (MEC) deve investir, por meio de parcerias público-privada,
27 em exibições cinematográficas gratuitas. Essas devem ocorrer nos quadras esportivas de todo o território bra-
28 sileiro, para que toda a população, principalmente a mais carente, seja atendida de modo efetivo
29 quanto ao acesso à cultura. Dessa forma, todos os indivíduos ~~teriam~~ teriam acesso ao cinema
30 independentemente da sua localização e da sua condição social já que todos são iguais, todos são cidadãos brasileiros.

O Brasil já teve muitas salas de cinema distribuídas por todo o seu território por volta de 1975. Essas funcionavam de forma independente, diferente do que ocorre atualmente. Sabe-se que juntamente com as mudanças na sociedade brasileira, como a alta taxa de migração dos cidadãos do campo para a cidade, ocorreu a redistribuição desses estabelecimentos. Nesse âmbito, os cinemas que antes eram distribuídos por todas as regiões brasileiras e que funcionavam de forma independente, começaram a exibir filmes nas áreas nobres das grandes cidades e a se localizar em shopping centers. Com isso, muitos indivíduos foram excluídos desse acesso à cultura, seja pela desigualdade social ou pela má distribuição desse parque exibidor. Desse modo, faz-se necessário analisar tais fatos que impedem a democratização desse acesso.

Em primeira instância, pode-se observar que a desigualdade na sociedade brasileira é alarmante. Nesse sentido, muitos indivíduos não possuem poder monetário para acessar essas salas de cinema, devido a má distribuição de renda dessa sociedade. Além disso, a localização dessas salas também impedem o acesso, por ser, na maioria das vezes, distante as periferias. No Rio de Janeiro ocorreu um processo interessante em relação com a localização da população dos mais carentes, aconteceu que após a reforma de Pereira Passos, essa população foi expulsa do Centro da cidade e viu-se obrigada a residir ao redor, nas periferias. Dessa maneira, pode-se afirmar que o fato das exibições cinematográficas acontecerem em regiões centralizadas e o alto valor dos ingressos impedem esse acesso.

Em segunda instância, após a redistribuição dos cinemas, muitas regiões foram prejudicadas, principalmente as regiões ao Norte do país. Nesse âmbito, pode-se observar que os residentes dessas foram prejudicados por morar próximo ao campo e distante das metrópoles brasileiras. Sendo assim, parte dessa população se vê excluída desse acesso à cultura, já que, segundo Thomas Hobbes, o Estado é responsável pelo bem-estar dessa, sendo que, nessa situação, o Estado não atende com efetividade.

Portanto, fica evidente que uma grande parte dos brasileiros não tem acesso às salas de cinema, seja pela desigualdade social ou por consequência da má distribuição dessas. A fim de amenizar essa situação, o Ministério da Educação (MEC) deve investir, por meio de parcerias público-privado, em exibições cinematográficas gratuitas. Essas devem ocorrer nas quadras escolares de todo o território brasileiro, para que toda a população, principalmente a mais carente, seja atendida de modo efetivo quanto ao acesso à cultura. Dessa forma, todos os indivíduos teriam acesso ao cinema independente da sua localização e da sua condição social, já que todos são iguais, todos são cidadãos brasileiros.

C1	C2	C3	C4	C5	Nota Final
180	200	200	180	200	960

1 Na célebre obra cinematográfica "A invenção de Hugo Cabret" retrata-se o difícil método de produ-
2 ção e de distribuições de filmes no início do século XX. Nesse ínterim, hodiernamente, esse cenário en-
3 contra-se aproximado em virtude das inovações tecnológicas. Entretanto, apesar dos avanços nessa área,
4 não ocorre a democratização, no Brasil, do acesso ao cinema. Tal problemática acontece devido à desi-
5 gualdade econômica e às disparidades regionais de investimentos.

6 Em primeira instância, uma parcela da população não possui condições financeiras para fre-
7 quentar o lazer cinematográfico. Nesse prisma, segundo a teoria de "globalização perversa", do geográ-
8 fo Milton Santos, o mundo globalizado deveria conectar os indivíduos, ^{além de reduzir} e ~~reduzir~~ as discrepâncias e
9 designar distâncias entre eles. Porém, ocorreu o aumento das desigualdades, configurando esse proces-
10 so como perverso. Diante dessa perspectiva, o cinema difundiu-se pelo mundo, junto às tecno-
11 logias, todavia, essa prática propagou-se com valores muito altos. Dessa forma, as
12 camadas mais pobres são excluídas de tal ação cultural, ^{uma vez que} ~~já que~~ o preço supera o orçamento
13 desses ^{indivíduos} ~~grupos~~, assim como previsto pelo pensador Milton.

14 Outrossim, a divisão regional desfavorece a construção de ambientes exibidores de filmes
15 em alguns locais. Nesse contexto, de acordo com a regionalização ^{brasileira} ~~brasileira~~, do teórico da geografia
16 Pedro Geiger, o território possui uma organização heterogênea, a qual ~~se~~ inclui uma "core area"
17 composta pela região Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Sob a ótica geográfica, esse local é privi-
18 legiado, já que engloba a capital e a maioria das cidades de relevância política, ~~o~~ histórica e
19 financeira. Visto que existem diferenças nos fatores atrativos a investimentos, as outras locali-
20 dades são desfavorecidas em questões sociais, ^{por exemplo} ~~como~~ a construção de cinemas. Sendo es-
21 sim, moradores do Norte e do Nordeste não possuem acesso à tal ~~serviço~~ atividade em conse-
22 quência da escassez desse serviço.

23 Fica clara, portanto, a urgência em democratizar o acesso ao cinema. É necessário, por-
24 tanto, que o Ministério da Cidadania — órgão federal responsável pelas políticas ~~de~~ públicas de
25 cultura cultural — proporcione esse lazer aos cidadãos de baixa renda. Essa medida deve ser feita
26 por meio da construção de locais distribuidores de filmes com valores reduzidos de ingressos, que at-
27 tendam somente esse grupo, a fim de incluir esse hábito na vida de todos. Ademais, cabe ao Go-
28 verno Federal incentivar empresas privadas a construir seus estabelecimentos culturais nas
29 regiões Nordeste e Norte. Dessa modo, será possível que todos os brasileiros apreciem o cinema ^{assim} ~~como~~
30 como Hugo Cabret.

Na célebre obra cinematográfica “A invenção de Hugo Cabret” retrata-se o difícil método de produção e de distribuição de filmes no início do século XX. Nesse ínterim, hodiernamente, esse cenário encontra-se aprimorado em virtude das inovações tecnológicas. Entretanto, apesar dos avanços nessa área, não ocorre a democratização, no Brasil, do acesso ao cinema. Tal problemática acontece devido à desigualdade econômica e às disparidades regionais de investimento.

Em primeira instância, uma parcela da população não possui condições financeiras para frequentar o lazer cinematográfico. Nesse prisma, segundo a teoria de “globalização perversa”, do geógrafo Milton Santos, o mundo globalizado deveria conectar os indivíduos, além de reduzir discrepâncias e distâncias entre eles. Porém, ocorreu o aumento das desigualdades, configurando esse processo como perverso. Diante dessa perspectiva, o cinema difundiu-se pelo mundo, junto às tecnologias, todavia, essa prática propagou-se com valores muito altos. Dessa forma, as camadas mais pobres são excluídas de tal ação cultural, uma vez que o preço supera o orçamento desses indivíduos, assim como previsto pelo pensador Milton.

Outrossim, a divisão regional desfavorece a construção de ambientes exibidores de filmes em alguns locais. Nesse contexto, de acordo com a regionalização brasileira, do teórico da geografia Pedro Geigher, o território possui uma organização heterogênea, o qual inclui uma “core area” composta pela região Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Sob a ótica geográfica, esse local é privilegiado, já que engloba a capital e a maioria das cidades de relevância política, histórica e financeira. Visto que existem diferenças nos fatores atrativos a investimentos, as outras localidades são desfavorecidas em questões sociais, por exemplo a construção de cinemas. Sendo assim, moradores do Norte e do Nordeste não possuem acesso à tal atividade em consequência da escassez desse serviço.

Fica clara, dessarte, a urgência em democratizar o acesso ao cinema. É necessário, portanto, que o Ministério da Cidadania — órgão federal responsável pelas políticas públicas de cunho cultural — proporcione esse lazer aos cidadãos de baixa renda. Essa medida deve ser feita por meio da construção de locais distribuidores de filmes com valores reduzidos de ingresso, que atendam somente esse grupo, a fim de incluir esse hábito na vida de todos. Ademais, cabe ao Governo Federal incentivar empresas privadas a construam seus estabelecimentos culturais nas regiões Nordeste e Norte. Desse modo, será possível que todos os brasileiros apreciem o cinema assim como Hugo Cabret.

C1	C2	C3	C4	C5	Nota Final
180	200	200	200	200	980

1	Os séculos de apogeu das civilizações grega e romana, durante o período de formação
2	da sociedade ocidental, foram marcados pela disseminação e valorização das Artes, veic
3	culadas frequentemente nos ambientes públicos, contribuindo para o compartilhamento
4	de conteúdo cultural rico e acessível. Em contraste aos fatos mencionados, hoje, no
5	Brasil, se observa a falta de acesso à cultura em sua integralidade, destacando-se
6	o decréscimo no número de brasileiros que têm acesso ao cinema. Desse modo, a
7	democratização ao acesso integral ao cinema deve ser estimulado, para o bem-
8	estar do indivíduo em sua plenitude e o desenvolvimento da nação.
9	Em uma primeira análise, cabe ressaltar a importância do acesso à cultura e à arte na
10	construção do bem-estar biopsicossocial do indivíduo. Esse fato se comprova ao se ob
11	servar a arte como ferramenta de tradução livre da realidade e o cinema como meio
12	que permite a compreensão do universo individual através da associação com os
13	códigos e expressões da composição cinematográfica. Isso desencadeia a identifi
14	cação com o que é humano e estimula a noção de pertencimento em cada espectador.
15	Além disso, o poder de atração exercido pelo cinema atinge um público heterogêneo e
16	atravessa as orientações, idades e caracteres sociais. Isso ocorre porque o compartilha
17	mento de ideais e sentidos se dá de forma alegórica, retomando os dramas e
18	tragédias gregas que contribuíam para a construção do imaginário coletivo a respei
19	to de suas crenças, direitos e noções do que era "ser". De igual modo, películas
20	de menor ou maior duração podem ser ferramentas de informação sobre direitos
21	e deveres da população, difundindo informações de forma consciente e demo
22	crática, como ocorriam nos areópagos e nos coliseus.
23	Dito isso, para garantir a democratização do acesso ao cinema e respeitan
24	do o Artigo 5 da Constituição Federal, o Ministro da Cultura deverá implementar
25	medidas, com desdobramento nas 3 esferas de poder, de terminando a constru
26	ção de Cinematecas em todos os municípios brasileiros. Isso deverá ocorrer
27	com o apoio de empresas exibidoras de filmes, ONGs e Instituições privadas
28	e terá como efeito ampliar para mais de 5 mil o número de Salas de cinema
29	no Brasil, tornando maior o percentual de brasileiros com acesso ao cinema
30	e difundindo cultura de forma a transformar a nação.

Os séculos de apogeu das civilizações grega e romana, durante o período de formação da sociedade ocidental, foram marcados pela disseminação e valorização das Artes, veiculadas frequentemente nos ambientes públicos, contribuindo para o compartilhamento de conteúdo cultural rico e acessível. Em contraste aos fatos mencionados, hoje, no Brasil, se observa a falta de acesso à cultura em sua integralidade, destacando-se o descréscimo no número de brasileiros que têm acesso ao cinema. Desse modo, a democratização ao acesso integral ao cinema deve ser estimulado, para o bem-estar do indivíduo em sua plenitude e o desenvolvimento da nação.

Em uma primeira análise, cabe ressaltar a importância do acesso à cultura e à arte na construção do bem-estar psicossocial do indivíduo. Esse fato se comprova ao se observar a arte como ferramenta de tradução livre da realidade e o cinema como meio que permite a compreensão do universo individual através da associação com os códigos e expressões da composição cinematográfica. Isso desencadeia a identificação com o que é humano e estimula a noção de pertencimento em cada espectador.

Além disso, o poder de atração exercido pelo cinema atinge um público heterogêneo e atravessa as orientações, idades e caracteres sociais. Isso ocorre porque o compartilhamento de ideais e sentidos se dá de forma alegórica, retomando os dramas e tragédias gregas que contribuíam para a construção do imaginário coletivo a respeito de suas crenças, direitos e noções do que era "ser". De igual modo, películas de menor ou maior duração podem ser ferramentas de informação sobre direitos e deveres da população, difundindo informações de forma consciente e democrática, como ocorriam nos areópagos e nos coliseus.

Dito isso, para garantir a democratização do acesso ao cinema e respeitando o Artigo 5 da Constituição Federal, o Ministro da Cultura deverá implementar medidas, com desdobramento nas 3 esferas de poder, determinando a construção de Cinematecas em todos os municípios brasileiros. Isso deverá ocorrer com o apoio de empresas exibidoras de filmes, ONGs e instituições privadas e terá como efeito ampliar para mais de 5 mil o número de salas de cinema no Brasil, tornando maior o percentual de brasileiros com acesso ao cinema e difundindo cultura de forma a transformar a nação.

C1	C2	C3	C4	C5	Nota Final
-	-	-	-	-	980

1	Segundo a Declaração da Universal dos Direitos Humanos, a isonomia se constitui como um direito inalienável, de maneira que todo indivíduo tem o direi-
2	to ao contato com a sua cultura através de meios integrativos. Entretanto, na prática, percebe-se que a igualdade no acesso ao cinema no Brasil permanece apenas no papel,
3	seja pela atuação deficiente do Estado, seja pelo domínio de um capital cultural nos filmes, de modo a vir por mudanças profundas em prol da efetiva democra-
4	tização do acesso ao cinema no Brasil.
5	A priori, não há como negar que o papel recorrente do Estado se constitui como principal fomentador da falta de um acesso igualitário ao cinema. De fato,
6	John Locke afirmava que o Contrato Social seria uma forma de centralizar o poder público para o governante retribuir essa delegação de poderes dado agin-
7	do de forma a garantir os direitos sociais. Em vista de tal perspectiva, pode-se afirmar que o próprio Estado rompe com o seu caráter democrático ao pre-
8	terir ao acesso à cultura pelo cinema a partir do mínimo investimento em infraestrutura física e tecnológica das regiões. Tal panorama controverso
9	advém da distribuição absolutamente concentrada das construções dos cinemas ao privilegiar as regiões Sudeste e Sul, e excluir o Norte e o Nordeste
10	desse direito. Dessa forma, observa-se a força da violência simbólica justificada conscientemente pelas autoridades, de nacional a se constituir como prin-
11	cipal alicerce do abismo social. Torna-se evidente, assim, que, quando o Estado rasgar a Constituição de 1988 ao desconsiderar a isonomia do acesso
12	ao universo do cinema como imperativo social, o Brasil permanecerá discriminando culturas nacionais, haja vista que, segundo Herbert de Souza, "a de-
13	mocracia serve para todos ou não serve para nada."
14	Ademais, somado à gestão recorrente do governo, a falta de acesso ao capital cultural intelectual disseminado pelo cinema também contribui para a
15	não democratização cinematográfica. Deleto, ao assuilar cultura à lógica das distinções sociais Pierre Bourdieu afirma que a cultura considerada legít
16	tima nada mais é do que a cultura da classe dominante, que carrega o capital cultural que ^{determina} a escolha dos agentes: seus costumes, suas maneiras de
17	se expressar ou sua língua. Diante de tal ótica, como o cinema em tese, se constitui como uma reprodução da realidade - uma maneira de dar vida à cultura
18	dos povos a partir da transposição ^{de} para o contato com o espectador -, os filmes se tornaram um instrumento apenas da propagação da cultura da elite.
19	Tal cenário desigual mantém a classe baixa à margem do conteúdo intelectual e cultural disseminado nos cinemas, tendo em vista o seu enhecimento
20	crítico e reflexivo para interagir com tal capital cultural. Nesse viés, esse cenário distorcido se constitui como uma ferramenta de manipulação da elite
21	ao impor uma cristalização ideológica de inferioridade da cultura da classe baixa em detrimento da sua, ^{já} uma vez que instituem uma dominação sim-
22	bólica sobre o conteúdo cinematográfico, que não representa a totalidade da cultura nacional. Constatada tal realidade, conclui-se que, somente se o
23	conteúdo cultural e intelectual estiver à disposição de todas as culturas, a democratização do acesso cognitivo ao cinema será uma realidade no país,
24	uma vez que, ^{segundo} ajuda Bourdieu, aquilo que foi criado como instrumento de democracia não deve ser convertido em ferramenta de manipulação.
25	Pode-se salientar, portanto, que é indiscutível o acesso democrático ao cinema como isonomia constitucional. Logo, o Ministério da Educação e Cultura
26	em parceria com a Aulvie, deve instituir a criação de um projeto nacional de democratização do cinema, por meio do redimensionamento de ^{de} verbas do Es-
27	tado, que é o principal responsável pela revisão do orçamento geral ^{da União} do Estado , promovendo não só o investimento na infraestrutura e tecnologia dos cinema
28	nas nacionais, ^{principalmente nas regiões menos privilegiadas} mas também a representação de todas as formas culturais nos filmes com todos os capitais culturais. Tudo isso com o objetivo de
29	que o cinema, realmente, se torne uma representação de todas as realidades brasileiras e, dessa maneira, o acesso ao cinema no Brasil
30	se transforme em instrumento de democracia.

Segundo a Declaração Universal dos Direitos Humanos, a isonomia se constitui como um direito inalienável, de maneira que todo indivíduo tem o direito ao contato com a sua cultura através de meios interativos. Entretanto, na prática, percebe-se que a igualdade no acesso ao cinema no Brasil permanece apenas no papel, seja pela atuação deturpada do Estado, seja pelo domínio de um capital cultural nos filmes, de modo a urgir por mudanças profundas em prol da efetiva democratização do acesso ao cinema no Brasil.

A priori, não há como negar que o papel negligente do Estado se constitui como principal fomentador da falta de um acesso democrático ao cinema. De fato, John Lock afirmava que o Contrato Social seria uma forma de centralizar o Poder Público para o governante retribuir essa delegação de poderes dado agindo de forma a garantir os direitos sociais. Em vista de tal perspectiva, pode-se afirmar que o próprio Estado rompe com o seu caráter democrático ao preterir ao acesso à cultura pelo cinema a partir do ínfimo investimento em infraestrutura física e tecnológica das regiões. Tal panorama controverso advém da distribuição absolutamente concentrada das construções dos cinemas ao privilegiar as regiões Sudeste e Sul e excluir o Norte e o Nordeste desse direito. Dessa forma, observa-se a força da violência simbólica instituída conscientemente pelas autoridades, de maneira a se constituir como principal alicerce do abismo social. Torna-se evidente, assim, que, enquanto o Estado rasgar a Constituição de 1998 ao desconsiderar a isonomia do acesso ao universo do cinema como imperativo social, o Brasil permanecerá discriminando culturas nacionais, haja vista que, segundo Herbert de Souza, "a democracia serve para todos ou não serve para nada".

Ademais, somado à gestão negligente do governo, a falta de acesso ao capital cultural intelectual disseminado pelo cinema também corrobora para a não democratização cinematográfica. Decerto, ao associar cultura à lógica das distinções sociais, Pierre Bourdieu afirma que a cultura considerada legítima nada mais é do que a cultura da classe dominante, que carrega o capital cultural que determina a escolha dos agentes: seus costumes, suas maneiras de se expressar ou sua língua. Diante de tal ótica, como o cinema, em tese, se constitui como uma reprodução da realidade - uma maneira de dar vida à cultura dos povos a partir da transposição da tela para contato com o espectador -, os filmes se tornaram um instrumento apenas da propagação da cultura da elite. Tal cenário desigual mantém a classe baixa à margem do conteúdo intelectual e cultural disseminado nos cinemas, tendo em vista o seu enudecimento crítico e reflexivo para interagir com tal capital cultural. Nesse viés, esse cenário distorcido se constitui como uma ferramenta de manipulação da elite ao impor uma cristalização ideológica de inferioridade da cultura da classe baixa em detrimento da sua, já que instituem uma dominação simbólica sobre o conteúdo cinematográfico, que não representa a totalidade da cultura nacional. Constatada tal realidade, conclui-se que, somente se o conteúdo cultural e intelectual estiver à disposição de todas as culturas, a democratização do acesso cognitivo ao cinema será uma realidade no país, uma vez que, ainda segundo Bourdieu, "aquilo que foi criado como instrumento de democracia não deve ser convertido em ferramenta de manipulação".

Pode-se salientar, portanto, que é indiscutível o acesso democrático ao cinema como isonomia constitucional. Logo, o Ministério da Educação e Cultura, em parceria com a Ancine, deve instituir a criação de um projeto nacional de democratização do cinema, por meio do redimensionamento de verbas do Estado, que é o principal responsável pela revisão do orçamento geral da União, promovendo não só o investimento na infraestrutura e tecnologia dos cinemas nacionais principalmente nas regiões menos privilegiadas, mas também a representação de todas as formas culturais nos filmes com todos os capitais culturais. Tudo isso com o objetivo de que o cinema, realmente, se torne uma representação de todas as realidades brasileiras e, dessa maneira, o acesso ao cinema no Brasil se transforme em instrumento de democracia.

C1	C2	C3	C4	C5	Nota Final
180	200	200	200	200	980

1 As bases da Democracia contemporânea têm origem na Grécia Antiga, onde a maioria dos indivíduos era privado da participação polí-
2 tica, como mulheres e escravos, por não serem considerados cidadãos da pólis. Anacronicamente, no Brasil hodierno, apesar de sua ine-
3 gável importância para a construção do senso crítico e da identidade do sujeito, o acesso ao cinema no país ainda possui grandes
4 obstáculos para que seja, de fato, universal. Essa problemática está relacionada, principalmente, à manutenção de uma mentalidade
5 de retrógrada no que tange ao consumo de cultura pelas massas, somado a uma intensa concentração espacial desses ambientes.

6 De certo, um dos maiores desafios para a democratização do acesso a filmes no Brasil é a elitização da cultura, secular-
7 mente perpetuada no inconsciente popular por um viés histórico, a chegada da Família Real no território tupiniquim no início do
8 século XIX, trouxe consigo um inenunciável acervo de conhecimento, o qual seria responsável por fundar a Biblioteca Nacional.
9 Todavia, os livros eram acessíveis apenas a uma parcela muito restrita da população, principalmente àquelas pertencentes à no-
10 breza. Nesse contexto, as heranças desse passado excludente ainda podem ser percebidas na hodiernidade, na medida em que
11 uma minoria social possui um consumo privilegiado no país, em função tanto de aspectos econômicos, como de questões sociais;
12 na forma, os altos custos das ~~sessões~~ sessões de cinema e dos pacotes televisivos que oferecem esse tipo de programação, além do
13 preconceito muitas vezes sofrido nesses ambientes, comprometem o contato de uma parcela expressiva da sociedade brasileira com
14 essa importante fonte de entretenimento e de estímulo do senso crítico.

15 Ademais, é indubitável que o aumento do número de cinemas no país não foi compatível com a necessidade de sua dispersão
16 pelos municípios no Brasil, impedindo sua democratização plena. Consoante o filósofo inglês Francis Bacon, importante figura do Empirismo
17 britânico, os avanços científicos seriam os responsáveis por levar a humanidade ao progresso. Essa máxima, entretanto, não representa a re-
18 alidade tupiniquim, visto que, mesmo com o intenso desenvolvimento tecnológico no país, a precariedade dos meios de transporte públi-
19 cos e das vias de circulação de automóveis nacionais comprometem que o consumo cinematográfico pelo corpo social seja mais equânime.
20 Diante disso, a ~~concentração~~ concentração espacial desses ambientes culturais em áreas centrais e socialmente privilegiadas das cidades se con-
21 figura enquanto um grande empecilho a ser superado para que a sua universalização seja possível.

22 Fica evidente, portanto, a importância de que o acesso ao cinema seja democratizado no Brasil. Nesse modo, é necessário
23 que o ~~Ministério da Cultura~~ Superministério da Cidadania, por meio da pasta de cultura, aliado às Organizações
24 Não Governamentais engajadas no âmbito artístico, incumbidas de suprir as ausências do Estado, atuem promovendo a amplia-
25 ção do contato das massas nas periferias brasileiras com esse tipo de entretenimento. Para isso, essas instituições devem de-
26 senvolver eventos culturais periódicos abertos à comunidade local em zonas carentes desses espaços, veiculando filmes
27 de diversos gêneros e nacionalidades, com o objetivo de tornar o consumo cinematográfico parte do cotidiano desses indi-
28 víduos. Assim, diferentemente da falsa Democracia grega, a universalização dessa arte será uma realidade cada vez
29 mais próxima do cenário tupiniquim.

30

As bases da democracia contemporânea têm origem na Grécia Antiga, onde a maioria dos indivíduos era privada da participação política, como mulheres e escravos, por não ser considerada cidadã da pólis. Anacronicamente, no Brasil hodierno, apesar de sua inegável importância para a construção do senso crítico e da identidade do sujeito, o acesso ao cinema no país ainda possui grandes obstáculos para que seja, de fato, universal. Essa problemática está relacionada, principalmente, à manutenção de uma mentalidade retrógrada no que tange ao consumo de cultura pelas massas, somado a uma intensa concentração espacial desses ambientes.

Decerto, um dos maiores desafios para a democratização do acesso a filmes no Brasil é a elitização da cultura, secularmente perpetuada no inconsciente popular por um viés histórico, a chegada da Família Real no território tupiniquim no início do século XIX trouxe consigo um imensurável acervo de conhecimento, o qual seria responsável por fundar a Biblioteca Nacional. Todavia, os livros eram acessíveis apenas a uma parcela muito restrita da população, principalmente àqueles pertencentes à nobreza. Nesse contexto, as heranças desse passado excludente ainda podem ser percebidas na hodiernidade, na medida em que uma minoria social possui um consumo privilegiado no país, em função tanto de aspectos econômicos, como de questões sociais. Dessa forma, os altos custos das sessões de cinema e dos pacotes televisivos que oferecem esse tipo de programação, além do preconceito muitas vezes sofrido nesses ambientes, comprometem o contato de uma parcela expressiva da sociedade brasileira com essa importante fonte de entretenimento e de estímulo ao senso crítico.

Ademais, é indubitável que o aumento do número de cinemas no país não foi compatível com a necessidade de sua dispersão pelos municípios no Brasil, impedindo sua democratização plena. Consoante o filósofo inglês Francis Bacon, importante figura do Empirismo britânico, os avanços científicos seriam os responsáveis por levar a humanidade ao progresso. Essa máxima, entretanto, não representa a realidade tupiniquim, visto que, mesmo com o intenso desenvolvimento tecnológico no país, a precariedade dos meios de transporte público e das vias de circulação de automóveis nacionais compromete que o consumo cinematográfico pelo corpo social seja mais equânime. Diante disso, a concentração espacial desses ambientes culturais em áreas centrais e socialmente privilegiadas das cidades se configura enquanto um grande empecilho a ser superado para que a sua universalização seja possível.

Fica evidente, portanto, a importância de que o acesso ao cinema seja democratizado no Brasil. Desse modo, é necessário que o Superministério da Cidadania, por meio da pasta da cultura, aliado às Organizações Não Governamentais engajadas no âmbito artístico, incumbidas de suprir as ausências do Estado, atuem promovendo a ampliação do contato das massas nas periferias brasileiras com esse tipo de entretenimento. Para isso, essas instituições devem desenvolver eventos culturais periódicos abertos à comunidade local em zonas carentes desses espaços, veiculando filmes de diversos gêneros e nacionalidades, com o objetivo de tornar o consumo cinematográfico parte do cotidiano desses indivíduos. Assim, diferentemente da falsa Democracia grega, a universalização dessa arte será uma realidade cada vez mais próxima do cenário tupiniquim.

C1	C2	C3	C4	C5	Nota Final
180	200	200	200	200	980

1 Em 1808, a Família Real Portuguesa e sua corte chegavam à Colônia Tropical para fugir das Invasões Napoleônicas. Com
2 isso, D. João VI revitalizou a capital colonial, a fim de adequá-la aos padrões da metrópole, levando ao Rio de Janeiro a
3 Missão Francesa, composta por pintores, bailarinos, músicos e outros artistas, e construindo a Biblioteca e o Teatro
4 Nacionais. Analogamente, na atualidade, o cinema tornou-se um local de diversão popular, entretanto ele tem se transforma-
5 do em um meio de segregação, induzindo a busca por novas formas de lazer da população menos favorecida do Brasil.

6 A priori, cabe destacar o preço das entradas nas instalações cinematográficas, pois estão aumentando no decorrer dos
7 anos com a modernização dos espaços. Um exemplo disso são as salas VIP, as quais têm substituído as comuns por oferecerem ser-
8 viços mais elaborados, como pipocas com coberturas caras e atendentes nas poltronas. Dessa forma, os valores de ingresso as
9 sessões aumentam, dificultando o acesso da parcela populacional menos abastada, visto que os gastos com lazer são considera-
10 dos como supérfluos perante outros. Assim, há uma gentrificação dos cinemas, termo geográfico para nomear o processo de mu-
11 dança e ressignificação do espaço urbano, no qual a população com menor poder aquisitivo é segregada pelo encarecimento do
12 custo de vida. Então, ocorre uma setorização dos prazeres, por que apenas pessoas com maior inserção econômica têm con-
13 dições de desfrutar dessa diversão.

14 Ademais, a população excluída, como alternativa ao lazer dos cinemas, recorre a meios ilegais em diversos casos, a com-
15 pra de DVDs piratas e entrada em sites gratuitos de filmes. ~~Essas práticas são~~ são exemplificações. Sob essa ótica, Ro-
16 bertto da Mata, sociólogo contemporâneo, criou a tese do "Jeitinho Brasileiro", nome do modo de ação dos cidadãos do país que
17 burla leis e regras sociais com intuito de conquistar suas vontades. Nesse sentido, a falta de poder econômico gera a pro-
18 cura de novos modos de diversão, mas nem sempre de forma lícita, em razão do modo meio de ação dos brasileiros para al-
19 cançar seus fins. Logo, a marginalização, imposta pelo elevado custo dessa atividade, fomenta atos criminosos de lucro com
20 obras artísticas sem o pagamento dos direitos autorais.

21 Portanto, o acesso aos cinemas no país ainda é dificultado pela desigualdade econômica. Por isso, o Ministério da Cultura,
22 em conjunto com ONGs, devido ao caráter popular e assistencial delas, deve permitir o uso dessas instalações por todos,
23 por meio da distribuição de ingressos gratuitos e a criação de salas populares com baixo custo, a fim de possibilitar a diversão
24 da parcela menos favorecida. Em paralelo, cabe ao Poder Legislativo, uma das bases do Estado, fiscalizar e combater as ações
25 ilícitas, como a compra de DVDs piratas e os sites ilegais, por intermédio da criação de leis punitivas a esses atos, para mini-
26 mizar a busca dos brasileiros por elas. Sendo assim, a democratização dos cinemas e a diversão do povo, como tentou D. João
27 VI com suas reformas, serão possíveis no Brasil contemporâneo.

28
29
30

Em 1808, a Família Real Portuguesa e sua corte chegavam à Colônia Tropical para fugir das Invasões Napoleônicas. Com isso, D. João VI revitalizou a capital colonial, a fim de adequá-la aos padrões da metrópole, levando ao Rio de Janeiro a Missão Francesa, composta por pintores, bailarinos, músicos e outros artistas, e construindo a biblioteca e o teatro nacionais. Analogamente, na atualidade, o cinema tornou-se um local de diversão popular, entretanto ele tem se transformado em um meio de segregação, induzindo a busca por novas formas de lazer da população menos favorecida no Brasil.

A priori, cabe destacar o preço das entradas nas instalações cinematográficas, pois estão aumentando no decorrer dos anos com a modernização dos espaços. Um exemplo disso são as salas VIP, as quais têm substituído as comuns por oferecerem serviços mais elaborados, como pipocas com corbeturas caras e atendentes nas poltronas. Dessa forma, os valores de ingresso as sessões aumentam, dificultando o acesso da parcela populacional menos abastada, visto que os gastos com lazer são considerados como supérfluos perante outros. Assim, há uma gentrificação dos cinemas, termo geográfico para nomear o processo de mudança e ressignificação do espaço urbano, no qual a população com menor poder aquisitivo é segregada pelo encarecimento do custo de vida. Então, ocorre uma setorização dos prazeres, por que apenas pessoas com maior inserção econômica têm condições de desfrutar dessa diversão.

Ademais, a população excluída, como alternativa ao lazer dos cinemas, recorre a meios ilegais em diversos casos. A compra de DVDs piratas e entrada em sites gratuitos de filmes são exemplificações. Sob essa ótica, Roberto da Mata, sociólogo contemporâneo, criou a tese do "Jeitinho Brasileiro", nome do modo de ação dos cidadãos do país que burla leis e regras sociais com o intuito de conquistar suas vontades. Nesse sentido, a falta de poder econômico gera a procura de novos modos de diversão, mas nem sempre de forma lícita, em razão do meio de ação dos brasileiros para alcançar seus fins. Logo, a marginalização, imposta pelo elevado custo dessa atividade, fomenta atos criminosos de lucro com obras artísticas sem o pagamento dos direitos autorais.

Portanto, o acesso aos cinemas no país ainda é dificultado pela desigualdade econômica. Por isso, o Ministério da Cultura, em conjunto com ONGs, devido ao caráter popular e assistencial delas, deve permitir o uso dessas instalações por todos, por meio da distribuição de ingressos gratuitos e a criação de salas populares com baixo custo, a fim de possibilitar a diversão da parcela menos favorecida. Em paralelo, cabe ao Poder Legislativo, uma das bases do Estado, fiscalizar e combater as ações ilícitas, como a compra de DVDs piratas e os sites ilegais, por intermédio da criação de leis punitivas a esses atos, para minimizar a busca dos brasileiros por elas. Sendo assim, a democratização dos cinemas e a diversão do povo, como tentou D. João VI com suas reformas serem possíveis no Brasil contemporâneo.

C1	C2	C3	C4	C5	Nota Final
160	200	180	200	200	940

1 O filme "A vida dos outros" permite ao espectador um maior entendimento de co-
2 mo era o contexto ideológico durante a Guerra Fria, mostrando como era a censura na
3 Alemanha Oriental socialista. Os filmes, então, possuem a função social de proporcionar
4 uma maior compreensão de momentos históricos, ocasionam reflexões e ainda possuem a
5 capacidade de nos livrar de angústias humanas, teoria defendida pelo filósofo Schopenhauer,
6 que afirmava que as artes tinham esse poder. Essas produções artísticas são apreciadas tipica-
7 mente nos cinemas, porém, pesquisas indicam que somente 17% da população brasileira
8 tem acesso a esses locais. Dessa forma, visto a importância dos filmes, deve ocorrer uma
9 democratização do acesso ao cinema no Brasil.

10 Em primeiro lugar, somente essa parcela da população frequenta cinemas associada ao
11 ao valor de ingressos: pode chegar até cinquenta reais no estado de São Paulo, por exemplo,
12 o que é inviável, já que corresponde a, aproximadamente, 5% do salário mínimo. Exis-
13 tência de que o preço é um fator limitante é o resultado da pesquisa que revelou que
14 88% dos telespectadores assistem a filmes na TV, tendência proporcionada pela existên-
15 cia de plataformas digitais como "Netflix", que cobra um valor mensal acessível e o usuá-
16 rio pode assistir a uma quantidade de filmes durante o mês.

17 Além dessa variável econômica, outra barreira à democratização do acesso ao cine-
18 ma no Brasil é a localização desses ambientes. Atualmente, localizam-se, predominantem-
19 temente, em "shoppings centers", entretanto, essa infraestrutura não chegou a todas regiões
20 de um país tão desigual como o nosso. Há a ausência de cinemas, pois, em cidades pe-
21 quenas e regiões não tão desenvolvidas tais como Norte e Nordeste.

22 Os filmes, portanto, são muito importantes na formação intelectual e cultural
23 dos cidadãos e, por esse motivo, há a necessidade de se democratizar o acesso
24 ao cinema no Brasil. A fim de que uma maior parcela da população tenha condi-
25 ções de ir a esses locais, vê-se como possível solução uma parceria pública-privada
26 do Ministério da Cultura com empresas privadas de cinemas, em que o gover-
27 no forneça verbas a essas instituições e essas, por sua vez, se estabeleçam em
28 regiões mais afastadas, como periferias, cidades pequenas, regiões Norte e Nordeste,
29 em ambientes espaços independentes de "shoppings" e cobrem valores acessíveis
30 à população.

O filme "A vida dos outros" permite ao espectador um maior entendimento de como era o controle ideológico durante a Guerra Fria, mostrando como era a censura na Alemanha Oriental socialista. Os filmes, então, possuem a função social de proporcionarem uma maior compreensão de momentos históricos, ocasionam reflexões e ainda possuem a capacidade de nos livrar de angústias humanas, teoria defendida pelo filósofo Schopenhauer, que afirmava que as artes tinham esse poder. Essas produções artísticas são apreciadas tipicamente nos cinemas, porém, pesquisas indicam que somente 17% da população brasileira tem acesso a esses locais. Dessa forma, visto a importância dos filmes, deve ocorrer uma democratização do acesso ao cinema no Brasil.

Em primeiro lugar, somente essa parcela da população frequentar cinemas associa-se ao valor do ingresso: pode chegar até cinquenta reais no estado de São Paulo, por exemplo, o que inviável, já que corresponde a, aproximadamente, 5% do salário mínimo. Evidência de que o preço é um fator limitante é o resultado da pesquisa que revelou que 88% dos telespectadores assistem a filmes na TV, tendência proporcionada pela existência de plataformas digitais como "Netflix", que cobra um valor mensal acessível e o usuário pode assistir a uma quantidade de filmes durante o mês.

Além dessa variável econômica, outra barreira à democratização do acesso ao cinema no Brasil é a localização desses ambientes. Atualmente, localizam-se, predominantemente, em "shoppings centers", entretanto, essa infraestrutura não chegou a todas regiões de um país tão desigual como o nosso. Há a carência de cinemas, pois, em cidades pequenas e regiões não tão desenvolvidas tais quais Norte e Nordeste.

Os filmes, portanto, são muito importantes na formação intelectual e cultural dos cidadãos e, por esse motivo, há a necessidade de se democratizar o acesso ao cinema no Brasil. A fim de que uma maior parcela da população tenha condições de ir a esses locais, vê-se como possível solução uma parceria público privada do Ministério da Cultura com empresas privadas de cinemas, em que o governo forneça verbas a essas instituições e essas, por sua vez, se estabeleçam em regiões mais afastadas, como periferias, cidades pequenas, regiões Norte e Nordeste, em espaços independentes de "shoppings" e cobrem valores acessíveis à população.

C1	C2	C3	C4	C5	Nota Final
180	200	200	200	160	940

Decepções de Policarpo

Na obra "O triste fim de Policarpo Quaresma", o autor Lima Barreto retratou um personagem e qual emergiu o Brasil de forma utópica e positivista. Entretanto, após sofrer inúmeras decepções, Policarpo Quaresma tem sua miopia social curada e, assim, passa a ver que a realidade da nação é bem distante de suas idealizações. Não longe da ficção, se o enredo dessa história se desenvolvesse no cenário atual do país, uma das principais decepções que o personagem sofreria seria sobre que o acesso ao cinema ainda não é democratizado. Esse panorama é fruto de questões nos âmbitos econômico e político.

Em um primeiro plano, deve-se analisar o papel que as grandes empresas cinematográficas possuem como delimitadoras do público que irá consumir os seus produtos. De acordo com a corrente filosófica do Utilitarismo, toda ação é desempenhada visando à maximização dos benefícios os quais pode gerar para quem a realiza. Sob esse prisma, a partir de uma lógica capitalista, observa-se que a indústria do cinema comercializa os filmes em cartaz, com preços altos, para a maior parte da população brasileira, com isso, potencializa os seus lucros. Dessa maneira, uma grande parcela da sociedade não consegue ter acesso à essa forma de entretenimento pois não possui recursos financeiros para tal.

Além disso, cabe ressaltar que o Estado intensifica a manutenção desse panorama. No filme brasileiro "Cine Halliudi", é evidenciado o descaso público na promoção do cinema no interior do país e que isso passa a ocorrer, principalmente, para atenderem determinadas políticas dessas regiões. Dessa maneira, ^{diferente} não ~~distinta~~ da ficção, nota-se que no Brasil existe uma lógica eleitoral, na qual, ao buscar sua permanência no poder, alguns governantes, com a proximidade de períodos eleitorais, imbuem temporariamente em questões sociais porém, as sucateiam após esses momentos. Nessa perspectiva, inúmeras cidades possuem pouca, ou nenhuma, estrutura para a promoção de filmes para os seus cidadãos devido ao investimento incorreto de setores públicos na minimização dessa problemática.

Dessa maneira, observa-se que a democratização do acesso ao cinema no Brasil não ocorre plenamente ^{em} ~~de~~ função da prevalência dos interesses privados da Indústria Cinematográfica e de políticos com más índoles em detrimento dos interesses da população. Nesse sentido, o Governo Federal deve atuar na diminuição de aspectos socio-geográficos que promovem a perpetuação da problemática. Isso pode ocorrer por meio de uma associação entre o Ministério da Cidadania e ~~estas~~ empresas midiáticas, as quais, com incentivos fiscais dados pelo Estado, deverão promover sessões com ingressos econômicos, para pessoas de baixa renda; além de implantar salas de cinema em regiões marginalizadas no país. Essas medidas terão por finalidade ampliar as formas de acesso ao gênero cultural em questão, e democratizando verdadeiramente e, quem sabe assim, Policarpo Quaresma não sofreria mais uma decepção.

Decepções de Policarpo

Na obra “O Triste fim de Policarpo Quaresma”, o autor Lima Barreto retratou um personagem o qual enxergava o Brasil de forma ufanista e positivista. Entretanto, após sofrer inúmeras decepções, Policarpo Quaresma tem sua miopia social curada e, assim, passa a ver que a realidade da nação é bem distante de sua idealização. Não longe da ficção, se o enredo dessa história se desenvolvesse no cenário atual do país, uma das possíveis decepções que o personagem sofreria seria notar que o acesso ao cinema ainda não é democratizado. Esse panorama é fruto de questões nos âmbitos econômico e político.

Em um primeiro plano, deve-se analisar o papel que as grandes empresas cinematográficas possuem como delimitadoras do público que irá consumir os seus produtos. De acordo com a corrente filosófica do Utilitarismo, toda ação é desempenhada visando à maximização dos benefícios os quais pode gerar para quem a realiza. Sob esse prisma, a partir de uma lógica capitalista, observa-se que a indústria do cinema comercializa os filmes em carta com preços altos, para a maior parte da população brasileira, e, com isso, potencializa os seus lucros. Dessa maneira, uma grande parcela da sociedade não consegue ter acesso à essa forma de entretenimento pois não possui recursos financeiros para tal.

Além disso, cabe ressaltar que o Estado intensifica a manutenção desse panorama. No filme brasileiro “Cine Holliud”, é evidenciado o descaso público na promoção do cinema no interior do país e que isso passa a ocorrer, principalmente, para autopromover determinados políticos dessas regiões. Desse modo, não diferente da ficção, nota-se que no Brasil existe uma lógica eleitoral, na qual, ao buscar sua permanência no poder, alguns governantes, com a proximidade de períodos eleitorais, investem temporariamente em questões sociais porém, as sucateiam após esses momentos. Nessa perspectiva, inúmeras cidades possuem pouca, ou nenhuma, estrutura para a promoção de filmes para os seus cidadãos devido ao investimento incorreto de setores públicos na minimização dessa problemática.

Dessa maneira, observa-se que a democratização do acesso ao cinema no Brasil não ocorre plenamente em função da prevalência dos interesses privados da Indústria Cinematográfica e de políticos com más índoles em detrimento da população. Nesse sentido, o Governo Federal deve atuar na diminuição de aspectos sócio-geográficos que promovem a perpetuação da problemática. Isso pode ocorrer por meio de uma associação entre o Ministério da Cidadania e empresas midiáticas, os quais, com incentivos fiscais dados pelo Estado, deverão promover sessões com ingressos econômicos, para pessoas de baixa renda; além de implantar salas de cinema em regiões marginalizadas no país. Essas medidas terão por finalidade ampliar as formas de acesso ao gênero cultural em questão, o democratizando verdadeiramente e, quem sabe assim, Policarpo Quaresma não sofreria mais uma decepção.

C1	C2	C3	C4	C5	Nota Final
200	200	180	200	200	980

1 Em meio aos avanços proporcionados pela Revolução Industrial, é inegável as transformações gradas na
2 sociedade pelo advento da tecnologia. Nesse contexto, o sentimento generalizado de otimismo e de progresso da ci-
3 vilização remetem à ^{F Belle Époque} ~~(Belle Époque)~~, período no qual a Europa, no final do século XIX, experimentou uma
4 intensa urbanização associada a largas avenidas iluminadas, automóveis e cinemas, tendo sido, o princi-
5 pal deles, construído no Paris de 1895. Contudo, se para alguns o telecinema foi sinônimo de conquistas no que
6 diz respeito a lazer e entretenimento, para outros ela apenas ampliou uma injustiça social, não passando
7 um meio de ser impossível de ser realizado. Dessa forma, problemas como a grande desigualdade social
8 somada a manipulação, por parte de uma elite, dos conteúdos exibidos dificultam a democrati-
9 zação do acesso ao cinema no Brasil.

10 Em uma primeira análise, de acordo com a ONU (Organização das Nações Unidas), o Brasil está entre os
11 20 países mais desiguais do mundo, com um dos piores índices Gini - medidas de desigualdade. Nesse panorama,
12 os dados refletem uma sociedade baseada em grandes diferenças socioeconômicas, na qual apenas uma eli-
13 te, que concentra a maior parte da renda, pode ter acesso ao entretenimento, uma vez que os cinemas
14 não são públicos, enquanto que a outra enorme parcela fica marginalizada culturalmente. Outro sím-
15 bo de forma análoga ao Mito da caverna de Platão - na qual homens se encontram presos em uma caverna e
16 não conseguem ver além das luzes e os conhecimentos de seu exterior - assim é a situação da população
17 excluída, impedida de ter acesso aos conteúdos apresentados e às formas diferentes de interpretar o mundo.
18 Ademais, de acordo com o conceito de Indústria Cultural, criada pelo filósofo Adorno, do século XX em diante
19 a cultura passou a ser interpretada como mercadoria na lógica capitalista vigente. Por conseguinte, a indústria dos
20 cinemas, com o ^{intuito} ~~(objetivo)~~ de obter alta lucratividade, passou a exibir em seus cartazes predominantemente
21 filmes oriundos da cultura midiática manipulada, que rendem as maiores bilheterias. Diante, a democri-
22 tização desses espaços é novamente afetada, uma vez que algumas produções que apudam deter-
23 minada parcela da sociedade não são exibidas pelo fato de não garantirem grandes públicos, tendo
24 assim, tal porcentagem da população, seus ~~(seus)~~ ^(seus) desejos negligenciados.

25 Em suma, para ^{mitigar} ~~(reverter)~~ tal problemática, é dever do governo, em parceria com o Ministério da Cultura,
26 investir em medidas assistencialistas, além de fiscalizar e melhorar os já existentes, por meio de ingressos
27 gratuitos de cinema para a população carente que não tem condições de adquiri-los a fim de ter
28 nos tais ambientes um espaço frequentado por toda população, independentemente de sua classe so-
29 cial. Além disso, as medidas assistencialistas devem ser adotadas em todas as prefeituras a todos
30 aqueles que comprovarem a renda e manifestarem o desejo de frequentar o cinema.

Em meio aos avanços proporcionados pela Revolução Industrial, é invejável as transformações geradas na sociedade pelo advento da tecnologia. Nesse contexto, o sentimento generalizado de otimismo e de progresso da civilização remetem à "Belle Époque", período no qual a Europa, no final do século XIX, experimentava uma intensa urbanização associada a largas avenidas iluminadas, automóveis e cinemas, tendo sido, o primeiro deles, contruído na Paris de 1895. Contudo, se para alguns a telearte foi sinônimo de conquistas no que diz respeito a lazer e entretenimento, para outros ela apenas ampliou uma injustiça social, não passando de um mero desejo impossível de ser realizado. Dessa forma, problemas como a grande desigualdade social somada a manipulação, por parte de uma elite, dos conteúdos expostos dificultam a democratização do acesso ao cinema no Brasil.

Em uma primeira análise, de acordo com a ONU (Organização das Nações Unidas), o Brasil está entre os 20 países mais desiguais do mundo, com um dos piores índices Gini - medidor de desigualdade. Nesse panorama, os dados refletem uma sociedade baseada em grandes diferenças socioeconômicas, na qual apenas uma elite, que concentra a maior parte da renda, pode ter acesso ao entretenimento, uma vez que os cinemas não são públicos, enquanto que a outra enorme parcela fica marginalizada culturalmente. Outrossim, de forma análoga ao Mito da Caverna de Platão - na qual homens se encontram presos em uma caverna e não conseguem vislumbrar a luz e os conhecimentos de seu exterior- assim é a situação da população excluída, impedida de ter acesso aos conteúdos apresentados e às formas diferentes de se interpretar o mundo.

Ademais, de acordo com o conceito de Indústria Cultural, criada pelo filósofo Adorno, do século XX em diante a cultura passou a ser interpretada como mercadoria na lógica capitalista vigente. Por conseguinte, a indústria dos cinemas, com o intuito de obter alta lucratividade, passou a exhibir em seus cartazes predominantemente filmes oriundos da cultura midiática massificada, que rendem as maiores bilheterias. Dessarte, a democratização desses espaços é novamente afetada, uma vez que algumas produções que agradam determinada parcela da sociedade não são exibidas pelo fato de não gerarem grandes públicos, tendo assim, tal porcentagem da população, seus desejos negligenciados.

Em suma, para mitigar tal problemática, é dever do Governo, em parceria com o Ministério da Cultura, investir em medidas assistencialistas, além de fiscalizar e melhorar as já existentes, por meio ingressos gratuitos de cinema para a população carente que não tem condições de adquirí-los a fim de tornar tais ambientes um espaço frequentado por toda população, independentemente de sua classe social. Além disso, as medidas assistencialistas devem ser cedidas em todas as prefeituras a todos aqueles que comprovarem a renda e manifestarem o desejo de frequentar o cinema.

C1	C2	C3	C4	C5	Nota Final
160	200	180	200	180	940

1	No filme Batman, é possível perceber a desigualdade de acesso do público ao cinema, restrito à
2	parcela populacional mais rica da cidade de Gotham. De modo análogo, na realidade hodierna brasilei-
3	ra, pode-se notar um problema semelhante, o qual vai de encontro ao princípio de isonomia, garantido
4	pela Constituição Federal de 1988. Sob essa ótica, seja pela conservação de ideais retrógrados, seja pe-
5	las disparidades econômicas nacionais, mostre-se fundamental a realização de um debate acerca da questão.
6	Em primeiro plano, é válido analisar que a segregação social dificulta o processo de democratização do
7	cinema. Nesse panorama, entende-se a existência de um preconceito pre na sociedade, o qual é justificado,
8	principalmente, pelo caráter etnocêntrico do Brasil, durante o período de colonização. Consequentemente, a
9	manutenção dessa relação de hierarquia, nos dias atuais, resulta em ataques racistas e xenofóbicos.
10	Desse modo, as vítimas, buscando sua proteção, evitam visitar certos locais públicos, como shoppings
11	e cinemas, o que prejudica a disponibilização da mídia coletiva a todos.
12	Além disso, evidencia-se o privilégio que as regiões brasileiras com maiores rendas possuem como
13	outro fator dessa problemática. Isso ocorre uma vez que há uma concentração dos investimentos financeiros ^{nos} em
14	grandes cidades, processo visto também com as Reformas Joaninas, ocorridas no Rio de Janeiro, durante o
15	século XIX. Por conseguinte, diversas localidades são excluídas do mundo cinematográfico, a exemplo da
16	carência de assistência governamental em boa parte da região Norte. Dessa forma, ocorre a banaliza-
17	ção de direitos constitucionais, os quais garantem bem-estar e lazer a todos os cidadãos, margina-
18	lizando diversos segmentos sociais.
19	É inadmissível, portanto, que a realidade segregadora presente do mundo fictício de Batman
20	seja presenciada fora das telas. Para isso, cabe ao Ministério da Educação, como principal órgão
21	responsável pela elevação dos cidadãos, a promoção da empatia entre os indivíduos, por meio de
22	palestras ministradas em universidades públicas, que pre tratem sobre a aceitação do próximo,
23	valorizando as diferenças sociais e culturais. Tal medida terá como fim o combate ao preconceito,
24	possibilitando o acesso seguro de toda a população ao cinema. Ademais, é importante que o Minis-
25	tério Público garanta o lazer ^{em} de locais com menor assistência, através da redistribuição de
26	verbas, com o objetivo de democratizar o mes mundo cinematográfico a todas as regiões bresi-
27	leiras. Somente assim, poder-se-á respeitar os direitos descritos na Constituição Federal de
28	1988.
29	
30	

No filme *Batman*, é possível perceber a desigualdade do acesso do público ao cinema, restrito à parcela populacional mais rica da cidade de Gotham. De modo análogo, na realidade hodierna brasileira, pode-se notar um problema semelhante, o qual vai de encontro ao princípio de isonomia, garantido pela Constituição Federal de 1988. Sob essa ótica, seja pela conservação de ideais retrógrados, seja pelas disparidades econômicas nacionais, mostra-se fundamental a realização de um debate acerca da questão.

Em primeiro plano, é válido analisar que a segregação social dificulta o processo de democratização do cinema. Nesse panorama, entende-se a existência de um preconceito na sociedade, o qual é justificado, principalmente, pelo caráter etnocêntrico do Brasil, durante o período de Colonização. Conseqüentemente, a manutenção dessa relação de hierarquia, nos dias atuais, resulta em ataques racistas e xenofóbicos. Desse modo, as vítimas, buscando sua proteção, evitam visitar certos locais públicos, como shoppings e cinemas, o que prejudica a disponibilização da mídia coletiva a todos.

Além disso, evidencia-se o privilégio que as regiões brasileiras com maiores rendas possuem como outro fator dessa problemática. Isso ocorre uma vez que há uma concentração dos investimentos financeiros nas grandes cidades, processo visto também com as Reformas Joaninas, ocorridas no Rio de Janeiro, durante o século XIX.

Por conseguinte, diversas localidades são excluídas do mundo cinematográfico, a exemplo da carência de assistência governamental em boa parte da região Norte. Dessa forma, ocorre a banalização de direitos constitucionais, os quais garantem bem-estar e lazer a todos os cidadãos, marginalizando diversos segmentos sociais.

É inadmissível, portanto, que a realidade segregadora do mundo fictício de *Batman* seja presenciada fora das telas. Para isso, cabe ao Ministério da Educação, como principal órgão responsável pela elucidação dos cidadãos, a promoção da empatia entre os indivíduos, por meio de palestras, ministradas em universidades públicas, que tratem sobre a aceitação ao próximo, valorizando as diferenças sociais e culturais. Tal medida terá como fim o combate ao preconceito, possibilitando o acesso seguro de toda a população ao cinema. Ademais, é importante que o Ministério Público garanta o lazer em locais com menor assistência, através da redistribuição de verbas, com o objetivo de democratizar o mundo cinematográfico a todas as regiões brasileiras. Somente assim, poder-se-á respeitar os direitos descritos na Constituição Federal de 1988.

C1	C2	C3	C4	C5	Nota Final
-	-	-	-	-	980

1 No filme, "Bastardos Ingleses" é retratada a sociedade europeia no contexto da Segunda Guerra Mundial Nesse sentido,
 2 a narrativa traça a trajetória de uma jovem judia que consegue escapar e fugir as incursões alemãs através por sua
 3 família Admiss, uma produção cinematográfica mostra como uma arte acessível apenas às classes dominantes, até mes-
 4 mo o seu conteúdo era restrito. Essa ideia de acesso, uma qualidade pode ser relacionada ao Brasil contemporâneo: a circulação
 5 de filmes permanece limitada à população com maior poder aquisitivo. Assim, faz-se pertinente analisar a democratização
 6 de acesso ao cinema do Brasil. Entre os principais fatores dessa problemática, destacam-se: falta de infraestrutura e o conteúdo he-
 7 gemonico presente nos filmes.
 8 Em primeiro lugar, é importante destacar a precariedade de investimentos em infraestrutura cultural. Atualmente, a arena
 9 mundial é majoritariamente capitalista. Sendo assim, as empresas produtoras de filmes concentram as suas atividades
 10 nos locais de elevada ~~captação~~ capitalização. É consequente políticas públicas de incentivo ao cinema deixam ser implementa-
 11 das pelas autoridades como fato de subordinação ao seu nome às classes mais pobres. Entretanto, por compelir as classes dominantes
 12 elas restringem a oferta desse serviço para não subverter o status que e, dessa forma, manter os seus privilégios. Sob esse âmbito,
 13 uma comparação com o Marxismo do século XX de Gramsci faz-se possível, uma vez que o pensador propõe, em sua Teoria Crí-
 14 tica, que intelectuais orgânicos devem surgir da classe trabalhadora e imporem nas instituições burguesas a fim de fazê-
 15 las servir por dentro. Neste caso, as pessoas menos abastadas devem imporem na política para investir nos setores da cultura.
 16 Além da questão governamental, cabe mencionar, ainda, a temática eurocentrista presente em parte considerável das produções
 17 cinematográficas. Se acordo com Edgar Morin, o indivíduo manifesta interesse pelo cinema à medida que se sente representado. Nes-
 18 se sentido, pode-se compreender como os filmes estrangeiros estrangeiros por atempar recordes de bilheteria, no entanto, nem sempre
 19 são apreciados nos países internos do país. Isso ocorre porque confirma os preceitos da Escola de Frankfurt, a Indústria
 20 Cultural tenta homogeneizar o gosto do público através da preparação da cultura de massas, explicando de forma mais fácil-
 21 mente manipulável. Consequentemente, a prática de apropriar apenas a arte produzida pelos países imperialistas gera um
 22 distanciamento entre arte e espectador. Por isso, é preciso investir no cinema nacional brasileiro, pois contribui para ~~de~~ demo-
 23 craticar o ~~seu~~ seu acesso e também para a consolidação de uma identidade nacional.
 24 À luz do exposto, pode-se concluir, portanto, a necessidade de implementar políticas públicas de democratização de ac-
 25 so ao cinema no Brasil com a finalidade de entender a circulação pública de filmes à população de baixa renda e peri-
 26 férica, o Governo Federal deve realizar investimentos em infraestrutura, por exemplo, o aumento no número de salas de cinema. Isso
 27 se torna viável por meio da retomada do Ministério da Cultura, haja vista que é imprescindível a intervenção direta de um órgão
 28 público para solucionar esse entrave. Provavelmente, cabe ao Poder Executivo conceder subsídios ao cinema nacional por intermédio de
 29 leis, como a Lei Rouanet de incentivos à cultura. Com tais medidas, não se evita que temas de violência, corrupção e crimes rela-
 30 cionados ao universo do cinema em "Bastardos Ingleses" se vejam na sociedade brasileira.

No filme, “Bastardos Inglórios” é retratada a sociedade europeia no contexto da Segunda Guerra Mundial. Nesse sentido, a trajetória de uma jovem judia que conseguiu rejeitar o Führer ao incendiar o cinema herdado por sua família. Ademais, essa produção cinematográfica mostra como essa arte era acessível apenas às classes dominantes, até mesmo o seu conteúdo era censurado. Fora da ficção, essa realidade pode ser relacionada ao Brasil contemporâneo: a exibição de filmes permanece limitada à população com maior poder aquisitivo. Assim, faz-se pertinente analisar a democratização do acesso ao cinema do Brasil.

Entre os principais fatores dessa problemática, destacam-se: falta de infraestrutura e o conteúdo hegemônico presente nos filmes.

Em primeiro lugar, é importante destacar a precariedade dos investimentos em infraestrutura urbana. Atualmente, a economia mundial é majoritariamente capitalista. Sendo assim, as empresas exibidoras de filmes concentram as suas atividades nos locais de elevada capitalização. Por conseguinte, políticas públicas de incentivo ao cinema deveriam ser implementadas pelas autoridades com o fito de subsidiar o seu acesso às classes mais pobres. Entretanto, por compor as classes dominantes, elas restringem a oferta desse serviço para não subverter o status quo e, dessa forma, manter os seus privilégios. Sob esse âmbito, uma comparação com o Marxismo do século XX de Gramsci faz-se possível, uma vez que o pensador propõe, em sua Teoria Crítica, que intelectuais orgânicos devem emergir da classe trabalhadora e ingressar nas instituições burguesas a fim de fazê-las ruir por dentro. Neste caso, as pessoas menos abastadas devem ingressar na política para investir no setor de cultura.

Além da questão governamental, cabe mencionar, ainda, a temática eurocentrista presente em parte considerável das produções cinematográficas. De acordo com Edgar Morin, o indivíduo manifesta interesse pelo cinema à medida que se sente representado. Nesse cenário, pode-se compreender como os filmes estrangeiros responsáveis por atingir recordes de bilheteria no exterior, nem sempre são apreciados nas regiões interioranas do país. Isso ocorre porque conforme os pensadores da Escola de Frankfurt, a Indústria Cultural tenta homogeneizar o gosto do público através da propagação da cultura de massas, objetivando torná-lo mais facilmente manipulável. Consequentemente, a prática de propagar apenas a arte produzida pelos países imperialistas gera um distanciamento entre a arte e o espectador. Por isso, é preciso investir no cinema brasileiro, pois contribui para democratizar o seu acesso e também para a consolidação de uma identidade nacional.

À luz do exposto, pode-se concluir, portanto, a necessidade de implementar políticas públicas de democratização do acesso ao cinema no Brasil. Com a finalidade de estender a exibição pública de filmes à população de baixa renda e periférica, o Governo Federal deve realizar investimentos em infraestrutura, por exemplo, o aumento no número de salas de cinema. Isso se torna viável por meio da retomada do Ministério da Cultura, haja vista que é imprescindível a intervenção direta de um órgão público para solucionar esse entrave. Paralelamente, cabe ao Poder Executivo conceber subsídios ao cinema nacional por intermédio de leis, como a Lei Rouanet de incentivo à cultura. Com tais medidas, visa-se evitar que cenas de violência, segregação e opressão relacionadas ao universo do cinema em “Bastardos Inglórios” se repitam na sociedade brasileira.

C1	C2	C3	C4	C5	Nota Final
180	200	200	200	200	980

Charlie Chaplin – expoente artífice inglês – inaugurou a produção cinematográfica mundial, revolucionando a concepção de entretenimento vigente na época. Contemporaneamente, obstante a essa atmosfera de progresso cultural, o acesso ao cinema ainda não é democrático no Brasil. Com efeito, essa problemática nefasta persiste intrinsecamente interpenetrada no país como um subproduto da negligência escolar, bem como do descaso estatal.

Em primeira análise, é mister salientar que a indiligência da escola suscita a desigualdade no acesso ao cinema no Brasil. Essa correlação pode ser justificada pela carência da inserção de filmes que permeiem as atividades curriculares, em detrimento do mero cumprimento dos conteúdos programáticos. Dessa forma, é possível aferir que muitos colégios brasileiros não tornam empírica a “Escola Asa”, teorizada pelo sociólogo Rubem Alves, a qual engendra cinéfilos conscientes dos benefícios socioemocionais de assistir filmes, uma vez que estão materializados na “Escola Gaiola”, em que os discentes tornam-se desinteressados a consumirem obras cinematográficas. Como resultado da displicência das instituições de ensino, a veia artística de cinema brasileiro perde, cada vez mais, a elasticidade de consumo e o fluxo de produção.

Outrossim, a inacessibilidade do povo ao cinema ergue-se como realidade empírica em decorrência da omissão estatal, haja vista a concentração dos polos culturais predominantemente nos grandes centros urbanos. A gênese desse fato decorre do fisiologismo político, em que políticas públicas de democratização cinematográfica são secundarizadas em detrimento de medidas cujos impactos midiático e eleitoreiro fomentam a permanência no poder. Nesse sentido, Simon Schartzman – afamado filósofo alemão – espelha esse cenário, pois, ao revisar as premissas weberianas, cunhou o termo “Neopatrimonialismo”, que pormenoriza como, na práxis política, os interesses pessoais pairam sobre o bem comum. Desse modo, grande parcela da população residente da periferia é inviabilizada de consumir as benesses do cinema, visto que o custo dos ingressos e do deslocamento encarece o acesso à cultura. Por conseguinte, o descaso governamental perfaz-se como uma metonímia de esfalecimento de zelo à cultura no Brasil.

Ratifica-se, portanto, que a negligência escolar, em paralelo à omissão estatal, influi a desigualdade de acessibilidade cinematográfica no Brasil. À vista disso, as instituições de ensino devem repensar os seus papéis pedagógicos. Tal ação pode ser realizada por meio da inserção de filmes que dialoguem com cada conteúdo programático, previstos na BNCC, os quais complementem ludicamente o conhecimento. Essa medida visa ao desenvolvimento do apreço ao cinema em toda a comunidade escolar. Ademais, o Poder Executivo Federal deve promover o reordenamento logístico da infraestrutura cinematográfica, por intermédio da construção de cinemas em periferias e em pequenas cidades. Dessa maneira, será possível arquitetar uma sociedade pautada na cidadania, reiterando a importância do cinema inaugurado por Chaplin.

C1	C2	C3	C4	C5	Nota Final
180	200	200	200	200	980

1	Segundo o filósofo grego Aristóteles, a arte é um reflexo da convivência social, possuindo im-
2	portante papel na que se refere à identificação dos indivíduos como pertencentes à nação. Malgrado o re-
3	conhecimento da arte como ferramenta identitária desde a antiguidade clássica, uma de suas principais
4	expressões, o cinema, apresenta-se restrita a pequena parcela dos brasileiros, seja em razão da se-
5	gregação socioespacial, seja por motivos econômicos.
6	É fulcral pontuar, mormente, o impacto da dinâmica urbana no acesso ao cinema. Consoante ao
7	filósofo Pierre Bourdieu, há uma setorização das cidades pautada em valores econômicos. Sob esse prisma,
8	observa-se massificada concentração de serviços, a exemplo do cinema, em regiões que agrupam cida-
9	dões de maior poderio de capital. Nessa perspectiva, enseja-se a exclusão de indivíduos que residem em
10	áreas periféricas, visto o longo deslocamento necessário para que garanta-se o contato com o serviço
11	cinematográfico. Assim, permite-se a manutenção de minorias negligenciadas não só no âmbito social,
12	mas também culturalmente.
13	É mister destacar, ademais, os obstáculos econômicos envolvidos na democratização do cinema. À
14	luz do sociólogo Karl Marx, o homem imerso em um viés capitalista tende a preferir valores éticos e morais em
15	prol da maximização lucrativa. Nesse ínterim, torna-se frequente a transformação das obras cinematográfi-
16	cas em produtos - visando ao estímulo monetário - em detrimento do valor cultural e do papel social des-
17	sas manifestações. Dessa maneira, ao elevar o custo inerente ao acesso às salas de cinema, viabiliza-se
18	que, devido às históricas desigualdades econômicas nacionais, apenas diminuta parcela do tecido social
19	possua condições de sustentá-la. Corrobora-se, por conseguinte, a assimetria no contato entre a sociedade e
20	o cinema, ratificando, em última análise, a restrição da cultura do país a reduzidas coletividades.
21	Torna-se claro, portanto, que são necessárias medidas capazes de mitigar tal hiato. Desse modo, cabe
22	às ONGS atuar na desconcentração dos serviços cinematográficos, por meio da instalação de salas de cinema
23	em regiões interioranas, haja vista o grande déficit no acesso a essas tecnologias nesses locais, com o fito
24	de transpor a problemática espacial que limita o alcance cultural. Compete também ao Poder Executivo, na
25	figura do Ministério da Cidadania, superar os obstáculos financeiros dessa problemática, por intermédio da rea-
26	lização de feiras - que ocorram mensalmente e gratuitamente - capazes de veicular filmes de su-
27	cesso, visando a democratizar economicamente o fenômeno cinematográfico. Assim, tornar-se-ia
28	possível aproximar-se, de fato, dos ensaios aristotélicos acerca da arte arte.
29	
30	

Segundo o filósofo grego Aristóteles, a arte é um reflexo da convivência social, possuindo importante papel no que se refere à nação. Malgrado o reconhecimento da arte como ferramenta identitária desde a antiguidade clássica, uma de suas principais expressões, o cinema, apresenta-se restrita a pequena parcela dos brasileiros, seja em razão da segregação socioespacial, seja por motivos econômicos.

É fulcral pontuar, mormente, o impacto da dinâmica urbana no acesso ao cinema. Consoante ao filósofo Pierre Bourdieu, há uma setorização das cidades pautada em valores econômicos. Sob esse prisma, observa-se massificada concentração de serviços, a exemplo do cinema, em regiões que agrupam cidadãos de maior poderio de capital. Nessa perspectiva, enseja-se a exclusão de indivíduos que residem em áreas periféricas, visto oblongo deslocamento necessário para que garanta-se o contato direto com o serviço cinematográfico. Assim, permite-se a manutenção de minorias negligenciadas não só no âmbito social, mas também culturalmente.

É mister destacar, ademais, os obstáculos econômicos envolvidos na democratização do cinema. À luz do sociólogo Karl Marx, o homem imerso em um viés capitalista tende a preterir valores éticos e morais em prol da maximização lucrativa. Nesse ínterim, torna-se frequente a transformação das obras cinematográficas em produtos -visando ao acúmulo monetário- em detrimento do valor cultural e do papel social dessas manifestações. Dessa maneira, ao elevar o custo inerente ao acesso às salas de cinema, viabiliza-se que, devido às históricas desigualdades econômicas nacionais, apenas diminuta parcela do tecido social possua condições de sustentá-lo. Corrobora-se, por conseguinte, a assimetria no contato entre a sociedade e o cinema, ratificando, em última análise, a restrição da cultura do país a reduzidas coletividades.

Torna-se claro, portanto, que são necessárias medidas capazes de mitigar tal hiato. Desse modo, cabe às ONGS atuar na desconcentração dos serviços cinematográficos, por meio da instalação de salas de cinemas em regiões interioranas, haja vista o grande déficit no acesso a essas tecnologias nesses locais, com o fito de transpor a problemática espacial que limita o alcance cultural. Compete também ao Poder Executivo, na figura do Ministério da Cidadania, superar os obstáculos financeiros dessa problemática, por intermédio da realização de feiras – que ocorram mensalmente e gratuitamente – capazes de veicular filmes de sucesso, visando democratizar economicamente o fenômeno cinematográfico. Assim, tornar-se-ia possível aproximar-se, de fato, dos ensaios aristotélicos acerca da arte.

C1	C2	C3	C4	C5	Nota Final
200	200	200	180	200	980

1 Os autores do movimento, desde literária até aos movimentos de 75 até, tinham
2 como um de seus princípios a valorização da vida no campo em detrimento da
3 urbana. São eles, a própria existência artística inerente ao ser humano, seria complexa
4 da naquele espaço, em contato com a natureza, do que neste, reforçada pela conexão
5 traços habitacionais. Contemporaneamente, as cidades tornaram-se o palco da vida
6 toda, trazendo com elas as manifestações culturais, de literatura e cinema. Com
7 tudo, tendo em vista a continentalidade e a heterogeneidade do Brasil, é preciso
8 repensar o modelo cinematográfico centralizado, de forma a contemplar toda a nação.
9 Inicialmente, faz-se necessário entender o processo de urbanização brasileiro, de
10 sua origem nos dias atuais. Com a conclusão tecnológica do campo, ocorrida
11 principalmente a partir dos anos 50, a oferta de empregos rurais despencou,
12 forçando o homem brasileiro a migrar para os centros regionais. Dessa forma,
13 toda atividade humana, incluindo aquelas ligadas ao entretenimento e ao lazer, foi
14 ser reformuladas, dentre elas o cinema, que até os anos 70 ainda era regionali-
15 zado, para atender aos novos modelos propostos e sociedade de consumo.
16 Consequentemente, por inserir-se no padrão de sociedade global, o país enfrenta
17 hoje algumas entraves no que tange à democratização do acesso à cidadania, e
18 não apenas a cultura, com destaque para os ramos de cinema. Porém, por
19 ser uma nação recentemente urbanizada, é possível ainda adotar-se os modelos
20 sustentáveis e solidários implementados por alguns países que vivenciam novas re-
21 duções industriais primariamente. Nesse local, houve um entendimento acerca
22 do potencial de socialização e promoção de conhecimentos que os artes têm.
23 Portanto, é incontestável o sucesso tecnológico brasileiro nas últimas décadas,
24 e com ele, a necessidade de se redemocratizar o acesso ao entretenimento e lazer.
25 Para tal, os estados devem criar e promover um novo grades de horários, horários de
26 cinema, a fim de criar esse hábito. Além disso, os três esferas de poder, munici-
27 cipal, estadual e federal, como agentes públicos promotores de inclusão social, devem
28 estimular, através de incentivos fiscais, a instalação de salas de cinema, não
29 apenas de interior, mas em áreas remotas do país, para que todos tenham acesso à cultura. Assim,
30 os países avançados, de cinema, vivenciam a manifestação dos artes em todos os palcos humanos.

Os autores do arcadismo, escola literária anterior ao nascimento da 7ª Arte, tinham como um de seus princípios a valorização da vida no campo em detrimento da urbana. Para eles, a própria essência artística inerente ao ser humano, seria ampliada naquele espaço, em contato com a natureza, ao invés deste, sufocada pela concentração habitacional. Contemporaneamente, as cidades tornaram-se o palco da sociedade, trazendo com elas as manifestações culturais, da literatura ao cinema. Contudo, tendo em vista a continentalidade e a heterogeneidade do Brasil, é preciso repensar o modelo cinematográfico centralizado, de forma a contemplar toda a Nação.

Inicialmente, faz-se necessário entender o processo de urbanização brasileiro, de sua origem aos dias atuais. Com a revolução tecnológica do campo, ocorrida principalmente a partir dos anos 50, a oferta de empregos rurais despencou, forçando o homem agrário a migrar para os centros regionais. Dessa forma, toda atividade humana, inclusive aquelas ligadas ao entretenimento e lazer, foram reformuladas, dentre elas, o cinema, que até os anos 70 ainda era regionalizado, para atender ao novo modelo proposto, a sociedade de consumo.

Conseqüentemente, por inserir-se no padrão de comunidade global, o país enfrenta hoje alguns entraves no que tange à democratização do acesso à cidadania, e nisso inclui-se a cultura, com destaque para as salas de cinema. Porém, por ser uma nação recentemente urbanizada, é possível ainda adequar-se ao modelo sustentável e solidário implementado por alguns países que viveram suas revoluções industriais primeiramente. Nesses locais, houve um entendimento acerca do potencial de socialização e promoção de conhecimento que as artes têm.

Portanto, é incontestável o avanço tecnológico brasileiro nas últimas décadas, e com ele, a necessidade de se redemocratizar os acessos ao entretenimento e lazer. Para tal, as escolas devem criar e promover em suas grades de horário, sessões de cinema, a fim de fomentar esse hábito. Além disso, as três esferas de poder, federal, estaduais e municipais, como agentes públicos promotores de inclusão social, devem estimular, através de incentivos fiscais, a instalação de salas de cinema nas cidades de interior, nas cinco regiões do país, para que todos tenham acesso à cultura. Assim, os poetas árcades, se vivos, veriam a manifestação das artes em todos os palcos humanos.

C1	C2	C3	C4	C5	Nota Final
160	200	200	200	200	960

1	Desde 1895, a partir da primeira exibição pública de cinema, em Paris, a população europeia
2	pôde usufruir das inovações cinematográficas como forma de diversão. A globalização, porém,
3	possibilitou que esse advento ganhasse expressão em todo o mundo, tendo se difundido no Brasil
4	ao longo do século XX e se concretizado com a criação da Ancine - Agência Nacional de Cine-
5	ma. No entanto, vê-se que, atualmente, o acesso a tal lazer não é, de fato, democratizado no pa-
6	ís, limitando o cumprimento da legislação brasileira.
7	Nota-se, de início, que a distribuição espacial dos estabelecimentos de exibição é feita de
8	maneira discriminatória, uma vez que se concentra em áreas de mais alta renda populacional.
9	De acordo com a Ancine, as regiões Norte e Nordeste, assim como as periferias urbanas e cidades
10	de pequeno porte permanecem mal atendidas no que tange à disponibilidade do referido lazer.
11	Associado a isso, tem-se que os valores cobrados pelos ingressos são, na maioria das vezes, altos,
12	portanto inacessíveis aos sujeitos de baixo ganho salarial. Por isso, verifica-se um processo de
13	exclusão no que originalmente foi programado para atuar como agente socializador.
14	Depreende-se, então, que esse cenário está em desconformidade com as normas estabelecidas
15	na Constituição de 1988, a qual garante o acesso livre ao lazer. Na obra "Cidadãos de Papel", o au-
16	tor Gilberto Dimenstein discorre sobre a condição geral dos brasileiros de estarem limitados a u-
17	na cidadania teórica - exclusiva ao papel - , já que os direitos previstos na legislação nacional
18	não são totalmente praticados. A partir disso, pode-se inferir que o pleno acesso ao cinema,
19	como forma de descontração, é, de fato, importante para que a democracia no Brasil não seja
20	ilusória, devendo ser alvo de investimento estatal.
21	Ao considerar, pois, o contexto moderno e a importância do supracitado direito da população
22	é preciso que o Estado intervenha em prol de colocá-lo em prática. Para tanto, o Ministério da Ci-
23	dadania, juntamente com a Ancine, deve fomentar a criação de um sistema que garanta a
24	entrada gratuita de pessoas de baixa renda nos estabelecimentos nacionais, ao menos uma vez por
25	mês, através de incentivos fiscais às empresas detentoras de cinemas, de maneira a possibilitar
26	o acesso democrático desse lazer nas grandes cidades. Ademais, as prefeituras devem incentivar a
27	abertura de cinemas nas áreas urbanas de médio porte, por meio da contratação de redes pri-
28	vatizadas do ramo, com o objetivo de disponibilizá-las à população local, além de gerar empregos
29	na região. Desse modo, os brasileiros não mais serão, como afirma Gilberto Dimenstein, "cidadãos
30	de papel".

Desde 1895, a partir da primeira exibição pública de cinema, em Paris, a população europeia pôde usufruir das inovações cinematográficas como forma de diversão. A globalização, porém, possibilitou que esse advento ganhasse expressão em todo mundo, tendo se difundido no Brasil ao longo do século XX e se concretizado com a criação da Ancine - Agência Nacional de Cinema. No entanto, vê-se que, atualmente, o acesso a tal lazer não é, de fato, democratizado no país, limitando o cumprimento da legislação brasileira.

Nota-se, de início, que a distribuição espacial dos estabelecimentos de exibição é feita de maneira discriminatória, uma vez que se concentra em áreas de mais alta renda populacional. De acordo com a Ancine, as regiões Norte e Nordeste, assim como as periferias urbanas e cidades de pequeno porte permanecem mal atendidas no que tange à disponibilidade do referido lazer. Associado a isso, tem-se que os valores cobrados pelos ingressos são, na maioria das vezes, altos, portanto inacessíveis aos sujeitos de baixo ganho salarial. Por isso, verifica-se um processo de exclusão no que originalmente foi programado para atuar como agente socializador.

Depreende-se, então, que esse cenário está em desconformidade com as normas estabelecidas na Constituição de 1988, a qual garante o acesso livre ao lazer. Na obra "Cidadãos de Papel", o autor Gilberto Dimenstein discorre sobre a condição geral dos brasileiros estarem limitados a uma cidadania teórica - exclusiva ao papel-, já que os direitos previstos na legislação nacional não são totalmente praticados. A partir disso, pode-se inferir que o pleno acesso ao cinema como forma de descontração, é, de fato, importante para que a democracia no Brasil não seja ilusória, devendo ser alvo de investimento estatal.

Ao considerar, pois, o contexto hodierno e a importância do supracitado direito da população, é preciso que o Estado intervenha em prol de colocá-lo em prática. Para tanto, o Ministério da Cidadania, juntamente com a Ancine, deve formentar a criação de um sistema que garanta a entrada gratuita de pessoas de baixa renda nos estabelecimentos nacionais, ao menos uma vez por mês, através de incentivos fiscais às empresas detentoras de cinemas, de maneira a possibilitar o acesso democrático desse lazer nas grandes cidades. Ademais, as prefeituras devem incentivar a abertura de cinemas nas áreas urbanas de médio porte, por meio da contratação de redes privadas do ramo, com o objetivo de disponibilizá-los à população local, além de gerar empregos na região. Desse modo, os brasileiros não mais serão, como afirma Gilberto Dimenstein, "cidadãos de papel".

C1	C2	C3	C4	C5	Nota Final
180	200	200	200	200	980

1 A 3ª Revolução Industrial marca o apogeu das transformações das novas dinâmicas de in-
2 formação e entretenimento, como o cinema. Sob tal rúiz, a democratização dessa forma de expressão,
3 na teoria, duraria por pluma no Brasil, porém, na prática, ainda encontra impicilhos, seja pela
4 desigualdade econômica brasileira, seja pela negligência da população perante o cinema. Portanto,
5 é fundamental analisar tais fatores, para que todos os cidadãos tenham acesso a esse lazer.

6 Nesse sentido, convém ressaltar como as disparidades econômicas prejudicam a ampliação
7 do cinema na sociedade brasileira. A medida que, segundo o conceito de "região concentrada" do
8 geógrafo Milton Santos, devido às raízes históricas do Brasil, o centro-sul do território é detem-
9 tor dos maiores investimentos: fluxos de informação, e regiões como uma região é mais equipada
10 em infraestrutura cinematográfica do que outras. Dessa forma, as diferenças socioeconômicas
11 presentes se materializam na quantidade e qualidade dos cinemas em cada espaço, visto que eles
12 dependem do capital de investimento direcionado majoritariamente às áreas mais favorecidas do
13 Sul e Sudeste, o que não impulsiona a democratização do acesso ao cinema.

14 Além disso, a negligência daqueles cidadãos que obtêm tal privilégio, também, dificulta a
15 plena distribuição para todo o país. Como, segundo o filósofo Sartre, todo todo ser humano está
16 condenado a fazer escolhas e sofrer as consequências delas, ao preferir ao optar por uma nova
17 opção de entretenimento disponível, um detrimento do cinema, devido à consciência de que
18 esta dinâmica se é prejudicial ao desenvolvimento e consequente perpetuação da indústria. Assim
19 com cada vez menos capital, o cinema, que já é considerado utilizado, não consegue expandir
20 para os lugares mais remotos. Acerca de tal lógica, ao escolher negligenciar o cinema, os
21 cidadãos que obtiveram acesso criaram consequências para aqueles que não o tiveram,
22 fator que vai de encontro à máxima do filósofo.

23 Toma-se evidente, portanto, como a democratização do acesso ao cinema no Brasil ainda apre-
24 senta obstáculos. Logo, a fim de reverter tal cenário e expandir tal entretenimento, caberia
25 grandes mídias, como por exemplo o grupo Globo, em parceria com universitários de socio-
26 logia e de comunicação social, promover um projeto cultural com o cinema em todas as
27 regiões que carecem desse lazer, através de uma equipe especializada que exibe cinemas
28 ao ar livre gratuito, isto é, passam filmes brasileiros e internacionais, em uma sala
29 de cinema itinerante, com programação atualizada para as pessoas menos favorecidas,
30 para que, assim, todo o Brasil se transforme em uma "região concentrada" de cinemas.

A 3ª Revolução Industrial marca o apogeu das transformações das novas dinâmicas de informação e entretenimento, como o cinema. Sob tal viés, a democratização dessa forma de expressão, na teoria, deveria ser plena no Brasil, porém, na prática, ainda encontra empecilhos, seja pela desigualdade econômica brasileira, seja pela negligência da população perante o cinema. Destarte, é fundamental analisar tais fatores, para que todos os cidadãos tenham acesso a esse lazer.

Nesse sentido, convém ressaltar como as disparidades econômicas prejudicam a ampliação do cinema na sociedade. À medida que, segundo o conceito de "região concentrada" do geógrafo Milton Santos, devido às raízes históricas do Brasil, o centro-sul do território é detentor dos maiores investimentos e fluxos de informação, é notório como essa região é mais equipada em infraestrutura cinematográfica do que outras. Dessa forma, as diferenças socioeconômicas presentes se materializam na quantidade e qualidade dos cinemas em cada espaço, visto que eles dependem do capital de investimento direcionado majoritariamente às áreas mais favorecidas do Sul e Sudeste, o que não impulsiona a democratização do acesso ao cinema.

Além disso, a negligência daqueles cidadãos que obtém tal privilégio, também, dificulta a plena distribuição para todo o país. Como, segundo o filósofo Sartre, todo ser humano está condenado a fazer escolhas e sofrer as consequências delas, as pessoas ao optarem pelas novas opções de entretenimento assistido, em detrimento do cinema, devem ter a consciência de que esta dinâmica é prejudicial ao arrecadamento e consequente perpetuação da indústria. Assim, com cada vez menos capital, o cinema, que já é considerado elitizado, não consegue expandir para os lugares mais carentes. Acerca de tal lógica, ao escolher negligenciar o cinema, os cidadãos que obtiveram acesso criaram consequências para aqueles que não o tiveram, fator que vai de encontro à máxima do filósofo.

Torna-se evidente, portanto, como a democratização do acesso ao cinema no Brasil ainda apresenta obstáculos. Logo, a fim de reverter tal cenário e expandir tal entretenimento, cabe às Grandes Mídias, como por exemplo o grupo Globo, em parceria com universitários de Sociologia e Comunicação Social, promover um projeto cultural com o cinema em todas as regiões que carecem desse lazer, através de uma equipe especializada que crie cinemas ao ar livre gratuito, isto é, passem filmes brasileiros e internacionais, em uma sala de cinema itinerante, com programação atualizada para as pessoas menos favorecidas, para que, assim, todo o Brasil se transforme em uma "região concentrada" de cinemas.

C1	C2	C3	C4	C5	Nota Final
180	200	200	200	200	980

Em meados do século XX, durante o governo de Juscelino Kubitschek, desenvolveu-se no país o “Cinema Novo”, em uma época de avanços tecnológicos. Entretanto, observa-se que essa preocupação governamental com o incentivo à cultura cinematográfica se perdeu no tempo, visto que, hoje, a negligência estatal impede a democratização do acesso ao cinema, o que corrobora impactos na formação do corpo social.

Em um primeiro plano, é possível afirmar que a displicência do governo não permite a democratização do acesso ao cinema. A gestão JK, iniciada na década de 1950, contou com o investimento estatal nas áreas culturais, por meio de projetos como o “Cinema Novo”, o qual se baseava em assegurar a acessibilidade pública ao advento cinematográfico: construíram-se salas de cinema nos municípios, nas quais eram exibidos filmes clássicos da nova indústria a um preço acessível para a população. Todavia, nota-se que esse comprometimento governamental com a garantia do acesso público ao cinema não é a realidade contemporânea do país, uma vez que a quantidade de cinemas populares construídos não acompanha a demanda social, de maneira que muitas cidades brasileiras ficam sem cinemas e são excluídas do universo cinematográfico. A prova disso é o dado da entidade governamental lancine, o qual revela que o país se encontra na posição 60 do ranking mundial referente a relação de habitantes por sala de cinema. Dessa maneira, nota-se com essa inércia estatal a diminuição da oferta de lazer, o que impacta a saúde mental da população, já que esta dispõe de menos alternativas para desestressar e descontraír, tendo em vista a rotina pesada dos trabalhadores brasileiros.

Em decorrência da falta de acesso público ao cinema, pode-se analisar os impactos no corpo social.

Nesse sentido, é válido destacar as benesses oferecidas pelo cinema: os filmes exibidos proporcionam o contato de expectador com diferentes culturas, ou mesmo com a relativa ao seu país, a partir de interações audio-visuais atrativas e inclusivas, as quais facilitam e estimulam o aprendizado e a identificação pessoal com o enredo. Analogamente a esse quadro, por meio da internalização de diferentes contextos e conjunturas sociais retratados nos filmes, o expectador toma consciência, por exemplo, de acontecimentos históricos que influenciaram a construção da sociedade hodierna e a modificaram, o que enriquece o senso crítico e intelectual do indivíduo.

Desse jeito, é possível observar os efeitos da ausência da cultura cinematográfica, a qual falta dificulta a formação sócio-cultural, crítica e intelectual do corpo social, conjuntura que resulta em uma população menos integrada à História e à cultura, tanto mundial como brasileira.

Torna-se evidente, portanto, que é essencial promover a democratização do acesso ao cinema. Para resolver esse problema, é necessário que o Governo Federal invista na cultura cinematográfica. Essa proposta deve ser realizada por meio da construção de cinemas públicos ao redor do país, os quais contem, por exemplo, com a oferta de filmes nacionais e internacionais, afim de assegurar o intercambio cultural. O objetivo dessa medida é democratizar o acesso ao cinema no Brasil, de modo a contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade mais crítica e integrada culturalmente.

C1	C2	C3	C4	C5	Nota Final
160	200	180	180	200	920

1 A corrente filosófica de Aristóteles, na Grécia antiga, afirmava a importância e a necessidade das
2 manifestações artísticas, como o teatro, para o bem da pólis, haja vista que eram capazes de preservar
3 a identidade e o espírito sentimental - o ethos. No cinema moderno, novas perspectivas culturais
4 vão se mostrando presentes na sociedade, dentre elas o cinema, que assim como o teatro grego é de
5 fundamental importância para o bem da pólis. Entretanto, na contemporaneidade brasileira, há uma fl
6 ta de democratização do acesso ^{o um meio cultural} ao cinema, e tal análise como a disparidade de infraestrutura e como o pirata-
7 rio intensificam esse problema.

8 Em um primeiro plano, é válido ressaltar que a inconsistente desigual em diferentes regiões prejudica a di-
9 fusão cinematográfica como um todo. Se esse é o caso, há uma contradição de teoria anti-globalista, a qual afirma
10 que a globalização, na medida em que facilita a fluidez de fluxos e forças nas regiões centrais, segrega e parti-
11 cipação das áreas periféricas nos processos. Em que pode ser verificada na especificidade de investimento
12 em salas de cinema no eixo Leste-Sul, integrando-se a atual lógica cinematográfica, enquanto o Leste dire-
13 cionalmente de se deslocar para o eixo Norte-Nordeste por meio da sua exclusão do universo do cinema. Decorrente dis-
14 so, verifica-se uma lógica contrária ao processo de democratização desse meio cultural no Brasil.

15 Ademais, torna-se profícua salientar que o incremento de práticas de pirataria no país agem me-
16 samente contrários à expansão do cinema. Nesse contexto, o chegada de Produção Tecnológica e Informacional no Brasil
17 ampliou o acesso à internet por população, o que facilitou a prática de cinema virtual, dentre
18 elas a comercialização de títulos baixados de maneira ilegal na web. Dentre dessa lógica, os filmes
19 que deveriam ser exibidos exclusivamente nos cinemas enfrentam a concorrência desleal do mer-
20 cado paralelo, haja vista que este não paga impostos nem direitos autorais às produtoras filmo-
21 gráficas, o que baixa o preço do produto. Assim, a pirataria é um fator que promove a redução de
22 público que frequenta os cinemas em território nacional.

23 Torna-se clara, portanto, a necessidade de ampliação do acesso ao cinema no Brasil.
24 Cabe ao Governo, sob o patrocínio do Ministério da Cultura, aumentar o número de estruturas cinematográ-
25 ficas. Essa medida pode ser efetivada por meio do investimento na construção de novas
26 salas de cinema que devam ser localizadas no eixo Norte-Nordeste, dentre do mesmo contin-
27 gente de salas no país. Tal ato almeja a democratização do acesso ^{cinematográfico} ao cinema em ân-
28 lito nacional, e não entrar em ~~conflito~~ harmonia com o pensamento de Aristóteles
29 em relação às manifestações artísticas.
30

A vertente filosófica de Aristóteles, na Grécia Antiga, afirmava a importância e a necessidade das manifestações artísticas, como o teatro, para o bem da pólis, haja vista que eram capazes de provocar a identificação e o expurgo sentimental-catarses. No cenário hodierno, novas perspectivas culturais se mostram presente na sociedade, dentre elas o cinema, que assim como o teatro grego é de fundamental importância para o bem estar social. Entretanto, na contemporaneidade brasileira, há uma falta de democratização do acesso a esse meio cultural, e cabe analisar como a disparidade de infraestrutura e como a pirataria intensificam essa problemática.

Em um primeiro plano, é válido ressaltar que o investimento desigual em diferentes regiões prejudicam a difusão cinematográfica como um todo. Sob essa ótica, há uma corroboração da teoria anti-globalista, a qual afirma que a globalização, na medida em que facilitou a fluidez de fluxos fixos nas regiões centrais, segregou a participação das áreas periféricas nesse processo. Esse quadro pode ser verificado na especificidade de investimento em salas de cinema no eixo Centro-Sul, integrando-os a atual lógica cinematográfica, enquanto o baixo direcionamento de verbas para o eixo Norte-Nordeste promove a sua exclusão do universo do cinema. Decorrente disso, verifica-se uma lógica contrária ao processo de democratização desse meio cultural no Brasil.

Ademais, torna-se profícuo salientar que o incremento de práticas de pirataria no país agem no sentido contrário à expansão do cinema. Nesse contexto, a chegada da Revolução Tecno-informacional ao Brasil ampliou o acesso à internet pela população, o que facilitou a prática de crimes virtuais, dentre eles a comercialização de títulos baixados de maneira ilegal na web. Dentro dessa lógica, os filmes que deveriam ser veiculados exclusivamente nos cinemas enfrentam a concorrência desleal do mercado paralelo, haja vista que este não paga impostos nem direitos autorais às produtoras filmográficas, o que barateia o preço do produto. Assim, a pirataria é um fator que provoca a redução do público que frequenta os cinemas em território nacional.

Torna-se claro, portanto, a necessidade da ampliação do acesso ao cinema no Brasil. Cabe ao Governo aumentar o número de estruturas cinematográficas. Essa medida pode ser efetivada por meio do investimento na construção de novas salas de cinema, que deve ser focalizada no eixo Norte-Nordeste, detentor do menor contingente de salas no país. Tal ato almeja a democratização do acesso cinematográfico em âmbito nacional, e visa entrar em harmonia com o pensamento de Aristóteles em relação às manifestações artísticas.

C1	C2	C3	C4	C5	Nota Final
160	200	200	200	200	960

1 O filme brasileiro "Bacurau" lançado recentemente foi alvo de avaliações positivas tanto por críticos
2 quanto pela população comum, elogiado por representar a realidade nacional de forma sagaz e inovadora. De
3 fato, o cinema representa ~~uma~~ um importante meio de veiculação cultural para qualquer país, fornecendo a seus es-
4 pectadores tanto entretenimento quanto novas fontes de reflexão. No entanto, embora já tenha sofrido grandes a-
5 vanços desde seu surgimento, esse espaço cinematográfico permanece como excludente a grande parte dos brasi-
6 leiros, ~~fruto~~ fruto de sua localização e preço inacessível a muitos e de uma rotina sem tempo para o lazer.

7 Cabe analisar, em primeiro plano, o caráter segregador do cinema em relação às populações periféricas.
8 Tal fato é decorrente de sua concentração em ambientes elitizados: de seus ingressos comumente caros, cená-
9 rio oriundo de um processo histórico de priorização dos investimentos estatais em cultura para regiões deten-
10 toras do poder econômico e político, a exemplo das reformas jacobinas ocorridas no período colonial, exclusivas
11 ao Rio de Janeiro, onde a família real residiu durante sua estadia. Nesse contexto, criou-se uma infraestruc-
12 tura cultural concentrada, em que as empresas privadas desse setor, buscando maior lucro e um público já
13 garantido, acumulam-se nas regiões centrais e de maior poder aquisitivo do país, reforçando a segregação.
14 Assim, o desgaste oriundo da locomoção até as salas cinematográficas e o custo das sessões tornam o cine-
15 ma um privilégio de difícil acesso a grande parte dos moradores da periferia do Brasil.

16 Ademais, é essencial reconhecer o escasso tempo livre da maioria da população economicamente ativa do
17 país. Tal fato justifica-se pelas extensas jornadas laborais vertidas atualmente, resultado da avanço tec-
18 nológico da Terceira Revolução Industrial, responsável por permitir que o trabalho, antes restrito a um am-
19 biente específico, agora seja acessível em qualquer espaço que possua Wi-Fi. Deste modo, muitos traba-
20 lhadores encontram-se sobrecarregados após o fim de seus serviços e, sem disposição para atividades fora do
21 ambiente doméstico, frequentemente substituem uma sessão no cinema por uma tarde em frente à TV de casa.

22 É possível inferir, portanto, que os cinemas brasileiros infelizmente não se apresentam igualmente acessí-
23 velis a toda sua população, excluindo moradores marginalizados e a massa laboral. Buscando solucionar es-
24 sa questão, o Ministério da Mulher, Cidadania e Direitos Humanos deve repassar maior verba à Secreta-
25 ria da Cultura, para que esta possa incentivar a construção de cinemas em locais mais ~~dist~~ distantes das zo-
26 nas centrais. Tal ação deve ocorrer por meio de incentivos fiscais às empresas que adotem essa utilidade, depen-
27 da e garantir acesso igualitário a esse lazer para qualquer cidadão do país. Além disso, o mesmo órgão
28 deve também fornecer isenções às companhias do setor que garantirem descontos nos ingressos de seus funcionários
29 logo após o horário de trabalho, para que assim haja um estímulo à ida ao cinema em vez do tráfego di-
30 reto para casa. Deste modo, esse ambiente utópico se tornará de fato democrático a todo o Brasil.

O filme brasileiro “Bacurau” lançado recentemente foi alvo de avaliações positivas tanto por críticos quanto pela população comum, elogiado por representar a realidade nacional de forma sagaz e inovadora. De fato, o cinema representa um importante meio de veiculação cultural para qualquer país, fornecendo a seus espectadores tanto entretenimento quanto novas fontes de reflexão. No entanto, embora já tenha sofrido grandes avanços desde seu surgimento, esse espaço cinematográfico permanece como excludente a grande parte dos brasileiros, fruto de sua localização e preço inacessível a muitos e de uma nação sem tempo para o lazer.

Cabe analisar, em primeiro plano, o caráter segregador do cinema em relação às populações periféricas. Tal fato é decorrente de sua concentração em ambientes elitizados e de seus ingressos comumente caros, cenário oriundo de um processo histórico de priorização dos investimentos estatais em cultura para regiões detentoras do poder econômico e político, a exemplo das reformas joaninas ocorridas no período colonial, exclusivas ao Rio de Janeiro, onde a família real residiu durante sua estadia. Nesse contexto, cria-se uma infraestrutura cultural concentrada em que as empresas privadas desse setor, buscando maior lucro e um público já garantido, acumulam-se nas regiões centrais e de maior poder aquisitivo do país, reforçando a segregação. Assim, o desgaste oriundo da locomoção até as salas cinematográficas e o custo das sessões tornam o cinema um privilégio de difícil acesso a grande parte dos moradores da periferia do Brasil.

Ademais, é essencial reconhecer o escasso tempo livre da maioria da população economicamente ativa do país. Tal fato, justifica-se pelas extensas jornadas laborais verificadas atualmente, resultado do avanço tecnológico da Terceira Revolução Industrial, responsável por permitir que o trabalho, antes restrito a um ambiente específico, agora seja acessível em qualquer espaço que possua Wi-Fi. Desse modo muitos trabalhadores encontram-se sobrecarregados após o fim de seus serviços e, sem disposição para atividades fora do ambiente doméstico, frequentemente substituem uma sessão no cinema por uma tarde em frente à TV de casa.

É possível inferir, portanto, que os cinemas brasileiros infelizmente não se apresentam igualmente acessíveis a toda sua população, excluindo moradores marginalizados e a massa laboral. Buscando solucionar essa questão, o Ministério da Mulher, Cidadania e Direitos Humanos deve repassar maior verba à Secretaria da Cultura, para que esta possa incentivar a construção de cinemas em locais mais distantes das zonas centrais. Tal ação deve ocorrer por meio de incentivos fiscais às empresas que adotem essa atitude, de forma a garantir acesso igualitário a esse lazer para qualquer cidadão do país. Além disso, o mesmo órgão deve também fornecer isenções às companhias do setor que garantirem descontos nos ingressos de seus funcionários logo após o horário de trabalho, para que assim haja um estímulo à ida ao cinema em vez do trajeto direto pra casa. Desse modo, esse ambiente artístico se tornará de fato democrático a todo Brasil.

C1	C2	C3	C4	C5	Nota Final
160	200	200	200	200	960

1	Uma verdadeira translação social
2	O sucesso dos shopping centers propiciou a disseminação dos cinemas a partir dos anos
3	2000. No entanto, esse fenômeno não ocorreu de maneira homogênea no Brasil, evidenciando uma questão
4	abastante no que tange à democratização do acesso a esse tipo de entretenimento. Nesse contexto, é
5	preciso analisar as verdadeiras causas desse problema para solucioná-lo.
6	De início, é válido analisar o panorama político-estrutural dessa questão. De uma pers-
7	pectiva, observa-se que o acesso ao cinema representa uma prática elitista na sociedade brasilei-
8	ra. Em outras palavras, a concentração de salas cinematográficas em grandes centros urbanos
9	de elevada renda "per capita" é responsável pela marginalização de populações periféricas. Es-
10	ses indivíduos deitam de frequentar ambientes com excludentes devido ao custo com trans-
11	porte, os elevados valores das mercadorias ou os preços que enfrentam por não se adequa-
12	rem aos padrões vigentes, como a utilização de determinados roupas ou a adoção de con-
13	tos comportamentais. Ressa dica surge no fato de que apenas 17% da população frequenta o cine-
14	ma, segundo a plataforma "Meio e Mensagem". Logo, o dilema descrito é fruto de lacunas
15	intrínsecas na própria estrutura, fundamentado por uma negligência governamental.
16	Além disso, é importante pontuar que a esfera sociocultural atua como uma precursora
17	dessa problemática. Isso ocorre porque não há um incentivo para o consumo de lazer no Brasil. Ou
18	seja, a valorização da cultura representa uma prática precária porque convencionalmente,
19	um incessante estímulo ao trabalho, representado pelo surgimento de novas ideias de en-
20	terpretações artísticas. Nesse sentido, o conceito de "translações" do filósofo alemão Friedrich Niet-
21	zsche é premissa. Segundo o autor, é necessário modificar os valores predominantes quando
22	estes prejudicam o bem estar coletivo. Sendo assim, a baixa popularização do cinema é fru-
23	to de uma herança social passada frente à necessidade de mudanças.
24	Insuficiente, portanto, a necessidade de combater o cenário descrito. Dessa forma, cabe ao Governo
25	Federal garantir a ampliação de entretenimento através da construção de cinemas em cidades carentes
26	dessa natureza, visando esta tarefa pelo levantamento de dados estatísticos. Ademais, compete ao
27	governo a valorização das manifestações artísticas por meio de projetos pedagógicos, como porções fre-
28	quentes a serem ambientadas pela parceria com empresas de redes telefônicas. Desta maneira, será
29	possível democratizar o acesso ao cinema no Brasil, tornando válido a filosofia de
30	Nietzsche e permitindo uma verdadeira translação social.

Uma verdadeira transcaloração social

A expansão dos shoppings centers propiciou a disseminação dos cinemas a partir dos anos 2000. No entanto, esse fenômeno não ocorreu de maneira homogênea no Brasil, evidenciando uma questão alarmante no que tange à democratização do acesso a esse tipo de entretenimento. Nesse contexto, é preciso analisar as verdadeiras causas desse problema para solucioná-lo.

De início, é válido analisar o panorama político-estrutural dessa questão. Sob essa perspectiva, observa-se que o acesso ao cinema representa uma prática elitista na sociedade brasileira. Em outras palavras, a concentração de salas cinematográficas em grandes centros urbanos de elevada renda "per capita" é responsável pela marginalização de populações periféricas. Esses indivíduos deixam de frequentar ambientes excludentes devido ao custo com transporte, ao elevado valor das mercadorias ou ao preconceito que enfrentam por não se adequarem aos padrões vigentes, como a utilização de determinadas roupas ou a adoção de certos comportamentos. Prova disso reside no fato de que apenas 17% da população frequenta o cinema, segundo a plataforma "Meio e Mensagem". Logo, o dilema descrito é fruto de lacunas intrigantes no aparato estrutural, fomentado por uma negligência governamental.

Além disso, é importante pontuar que a esfera sociocultural atua como uma precursora dessa problemática. Isso ocorre porque não há um incentivo para o consumo de lazer no Brasil. Ou seja, a valorização da cultura representa uma prática precária porque convencionou-se, tradicionalmente, um incessante estímulo ao trabalho, responsável pelo surgimento de massas alheias às expressões artísticas. Nesse sentido, o conceito de "transcaloração" do filósofo alemão Friederich Nietzsche é precarizado. Segundo o autor, é necessário modificar os valores predominantes quando estes prejudicam o bem estar coletivo. Sendo assim, a baixa popularização do cinema é fruto de uma herança social passiva frente à necessidade de mudanças.

Infere-se, portanto, a necessidade de combater o cenário descrito. Dessa forma, cabe ao Governo Federal garantir a ampliação do entretenimento através da construção de cinemas em cidades carentes desse recurso, realizando essa tarefa pelo levantamento de dados estatísticos. Ademais, compete à escola promover a valorização das manifestações artísticas por meio de projetos pedagógicos, como passeios frequentes a esses ambientes pela parceria com empresas de redes telegráficas. Feito isso, será possível democratizar o acesso ao cinema no Brasil, tornando válida a filosofia de Nietzsche e permitindo uma verdadeira transcaloração social.

C1	C2	C3	C4	C5	Nota Final
200	200	200	200	180	980

1 Segundo Pierre Bourdieu, o "capital cultural" é um aspecto de suma importância para construir a intelectualidade do sujeito. Paralela-
2 mente ao pensamento de filósofos, torna-se evidente que o cinema constitui um meio eficaz de transmissão de ideias e aquisição de co-
3 nhecimento. Entretanto, o acesso às salas cinematográficas não se difundiu de maneira integral, ainda que uma das primeiras experi-
4 ências tenham ocorrido no século XIX. Nesse sentido, para que haja uma democratização do acesso aos locais responsáveis pela repro-
5 dução dos filmes é imprescindível que haja um investimento na infraestrutura das salas adequadas para locais de grande acesso, bem como,
6 uma descentralização dos espaços os quais irão ocupar os espectadores.

7 Em uma primeira abordagem, é preciso compreender ainda que por mais que o número de salas tenha sido ampliado, elas não pos-
8 suem capacidade para comportar todas as pessoas, e pouco acessível a qual possibilite o ingresso daqueles indivíduos com baixo poder
9 aquisitivo. De acordo com Albert Camus "sem a cultura, e a liberdade relativa que ela pressupõe, a sociedade por mais perfeita que
10 seja não passa de uma sebra", ou seja, o cinema constitui uma forma de aquisição do capital cultural descrito por Bourdieu e ao res-
11 tringir o acesso desse meio à apenas uma parte da população - os mais abastados - o país estará sujeito à manutenção das desigualda-
12 des sociais. Sob essa perspectiva, o investimento do Estado na infraestrutura de locais estratégicos para que a implantação conte-
13 nha televisores espaciais e quando disponibilizar os filmes, ampliará substancialmente o número de pessoas as quais possuiriam a
14 visibilidade as possibilidades desse usufruto de lazer e bem estar.

15 Convinha destacar, posteriormente, que esses espaços os quais irão disponibilizar o conteúdo necessitam ser ampliado sem o benefi-
16 cimento de centros urbanos. Isso porque um dos principais entraves quanto o acesso ao cinema diz respeito ao local em que
17 os aparatos tecnológicos se inserem, pois, historicamente desvota-se que a preferência da instalação de centros de referência e
18 salas de vídeo acessíveis à deficientes se dá aos "shopping" e centros urbanos. Dessa forma, assim como pontua Neil Smith, com
19 o "gentrification", o próprio cinema acaba colaborando com o fenômeno da segregação socioespacial, ao passo que, as pri-
20 meiras empresas são localizadas com tais aspectos. Nesse contexto, urge a revisão dessa implementação injusta das salas de cinema
21 as quais privilegiam sobretudo os mais abastados, porquanto a Carta Magna garante a todos um estado igualitário e democrático de direitos.
22 Logo, em busca de que o acesso ao cinema seja democratizado é de relevância incommensurável a adoção de algumas medidas.

23 A consecução dessa premissa passa por uma atuação acertada do Estado no tocante ao estabelecimento de uma parceria com os Minis-
24 térios da Economia, e da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicação (MCTIC) com vistas à concessão de um percentual mínimo do
25 PIB em lei, o qual se destina à estruturação de locais periféricos e áreas distantes dos centros, haja vista que esses espaços, em maioria das
26 vezes, não dispõem de áreas de lazer. Tal medida possibilitaria uma maior difusão de valores e uma isonomia quanto à promoção da
27 pluralidade e interligabilidade do sujeito. Ademais, as pastas ministeriais competentes devem agir em conjunto para cumprir com uma
28 dos principais prerrogativas da Constituição Federal de 1988 desde o preâmbulo: o direito ao lazer e bem estar social. Nesse caso, a
29 concessão de benefícios fiscais às empresas as quais se disponibilizarem a descentralizar suas salas filmicas constitui uma boa investida. ~~Por~~
30 Destarte, conclui-se que a sociedade isonômica a qual deseja que o cinema, é um meio eficaz de lazer e aquisição de "capital cultural". 97

Segundo Pierre Bourdieu, o “capital cultural” é um aspecto de suma importância para construir a intelectualidade do sujeito. Paralelamente ao pensamento do filósofo, torna-se evidente que o cinema constitui um meio eficaz de transposição de ideias e aquisição do conhecimento. Entretanto, o acesso às salas cinematográficas não se difundiu de maneira integral, ainda que uma das primeiras experiências tenha ocorrido no século XIX. Nesse sentido, para que haja uma democratização do acesso aos locais responsáveis pela reprodução dos filmes é imprescindível que haja um investimento na infraestrutura de salas adequadas para locais de grande acesso, bem como, uma descentralização dos espaços os quais irão acepcionar os espectadores.

Em uma primeira abordagem, é preciso compreender que por mais que o número de salas tenha sido ampliado, elas não possuem capacidade para comportar todas as pessoas, e preço acessível o qual possibilite o ingresso daqueles indivíduos com baixo poder aquisitivo. De acordo com Albert Camus “sem q cultura, e a liberdade relativa que ela pressupõe, a sociedade por mais perfeita que seja não passa de uma selva”, ou seja, o cinema constitui uma forma de aquisição do capital cultural descrito por Bourdieu e ao restringir o acesso desse meio à apenas uma fatia da população - os mais abastados - o país estará sujeito à manutenção das desigualdades sociais. Sob essa perspectiva, o investimento do Estado na infraestrutura de locais estratégicos para que a implantação contenha televisores específicos os quais disponibilizarão os filmes, ampliaria substancialmente o número de pessoas as quais passaria a vislumbrar as possibilidades desse usufruto de lazer e bem estar.

Convém destacar, posteriormente, que esses espaços os quais vão disponibilizar o conteúdo necessitam ser ampliados sem o beneficiamento de centros urbanos. Isso porque um dos principais entraves quanto o acesso ao cinema diz respeito ao local em que os aparatos tecnológicos se inserem, pois, hodiernamente observa-se que a preferência da instalação de centros de videoconferência e salas de vídeo acessíveis à deficientes se dá aos “shoppings” e centros urbanos. Dessa forma, assim como postula Neil Smith com a “gentrificação”, o próprio cinema acaba colaborando com o fenômeno da segregação socioespacial ao passo que, as próprias empresas são lenientes com tais aspectos. Nesse ínterim, urge a revisão dessa implementação injusta das salas de cinema as quais priorizam sobretudo os mais abastados, porquanto a Carta Magna garante à todos um estado igualitário e democrático de direito.

Logo, em busca de que o acesso ao cinema seja democratizado é de relevância incomensurável a adoção de algumas medidas. A consecução dessa premissa passa por uma atuação contumaz do Estado no tocante ao estabelecimento de uma parceria com o Ministério da Economia, e da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MTIC), com vistas à previsão de um percentual mínimo do PIB em Lei, o qual se destine à estruturação de locais periféricos e áreas distantes dos centros, haja vista que esses espaços, na maioria das vezes, não dispõem de áreas de lazer. Tal medida possibilitaria uma maior difusão de valores e uma isonomia quanto à formação da subjetividade e intersubjetividade do sujeito. Ademais, as pastas ministeriais competentes devem agir em conjunto para cumprir com uma das principais prerrogativas da Constituição Federal de 1988 desde o preâmbulo: o direito ao lazer e bem estar social. Nesse viés, a concessão de benefícios fiscais à empresas as quais se disponibilizarem a descentralizar seus polos fílmicos constitui uma boa investida. Destarte, esperar-se-á uma sociedade isonômica a qual observe que o cinema é um meio eficaz de fazer a aquisição de “capital cultural”.

C1	C2	C3	C4	C5	Nota Final
180	200	200	200	180	960

1 Ao contrário dos princípios constitucionais relativos ao acesso à cultura, é notória a
2 problemática sobre a democratização do acesso ao cinema no Brasil. Nesse viés, tendo em vista a
3 devida relevância sócio-cultural dessa temática, faz-se mister a potencialização de políticas pú-
4 blicas no setor. Para o melhor entendimento da discussão em voga, cabe analisar a negligência
5 estatal quanto à gestão de recursos destinados à promoção do acesso a esse dispositivo cul-
6 tural e o papel da educação como aliada na democratização desse acesso.

7 Em primeiro plano, no que tange a negligência do Estado relacionada à falta de de-
8 democratização do acesso ao cinema no Brasil, é notória como a má gestão da verba pública des-
9 tinada a esse setor é causa fundamental dessa dificuldade, porquanto o Governo Federal é
10 constitucionalmente responsável pelo fornecimento de cultura e lazer. Nesse sentido, tal circum-
11 stância é ratificada no livro "Raízes do Brasil", de Sérgio Buarque de Holanda, no qual o autor
12 conceitua o Patrimonialismo - indistinação entre público e privado - como potencializador da má
13 gestão ~~ineficiente~~ ineficiente de verba pública, no campo do cinema. Dessa feita, entende-se a cru-
14 zial relevância de um Estado bem administrado para a efetivação do processo discutido.

15 Outrossim, relativos ao papel da educação no processo de universalização do
16 acesso ao cinema no país, é indispensável notar como o sistema educacional brasileiro deve
17 passar por uma adaptação, com o fito de conscientizar o cidadão a respeito da direito à cultura,
18 e despertar no estudante o interesse por esse acesso. Relacionado a isso, Paulo Freire ressalta a im-
19 portância da educação como promotora da emancipação intelectual do indivíduo, a qual, a partir des-
20 se processo, estaria mais consciente da ~~este~~ necessidade de se democratizar o acesso ao cinema no
21 país, por entender sua importância sócio-histórica. Dessa forma, compreende-se o papel educa-
22 cional na formação de indivíduos conscientes e engajados na questão em pauta.

23 Desse modo, a partir do entendimento da extrema necessidade de democratização do
24 acesso ao cinema no Brasil, cabe ao Governo Federal a criação de políticas de incentivos fiscais
25 fiscais ao cinema, por meio da redução de impostos vinculados à essas áreas - como no preço de in-
26 gresso dos cinemas privados - , com o fito de democratizar tal acesso. Além disso, é de responsa-
27 bilidade do Ministério da Educação a introdução de aulas de cinema - desde o ensino no fun-
28 damental I - por meio da exibição de filmes em sala de aula e a promoção de debates em
29 classe, objetivando a ~~democratização~~ universalização dos conceitos cinematográficos. Com
30 isso, ter-se-á a efetiva democratização do acesso ao cinema no Brasil.

Ao contrário dos princípios constitucionais relativos ao acesso à cultura, é notória a problemática sobre a democratização do acesso ao cinema no Brasil. Nesse viés, tendo em vista a devida relevância sócio-cultural dessa temática, faz-se mister a potencialização de políticas públicas no setor. Para o melhor entendimento da discussão em voga, cabe analisar: negligência estatal quanto à gestão de recursos destinados à promoção do acesso a esse dispositivo cultural e o papel da educação como aliada na democratização desse acesso.

Em primeiro plano, no que tange a negligência do Estado relacionada à falta de democratização do acesso ao cinema no Brasil, é notória como a má gestão da verba pública destinada a esse setor é causa fundamental dessa dificuldade, porquanto o Governo Federal é constitucionalmente responsável pelo fornecimento de cultura e lazer. Nesse sentido, tal circunstância é retificada no livro “Raízes do Brasil”, de Sérgio Buarque de Holanda, no qual o autor conceituava o patrimonialismo - indistinção entre público e o privado - como potencializador da gestão ineficiente de verba pública, no campo do cinema. Dessa feita, entende-se a crucial relevância de um Estado bem administrado para a efetivação do processo discutido.

Outrossim, relativo ao papel da educação no processo de universalização do acesso ao cinema no país, é indispensável notar como o sistema educacional brasileiro deve passar por uma adaptação, com o fito de conscientizar o cidadão a respeito do direito à cultura, e despertar no estudante o interesse por esse acesso. Relacionando isso, Paulo Freire ressalta a importância da educação como promotora da emancipação intelectual do indivíduo, o qual, a partir desse processo, estaria mais consciente da necessidade de democratizar o acesso ao cinema no país, por entender sua importância sócio-histórica. Dessa forma, compreende-se o papel educacional na formação de indivíduos cientes e engajados na questão em pauta.

Dessarte, a partir do entendimento da extrema necessidade de democratização do acesso ao cinema no Brasil, cabe ao Governo Federal a criação de políticas de incentivo fiscais ao cinema, por meio da redução de impostos vinculados a essa áreas- como no preço do ingresso dos cinemas privados -, com o fito de democratizar tal acesso. Além disso, é de responsabilidade do Ministério da Educação a introdução de aulas de cinema - desde o ensino fundamental I - por meio da exibição de filmes em sala de aula e a promoção de debates em classe, objetivando a universalização dos conceitos cinematográficos. Com isso ter-se-á a efetiva democratização do acesso ao cinema no Brasil.

C1	C2	C3	C4	C5	Nota Final
-	-	-	-	-	980

1 Com crescimento de 43% nos últimos cinco anos, a presença do cinema no cotidiano brasi-
2 leiro vem tornando-se cada vez mais forte, caracterizando, para muitos, uma forma de lazer
3 bastante valorizada. Entretanto, o acesso a esse meio de entretenimento no Brasil ainda
4 permanece altamente segregado na contemporaneidade. Dessa forma, o modelo educacional e a
5 hierarquia social vigentes no país caracterizam-se como empecilhos para sua democratização.
6 Em primeiro plano, cabe destacar que o modelo educacional brasileiro é altamente con-
7 teudista e voltado para a lógica do vestibular, não valorizando, portanto, a cultura artística. De a-
8 cordo com a filósofa brasileira Viviane Mosé, a educação no Brasil não contribui para a forma-
9 ção da cidadania, tendo em vista que isola os estudantes nas salas de aula. Sob essa óptica, as
10 escolas não ~~incentivam~~ ^{incentivam} as artes, como o cinema, por priorizarem os conteúdos, e criam a ideia
11 de não serem necessárias à população. Como consequência, a busca por esse entretenimento torna-
12 se secundária, o que impede sua expansão entre a sociedade, e o acesso cinematográfico permane-
13 ce segregado no país.

14 Além da educação adotada, vale ressaltar que o preconceito enraizado acerca da divisão
15 social encontrada no Brasil contribui para a perpetuação do acesso não democrático ao cinema. As-
16 sim como as exemplificadas no documentário "Rioto:", de Vladimir Seixas, as fronteiras invisíveis e
17 a segregação entre classes estão muito presentes no país. Essas lacunas na sociedade abrangem o âm-
18 bito espacial, vistas quando indivíduos de menor renda frequentam áreas mais ricas e sofrem discrimi-
19 nação, como mostrado no curta-metragem. Assim, os cinemas estão, em grande parte, presentes no co-
20 tidiano dos mais afortunados, gerando forte preconceito quando frequentados pela fração mais po-
21 bre da população, o que limita a igualdade em sua distribuição.

22 A democratização do acesso ao cinema no Brasil está, pois, condicionada a mudanças em
23 questões ~~que~~ ^{intrínsecas} à nação. A fim de incentivar a cultura artística nas escolas, ao Ministério da
24 Educação, em conjunto com as mídias, cabe a inserção de matérias de artes no currículo escolar obxi-
25 gatório, que devem abranger produções e projeções de obras cinematográficas. Isso deve ser feito
26 por intermédio da disponibilização desses materiais pelas corporações midiáticas atuantes nessa
27 área. Ademais, em parceria com ONG's, o MEC deve promover palestras e gincanas acerca da diversi-
28 dade social encontrada no Brasil, visando a minimizar o preconceito vigente e sendo concretizado
29 pela atuação de vítimas desse pensamento cristalizado nos trabalhos. Dessa maneira, o cinema
30 poderá ser apreciado por todos e de forma democrática no país.

Com crescimento de 43% nos últimos cinco anos, a presença do cinema no cotidiano brasileiro vem tornando-se cada vez mais forte, caracterizando, para muitos, uma forma de lazer bastante valorizada. Entretanto, o acesso a esse meio de entretenimento no Brasil ainda permanece altamente segregado na contemporaneidade. Dessa forma, o modelo educacional e a hierarquia social vigentes no país caracterizam-se como empecilhos para sua democratização.

Em primeiro plano, cabe destacar que o modelo educacional brasileiro é altamente conteudista e voltado para a lógica do vestibular, não valorizando, portanto, a cultura artística. De acordo com a filósofa brasileira Viviane Mosé, a educação no Brasil não contribui para a formação da cidadania, tendo em vista que isola os estudantes nas salas de aula. Sob essa óptica, as escolas não incentivam as artes, como o cinema, por priorizarem os conteúdos, e criam a ideia de não serem necessárias à população. Como consequência, a busca por esse entretenimento torna-se secundária, o que impede sua expansão entre a sociedade, e o acesso cinematográfico permanece segregado no país.

Além da educação adotada, vale ressaltar que o preconceito enraizado acerca da divisão social encontrada no Brasil contribui para a perpetuação do acesso não democrático ao cinema. Assim como as exemplificadas no documentário “Hiato:”, de Vladimir Seixas, as fronteiras invisíveis e a segregação entre classes estão muito presentes no país. Essas lacunas na sociedade abrangem o âmbito espacial, vistas quando indivíduos de menor renda frequentam áreas mais ricas e sofrem discriminação, como mostrado no curta-metragem. Assim, os cinemas estão, em grande parte, presentes no cotidiano dos mais afortunados, gerando forte preconceito quando frequentados pela fração mais pobre da população, o que limita a igualdade em sua distribuição.

A democratização do acesso ao cinema no Brasil está, pois, condicionada a mudanças em questões intrínsecas à nação. A fim de incentivar a cultura artística nas escolas, ao Ministério da Educação, em conjunto com as mídias, cabe a inserção de matérias de artes no currículo escolar obrigatório, que devem abranger produções e projeções de obras cinematográficas. Isso deve ser feito por intermédio da disponibilização desses materiais pelas corporações midiáticas atuantes nessa área. Ademais, em parceria com ONG's, o MEC deve promover palestras e gincanas acerca da diversidade social encontrada no Brasil, visando a minimizar o preconceito vigente e sendo concretizado pela atuação de vítimas desse pensamento cristalizado nos trabalhos. Dessa maneira, o cinema poderá ser apreciado por todos e de forma democrática no país.

C1	C2	C3	C4	C5	Nota Final
200	200	200	180	200	980

1 "A cultura deve ser um instrumento disponível para todos os povos!". Essa frase foi dita
2 pelo humanista brasileiro João Soares quando ele explicava sobre a importância da difusão da cultura
3 na. É evidente que uma excelente ferramenta de expansão dos mecanismos culturais de uma sociedade
4 é o cinema. Entretanto, verifica-se ^{que} o cinema brasileiro não é completamente acessível para sua
5 população. De fato, nota-se que fatores sustentam essa problemática, como o custo elevado das peças
6 dos ingressos e a precariedade dos mecanismos veiculadores da mídia cinematográfica. Logo, vê-se
7 que medidas são necessárias para reverter essa situação degradante à produção artística nacional.
8 De fato, é indubitável que a questão dos preços altos de entrada das salas de filmes interfere diretamente
9 nesse problema. Segundo o economista inglês Adam Smith, os preços dos produtos e serviços
10 negociados no sistema capitalista tendem à diminuição quando o mercado é incentivado a uma livre
11 concorrência entre empresas da mesma ramo. Seguindo esse pensamento, percebe-se que a distribuição
12 dos filmes está monopolizada em poucas empresas no mercado de exibição de obras cinematográficas
13 no Brasil. Esse monopólio provoca um aumento significativo no custo dos ingressos do
14 cinema e, conseqüentemente, uma diminuição da acessibilidade para as pessoas menos fortunadas. Dessa
15 maneira, é evidente que estratégias que aumentem a concorrência de empresas de cinema são necessárias.
16 Ademais, destacam-se os precários veículos de difusão da cultura como elementos intensificadores
17 desse problema. De acordo com o sociólogo francês Lévi Strauss, o conjunto de todos os elementos
18 constituintes da vida de um indivíduo, como códigos de comunicação, comportamentos sociais e modo de
19 organização, é definido como cultura. Por esse modelo teórico, nota-se que a sociedade brasileira ainda
20 não possui uma presença muito afirmativa no cinema, pois essa produção artística ainda não é um
21 elemento constituinte da cultura nacional, o que explica a taxa de apenas 17% da população, de acordo
22 com o site "Meia e Mensagem", frequentar o cinema. Dessa maneira, deve-se buscar ações que estimulem a
23 a sociedade a visitar as salas de cinema.
24 Entende-se, portanto, que medidas são necessárias para solucionar esse problema. Para tanto, o Ministério
25 da Economia deve estimular o surgimento de novas empresas de exibição de cinema, por meio de incentivos
26 fiscais para o empreendimento desse ramo, a fim de criar uma concorrência que permita a diminuição dos
27 preços dos ingressos. Esses incentivos devem se estabelecer de tal forma que possibilite a concorrência entre essas
28 novas empresas por consumidores e evite a criação de monopólios. Outrossim, os cinemas devem adotar estratégias
29 que estimulem a sociedade a frequentar regularmente ^{seus espaços} o cinema. Assim, conforme pronunciado por João Soares,
30 a sociedade poderá desfrutar de um acesso mais democrático ao cinema e ampliar sua cultura.

“A cultura deve ser um instrumento disponível para todas as pessoas!”. Essa frase foi dita pelo humorista brasileiro Jô Soares quando ele explicava sobre a importância da difusão da cultura. É evidente que uma excelente ferramenta de expansão dos mecanismos culturais de uma sociedade é o cinema. Entretanto, verifica-se que o cinema brasileiro não é completamente acessível para sua população. Decerto, nota-se que fatores sustentam essa problemática, como o custo elevado do preço dos ingressos, e a precariedade dos mecanismos veiculadores do meio cinematográfico. Logo, vê-se que medidas são necessárias para reverter essa situação degradante à produção artística nacional.

De fato, é indubitável que a questão dos preços altos da entrada das salas de filmes interfere diretamente nesse problema. Segundo o economista inglês Adam Smith, os preços dos produtos e serviços negociados no sistema capitalista tendem à diminuir quando o mercado é incentivado a uma livre concorrência entre empresas do mesmo ramo. Seguindo esse pensamento, percebe-se que a distribuição dos filmes está monopolizada em poucas empresas no mercado de exibições de obras cinematográficas no Brasil. Esse monopólio provoca um aumento significativo no custo dos ingressos de cinema e, conseqüentemente, uma diminuição da acessibilidade para as pessoas menos afortunadas. Desse modo, é evidente que estratégias que aumentem a concorrência de empresas de cinema são necessárias.

Ademais, destacam-se os precários veículos de difusão da cultura como elementos intensificadores desse problema. De acordo com o sociólogo francês Lévi Strauss, o conjunto de todos os elementos constituintes da vida de um indivíduo, como códigos de comunicação, comportamentos sociais e modo de organização, é definido como cultura. Por esse modelo teórico, nota-se que a sociedade brasileira ainda não possui uma presença muito afirmativa no cinema, pois essa produção artística ainda não é um elemento constituinte da cultura nacional, o que explica a taxa de apenas 17% da população, de acordo com o site “Meio e Mensagem”, frequentar o cinema. Dessa maneira, deve-se buscar ações que estimulem a sociedade à visitar as salas de cinema.

Entende-se, portanto, que medidas são necessárias para solucionar esse problema. Para tanto, o Ministério da Economia deve estimular o surgimento de novas empresas de exibição de cinema, por meio de incentivos fiscais para o empreendimento desse ramo, a fim de criar uma concorrência que garanta a diminuição dos preços dos ingressos. Esses incentivos devem se estabelecer de tal forma que possibilite a concorrência entre essas novas empresas por consumidores e evite a criação de monopólios. Outrossim, os cinemas devem adotar estratégias que estimulem a sociedade a frequentar regularmente seus espaços. Assim, conforme pronunciado por Jô Soares, a sociedade poderia desfrutar de um acesso mais democrático ao cinema e ampliaria sua cultura.

C1	C2	C3	C4	C5	Nota Final
200	180	180	200	200	960

Luz, câmara, democracia!

O filósofo Platão, em sua obra "A República", revela que uma polis democrática é aquela na qual todos os cidadãos têm acesso às suas atividades. Sob essa óptica, em uma democracia plena não pode existir nenhuma exclusão. No Brasil, porém, grande parte da população não pode acessar vários serviços, como o cinema, cuja democratização é dificultada pela falta da falta de salas e da elitização histórica desse meio de lazer.

Cabe ressaltar, a princípio, que a falta de salas de cinema é um dos principais empecilhos na democratização de seu acesso. Adam Smith, considerado o pai do liberalismo, formulou a tese da Lei da Oferta e da Procura, na qual, caso a demanda do mercado seja maior que a quantidade do produto ofertado, o preço do mesmo aumenta. Nesse sentido, como o número de salas é muito menor que o de habitantes, o ingresso atinge um valor muito alto, o que dificulta que os menos favorecidos possam comprá-lo. Dessa forma, toda a população abaixo da linha da pobreza, mais de 50%, segundo o IBGE, é excluída de utilizar esse serviço, que deveria ser um direito universal.

Além da questão da baixa oferta de locais, outro impedimento na democratização do acesso ao cinema no país é a sua elitização histórica. Até o século XX, a arte no Brasil era considerada um lazer apenas dos mais ricos. Foi apenas com a Semana da Arte Moderna em 1922 que esse pensamento foi quebrado e a arte foi disseminada. No entanto, esse movimento concentrou-se nos centros urbanos, onde estava a maior parte dos artistas. Da mesma forma, com a urbanização do Sudeste, os investimentos em outras regiões do país cessaram e suas populações foram privadas do cinema, pois ele tornou-se o centro cultural e econômico, isolando áreas como o Nordeste e o Norte.

Infere-se, portanto, que a democratização do acesso ao cinema no país tem como obstáculos a falta de salas e a elitização histórica do mesmo. Cabe aos Governos Municipais, em conjunto com a Secretaria de Cultura, garantir que os menos favorecidos possam assistir a filmes, por meio da organização de sessões gratuitas, a fim de protegê-los dos preços abusivos e, assim, permitir que desfrutem das produções culturais cinematográficas mesmo com o pequeno número de salas. Além disso, cabe ao Estado aumentar a verba de investimentos destinados ao cinema em regiões negligenciadas, para que mais salas sejam construídas e o acesso pelo território seja maior. Somente assim o Brasil estará mais perto de tornar-se uma democracia plena e justa.

Luz, câmera, democracia!

O filósofo Platão, em sua obra “A Republica” revela que uma pólis democrática é aquela na qual todos os cidadãos têm acesso as suas atividades. Sob essa óptica, em uma democracia plena não pode existir nenhuma exclusão. No Brasil, porém, grande parte da população não pode acessar vários serviços, como o cinema, cuja democratização é dificultada por conta da falta de salas e da elitização histórica desse meio de lazer.

Cabe ressaltar, a princípio, que a falta de salas de cinema é um dos principais empecilhos na democratização de seu acesso. Adam Smith, considerado o pai do liberalismo, formulou a tese da Lei da Oferta e da Procura, na qual, caso a demanda do mercado seja maior do que a quantidade do produto ofertado, o preço do mesmo aumenta. Nesse sentido, como o número de salas é muito menor do que o de habitantes, o ingresso atinge um valor muito alto, o que dificulta que os menos favorecidos possam comprá-lo. Dessa forma, toda a população abaixo da linha da pobreza, mais de 50% segundo o IBGE, é excluída de utilizar esse serviço, que deveria ser um direito universal.

Além da questão da baixa oferta de locais, outro impedimento na democratização do acesso ao cinema no país é a sua elitização histórica. Até o século XX, a arte no Brasil era considerada um lazer apenas dos mais ricos. Foi apenas com a Semana da Arte moderna em 1922 que esse pensamento foi quebrado e a arte disseminada. No entanto, esse movimento concentrou-se nos centros urbanos, onde estava a maior parte dos artistas. Da mesma forma, com a urbanização do Sudeste, os investimentos em outras regiões do país cessaram e suas populações foram privadas do cinema, pois ele tornou-se o centro cultural e econômico, isolando áreas como o Nordeste e o Norte.

Infere-se, portanto, que a democratização do acesso ao cinema no país tem como obstáculos a falta de salas e a elitização histórica do mesmo. Cabe aos Governos Municipais, em conjunto com a Secretaria de Cultura, garantir que os menos favorecidos possam assistir a filmes, por meio da organização de sessões gratuitas, a fim de protegê-los dos preços abusivos e, assim, permitir que desfrutem das produções culturais cinematográficas mesmo com o pequeno número de salas. Ademais, cabe ao Estado aumentar a verba de investimentos destinados ao cinema em regiões negligenciadas, para que mais salas sejam construídas e o acesso pelo território seja maior. Somente assim, o Brasil estará mais perto de tornar-se uma democracia plena e justa.

C1	C2	C3	C4	C5	Nota Final
180	200	200	200	200	980

1 O clássico "Viagem à Lua" foi o primeiro filme a se concentrar com as pioneiras téc-
2 nicas de efeitos especiais da época. A película contava a história de homens que viajaram
3 para o espaço e encontraram seres extraterrestres. Muitos anos depois, os recursos da in-
4 dústria cinematográfica evoluíram exponencialmente e elevaram o preço dos ingres-
5 sos em conjunto. Nessa conjuntura, percebe-se que o acesso ao cinema no Brasil
6 está atrelado a um contexto elitista e restrito, dificultando sua democratização.

7 A priori, é importante citar para o fato de que a ida ao cinema está se tornando
8 mais cara. Isso é comprovado pela diminuição do número de exibições em estabe-
9 lecimentos de rua, à medida que shoppings concentram a maioria das salas. Já que
10 é um ambiente normalmente segregador, indivíduos mais pobres têm dificuldades
11 de usufruir de tal lazer. Essa discrepância não está exclusivamente associada a re-
12 giões de uma mesma cidade. De acordo com o Índice Gini, indicador de desigualda-
13 de, o Brasil é um dos países mais estratificados do mundo, o que se reflete na
14 distribuição de cinemas pelo território. Assim, áreas interiores, de negligência guber-
15 namental histórica, sofrem com deficiência no acesso à cultura.

16 Além disso, escolas públicas estaduais usualmente não incentivam o consumo crítico
17 à arte, formando jovens menos interessados. Tal problemática dialoga com a teoria da in-
18 dústria Cultural de Adorno e Horkheimer, que diz que o capitalismo padronizou as neces-
19 sidades das massas, esvaziando sua capacidade reflexiva. Dessa forma, o ciclo vicio-
20 so de afastamento da população periférica das sessões de filmes é mantido, pois, as es-
21 colas, muitas em estado de abandono, não têm condições de promover o ensino de maté-
22 rias consideradas não tradicionais. Esse cenário cria pessoas com pouca vontade pró-
23 pria de ir em ao grande telão.

24 Sendo assim, é notório que o acesso ao cinema está muitas vezes restrito a uma peque-
25 na parcela da população. A fim de democratizar a cultura cinematográfica, é pre-
26 ciso a ação do Governo Federal, em especial a Secretaria de Cultura. O incentivo
27 à ida às sessões pode ser feito por meio de promoções de exibições gratuitas em áreas
28 de vulnerabilidade social, com as divulgações nas redes sociais. Ademais, a matéria
29 de arte deve ganhar maior relevância no programa escolar, formando indivíduos engaja-
30 dos. Com isso, todos podem, enfim, fazer uma "Viagem à Lua".

O clássico “Viagem à Lua” foi o primeiro filme a se aventurar com as primeiras técnicas de efeitos especiais da época. A película contava a história de homens que viajaram para o espaço e encontraram seres extraterrestres. Muitos anos depois, os recursos da Indústria cinematográfica evoluíram exponencialmente e elevaram o preço dos ingressos em conjunto. Nessa conjuntura, percebe-se que o acesso ao cinema no Brasil está atrelado a um contexto elitista e restrito, dificultando sua democratização.

A priori, é importante atentar para o fato de que a ida ao cinema está se tornando mais cara. Isso é comprovado pela diminuição do número de exhibições em estabelecimentos de rua, à medida que shoppings concentram a maioria das salas. Já que é um ambiente normalmente segregador, indivíduos mais pobres têm dificuldades de usufruir de tal lazer. Essa discrepância não está exclusivamente associada a regiões de uma mesma cidade. De acordo com Índice Gini, medidor de desigualdade, o Brasil é um dos países mais estratificados do mundo, o que se reflete na distribuição de cinemas pelo território. Assim, áreas interioranas, de negligência governamental histórica, sofrem com deficiência no acesso à cultura.

Além disso, escolas públicas estaduais usualmente não incentivam o consumo crítico à arte, formando jovens menos interessados. Tal problemática dialoga com a teoria da Indústria Cultural de Adorno e Horkheimer, que diz que o capitalismo padroniza as necessidades das massas, esvaziando sua capacidade reflexiva. Dessa forma, o ciclo vicioso de afastamento da população periférica das sessões de filmes é mantido, pois, as escolas, muitas em estado de abandono, não têm condições de promover o ensino de matérias consideradas não tradicionais. Esse cenário cria pessoas com pouca vontade própria de irem ao grande telão.

Sendo assim, é notório que o acesso ao cinema está muitas vezes restrito a uma pequena parcela da população. A fim de democratizar a cultura cinematográfica, é preciso a ação do Governo Federal, em especial a Secretaria de Cultura. O incentivo à ida às sessões pode ser feito por meio de promoções de exhibições gratuitas em áreas de vulnerabilidade social, com as divulgações nas redes sociais. Ademais, a matéria de arte deve ganhar maior relevância no programa escolar, formando indivíduos engajados. Com isso, todos podem, enfim, fazer uma “Viagem à Lua”.

C1	C2	C3	C4	C5	Nota Final
160	200	160	200	200	920

1 O Futurismo, uma das Vanguardas Europeias, foi um movimento literário no qual a
2 principal característica era a exaltação da máquina e sua importância para os humanos. O
3 avanço tecnológico trouxe vantagens para o homem, entretanto, é notório que o acesso a elas
4 são restritos a uma parcela da população, uma vez que não é garantido o acesso ao cine-
5 ma a todos os brasileiros. Nesse contexto, é necessário analisar que uma sociedade capitalista
6 e um governo negligente são ventos que causam a não democratização do acesso ao cinema.
7 Em uma primeira análise, é impossível deixar que uma sociedade capitalista dificulte o aces-
8 so ao cinema. Nessa ideia, Adorno e Horkheimer, na obra "Indústria Cultural", dizem que o úni-
9 co objetivo do sistema capitalista é a venda de mercadorias. Sob esse panorama, é possível
10 perceber que a conjuntura atual comprova a ideia dos pensadores, dado que os cinemas se concentram
11 em áreas de alto renda com o intuito de vender os seus produtos com preços mais elevados,
12 isto é, aumentar a margem de lucro. Conseqüentemente, pessoas de baixa renda não terão
13 acesso aos cinemas devido ao elevado preço dos ingressos. Dessa forma, a sociedade capitalista
14 gera a mercantilização do mundo cinematográfico e a ^{exclusão} ~~exclusão~~ de pessoas frente a essa ^{tendência} ~~tendência~~.
15 Além disso, vale a pena pensar que a negligência do governo ~~intensifica~~ não garante
16 o acesso ao cinema. O Artigo 6 da Constituição Federal de 1988 afirma que é dever do
17 Estado garantir direitos ^{sociais} ~~sociais~~, como o lazer. No entanto, o Poder Público não cumpre
18 sua função, já que pouco investe na área cinematográfica brasileira, que é uma forma
19 de lazer para a população. Como efeito, a quantidade de cinemas disponíveis é insuficiente
20 frente a quantidade de habitantes no país, um exemplo disso, é que o Brasil ocupa a 60ª
21 posição de países na nação habitantes por sala. Dessa maneira, a omissão do Poder Públi-
22 co ~~se~~ acarreta em uma quantidade pouco efetiva de salas de cinema, ou seja, apenas
23 uma pequena parte da população tem o acesso ao cinema garantido.
24 Torna-se evidente, portanto, que ~~o acesso ao~~ o acesso aos cinemas no país precisa ser
25 democratizado. Para isso, cabe ao ~~Governo~~ Governo Federal garantir o acesso aos cinemas
26 por meio de investimentos na área cinematográfica, uma vez que isso ampliará a quantidade
27 de de cinemas em ~~as~~ zonas periféricas. Essa ação tem a finalidade de democratizar o lazer
28 que os cinemas proporcionam para a população brasileira. Com isso, todos poderão exaltar as
29 vantagens que o avanço tecnológico do cinema proporciona, ~~assim~~ como os futuristas faziam.
30

O Futurismo, uma das Vanguardas Europeias, foi um movimento literário na qual a principal característica era a exaltação da máquina e sua importância para os humanos. O avanço tecnológico trouxe vantagens para o homem, entretanto, é notório que o acesso a elas são restritas a uma parcela da população, uma vez que não é garantido o acesso ao cinema a todos os brasileiros. Nesse contexto, é necessário analisar que uma sociedade capitalista e um governo negligente são vertentes que causam a não democratização do acesso ao cinema.

Em um primeiro plano, é imperioso destacar que uma sociedade capitalista dificulta o acesso ao cinema. Nessa idéia, Adorno e Horkheimer, na obra "Industria Cultural", dizem que o único objetivo do sistema capitalista é a venda de mercadorias. Sob esse panorama, é possível perceber que a conjuntura atual comprova a idéia dos pensadores, dado que os cinemas se concentram em áreas de alta renda com o intuito de vender os seus produtos com os preços mais elevados, isto é, aumentar a margem de lucro. Conseqüentemente, pessoas de baixa renda não terão acesso aos cinemas devido ao elevado preço dos ingressos. Dessa forma, a sociedade capitalista gera a mercantilização do mundo cinematográfico e a exclusão de pessoas frente a essa vantagem tecnológica.

Além disso, vale a pena pensar que a negligência do governo não garante o acesso ao cinema. O Artigo 6º da Constituição Federal de 1988 afirma que é dever do Estado garantir direitos sociais, como o lazer. No entanto, o poder Público não cumpre sua função, já que pouco investe na área cinematográfica brasileira, que é uma forma de lazer para a população. Como efeito, a quantidade de cinemas disponíveis é insuficiente frente a quantidade de habitantes no país, um exemplo disso, é que o Brasil ocupa a 60ª posição de países na razão habitantes por sala. Dessa maneira, a omissão do Poder Público acarreta em uma quantidade pouco eficiente de salas de cinema, ou seja, apenas uma pequena parcela tem o acesso ao cinema garantido.

Torna-se evidente, portanto, que a entrada nos cinema no país precisa ser democratizado.

Para isso, cabe ao Governo Federal garantir o acesso aos cinemas por meio de investimentos na área cinematográfica, uma vez que isso ampliaria a quantidade de cinemas em áreas periféricas. Essa ação tem a finalidade de democratizar o lazer que os cinemas proporcionam para a população brasileira. Com isso, todos poderão exaltar as vantagens que o avanço tecnológico do cinema proporciona, como os futuristas faziam.

C1	C2	C3	C4	C5	Nota Final
160	200	200	200	200	960

1 O sociólogo Habermas desenvolveu a teoria "agir comunicativo", visto é, a lingua-
2 gem, a partir de discursos políticos e manifestações artísticas, deve viver a multiplicita-
3 de existente entre os indivíduos de uma sociedade. Nesse sentido, sendo uma forma de
4 arte, o cinema desempenha tal papel, tendo em vista que possui diferentes gêneros para
5 agradar diversos públicos. Todavia, há impulsionos que tangem a democratização de cinema
6 no Brasil, como a concentração de salas de cinema e a falta de incentivos
7 por parte do governo.

8 A priori, vale ressaltar os aspectos econômicos acerca de cinema. O Índice de Gini, coefi-
9 ciente que mede a desigualdade social de uma nação, evidencia a enorme concentração de
10 renda que há no Brasil. Embora confirmada a disparidade econômica nacional, há muitos empre-
11 sários que, visando maximizar seus lucros, organizam os cinemas em áreas com maior poder
12 aquisitivo e elevam o preço das entradas, uma vez que os consumidores, menos ricos,
13 possuem capacidade de arcar com os custos. Como efeito, a democratização torna-se inviável
14 para as pessoas de baixa renda e, conseqüentemente, a possibilidade de adquirir no-
15 vas perspectivas por meio de filmes.

16 Ademais, há obstáculos governamentais quanto ao cinema. De início é importante frisar
17 que é responsabilidade do Estado, assegurada pela Constituição, incentivar a cultura, in-
18 clusive o cinema. Porém, não raramente, por desorganização financeira, a eficiência estatal
19 faz-se presente e as tentativas de estimular o cinema são desfavorecidas. Por exemplo, o
20 governo não investe em mecanismos que poderiam expandir o contato com filmes por meio
21 das escolas, não financiando idas escolares aos cinemas. Dessa forma, muitos alunos que
22 quem só teriam uma possibilidade de acesso a esse tipo de arte são desfavorecidos,
23 bem como a tentativa de democratização.

24 Diante de exposto, é evidente que medidas devem ser tomadas para democratizar o acesso
25 ao cinema. Portanto, cabe às empresas privadas desenvolverem projetos de expansão do cinema, por
26 meio de diminuição do preço das entradas, para que pessoas mais pobres frequentem esses espaços.
27 Por outro lado, o Estado deve organizar melhor a verba destinada às instituições, investimen-
28 tos, em parceria com ONG's voltadas para a cultura, em parcerias voluntárias, pelo menos em
29 vez por mês, direcionadas ao cinema. Assim sendo, o agir comunicativo se faz
30 presente na realidade brasileira.

O sociólogo Habermas desenvolveu a teoria "agir comunicativo", isto é, a linguagem, a partir de discursos políticos e manifestações artísticas, deve visar a multiplicidade existente entre os indivíduos de uma sociedade. Nesse cenário, sendo uma forma de arte, o cinema desenvolve tal papel, tendo em vista que possui diferentes gêneros para agradar diversas pessoas. Todavia, há empecilhos no que tange a democratização do acesso ao cinema no Brasil, como a concentração de salas de cinema e a falta de incentivo por parte do governo.

A priori, vale ressaltar os aspectos econômicos acerca do cinema. O índice de Gini, coeficiente que mede a desigualdade social de uma nação, evidencia a enorme concentração de renda que há no Brasil. Embora confirmada a disparidade econômica nacional, há muitos empresários que, desejando maximizar seus lucros, organizam os cinemas em áreas com maior poder aquisitivo e elevam o preço das entradas, uma vez que os consumidores, nessas regiões, possuem capacidade de arcar com os custos. Como efeito, a democratização torna-se inacessível para as pessoas de baixa renda e, conseqüentemente, a possibilidade de adquirir novas perspectivas por meio de filmes.

Ademais, há obstáculos governamentais quanto ao cinema. De início, é importante frisar que é responsabilidade do estado, assegurada pela Constituição, incentivar a cultura, inclusive o cinema. Porém, não raramente, por desorganização financeira, a ineficácia estatal faz-se presente e as tentativas de estímulo ao cinema são desfavorecidas. Por exemplo, o governo não investe em mecanismos que poderiam expandir o contato com filmes por meio das escolas, não financiando idas escolares aos cinemas. Dessa forma, muitos alunos os quais só teriam essa possibilidade de acesso a esse tipo de arte são desfavorecidos, bem como a tentativa de democratização.

Diante do exposto, é evidente que medidas devem ser tomadas para democratizar o acesso ao cinema. Portanto, cabe às empresas privadas desenvolverem projetos de expansão do cinema, por meio da diminuição do preço das entradas, para que pessoas mais pobres frequentem esses espaços. Por outro lado, o estado deve organizar melhor o dinheiro destinado às instituições, investindo, em parceria com ONG's voltadas para a cultura, em passeios estudantis, pelo menos uma vez por mês, direcionados ao cinema. Assim sendo, o agir comunicativo se faria presente na realidade brasileira.

C1	C2	C3	C4	C5	Nota Final
180	200	180	200	200	960

1 Ante. Tela. Atores. Cinema. Mesmo que a presença dessas palavras em uma folha de papel não demonstre
2 a força que possuem, sua influência na vida dos cidadãos de um país é evidente. Por meio ~~de~~ da indústria cinematográ-
3 fica é possível uma enorme difusão de ideias, a criação de uma identidade nacional e a criação de tendências de ca-
4 rater mercadológicas. Logo, ~~essa~~ produção cultural é de extrema relevância à população local. Contudo, no Bra-
5 sil, a quantidade de pessoas que possuem acesso ao conteúdo que ela produz ainda é pequena, não se apresentan-
6 do ~~de~~ maneira democrática a todos, em virtude ^{da natureza} histórica empregada às classes menos favorecidas a esses conte-
7 udos culturais e da posterior sensação de não pertencimento àquela local.
8 Em um diagnóstico inicial, deve-se fundamentar que, ao longo da formação do Brasil, houve uma elitização
9 do acesso à cultura. Desde Dom Pedro I - período imperial brasileiro - a produção teatral sempre foi destina-
10 da à população ~~mais rica~~ com maior poder aquisitivo. Enquanto ainda existia o trabalho escravo, a corte junta-
11 mente com os grandes proprietários de terra se reuniam para disfrutar um momento de descontração e diversão com as pe-
12 ças teatrais. Tal caráter elitista perdurou a República Velha, até que o Cinema Novo fosse criado, em meados do sécu-
13 lo XX, atraindo gradativamente as camadas mais populares da sociedade como forma de dominação ideológica.
14 Hoje, com essa estrutura formada, as produções cinematográficas permanecem com seu papel excludente, embora se-
15 ja de maneira velada, visto que os altos valores dos ingressos selecionam grupos detentores de um maior capital
16 para ~~se~~ aproveitarem o entretenimento, restringindo ~~a~~ participação dos menos favorecidos.
17 É imprescindível salientar, também, a consequência para o imaginário popular dessa elitização. Em seus
18 estudos, o antropólogo Pierre Bourdieu cunhou o termo "violência simbólica" para referir-se às formas de o-
19 pressão a indivíduos de acordo com determinados padrões e atitudes pré-estabelecidas socialmente, o que acar-
20 rta uma exclusão indireta estes. Desse modo, cidadãos mais pobres tendem a não se enxergar ~~em~~ em ambien-
21 tes frequentados por pessoas com maior detenção de capital. Assim, ao entrar em cinemas e observar pessoas
22 vestindo roupas com maior valor agregado do que poderia pagar ou perceberem pessoas o julgando por uma
23 aparência diferente das demais, é provocado em si uma autosegregação, restringindo-o a retornar àquela local.
24 A fim de proporcionar, portanto, uma maior democratização do cinema aos cidadãos brasileiros, é necessário
25 que o Estado promova créditos culturais a serem usados em salas dessa arte, por meio de parcerias público-
26 -privadas com as empresas de transmissão dos filmes, de modo que o cidadão que recebe até um salário
27 mínimo pague apenas um terço do valor do ingresso. Além disso, deve haver programas nas escolas públicas de
28 incentivo à cultura cinematográfica, ~~por meio de~~ através de parcerias subsidiadas pelos Governos Municipais,
29 integrando-as a esse meio. Assim, será possível que as grandes telas fechadas em salas, expandam-se
30 ao todo da população.

Arte. Tela. Atores. Cinema. Mesmo que a presença dessas palavras em uma folha de papel não demonstre a força que possuem, sua influência na vida dos cidadãos de um país é evidente. Por meio da indústria cinematográfica é possível uma enorme difusão de ideias, a criação de uma identidade nacional e a criação de tendências de caráter mercadológico. Logo, essa produção cultural é de extrema relevância à população local. Contudo, no Brasil, a quantidade de pessoas que possuem acesso ao conteúdo que ela produz ainda é pequena, não se apresentando de maneira democrática a todos, em virtude da restrição histórica empregada às classes menos favorecidas a esses conteúdos culturais e da posterior sensação de não pertencimento àquele local.

Em um diagnóstico inicial, deve-se fundamentar que, ao longo da formação do Brasil, houve uma elitização do acesso à cultura. Desde Dom Pedro I - período imperial brasileiro - a produção teatral sempre foi destinada à população com maior poder aquisitivo. Enquanto ainda existia o trabalho escravo, a corte juntamente com os grandes proprietários de terra se reuniam para desfrutar um momento de descontração e diversão com as peças teatrais. Tal caráter elitista perdurou a República Velha, até que o Cinema Novo foi criado, em meados do século XX, atraindo gradativamente as camadas mais populares da sociedade como forma de dominação ideológica. Hoje, com essa estrutura formada, as produções cinematográficas permanecem com seu papel excludente, embora seja de maneira velada, visto que os altos valores dos ingressos selecionam grupos detentores de um maior capital para aproveitarem o entretenimento, restringindo a participação dos menos favorecidos.

É imprescindível salientar, também, a consequência para o imaginário popular dessa elitização. Em seus estudos, o antropólogo Pierre Bourdieu cunhou o termo "violência simbólica" para referir-se às formas de opressão a indivíduos de acordo com determinados padrões e atitudes pré-estabelecidas socialmente, o que acarreta uma exclusão indireta estes. Desse modo, cidadãos mais pobres tendem a não se enxergar em ambientes frequentados por pessoas com maior detenção de capital. Assim, ao entrar em cinemas e observar pessoas vestindo roupas com maior valor agregado do que poderia pagar ou perceberem pessoas o julgando por uma aparência diferente das demais, é provocado em si uma autosegregação, restringindo-o a retornar àquele local.

A fim de proporcionar, portanto, uma maior democratização do cinema aos cidadãos brasileiros, é necessário que o Estado promova créditos culturais a serem usados em salas dessa arte, por meio de parcerias público-privadas com as empresas de transmissão dos filmes, de modo que o cidadão que receba até um salário mínimo pague apenas um terço do valor do ingresso. Além disso, deve haver programas nas escolas públicas de incentivo à cultura cinematográfica, através de passeios subsidiados pelos Governos Municipais, integrando-os a esse meio. Assim, será possível que as grandes telas fechadas em salas, expandem-se ao todo da população.

C1	C2	C3	C4	C5	Nota Final
180	200	200	200	200	980

1 A Constituição de 1988 prevê, a todos os cidadãos, a garantia de acesso à
2 cultura e ao lazer. Entretanto, em virtude da mercantilização e massificação
3 dos bens culturais, parte dos brasileiros não têm esse direito assegurado, o que
4 leva à ausência de democratização no acesso a atividades como o cinema. At-
5 rim, usamos medidas para a alteração desse cenário.

6 Cabe analisar, inicialmente, a mercantilização da cultura no contexto atual.
7 Nesse sentido, segundo o filósofo Immanuel Kant, os indivíduos devem ser vis-
8 tos, não como coisas que possuem valor, mas como pessoas dotadas de digni-
9 dade. Contudo, observa-se uma concessão de privilégios àqueles com renda
10 mais alta, evidenciada na restrição, a esse grupo social, do acesso ao cine-
11 ma e a outros bens culturais. Dessa modo, contraria-se a ética kantiana,
12 já que apenas os indivíduos considerados "de grande valor" para a lógica
13 capitalista conseguem acessar atividades tais como o cinema, transformados em
14 mercadorias e, conseqüentemente, dificultando a sua democratização.

15 Ademais, vale ressaltar que a massificação de conteúdos exibidos no cinema
16 impulsiona o problema em questão. Nesse viés, de acordo com Adorno e
17 Horkheimer, os setores midiáticos comandam a formação de uma "indústria cul-
18 tural", a qual homogeneiza os bens culturais (como filmes) para beneficiar as
19 elites com o seu lucro, já que controlam esse processo. Dessa forma, torna-se
20 única e repetitiva a perspectiva adotada nos conteúdos exibidos, não retra-
21 tanto a diversidade dos grupos sociais nos telas. Por conseguinte, corre a de-
22 democratização de acesso ao cinema, visto que esse não é exercido na sua
23 plenitude por não englobar as identidades de todos os camadas da sociedade.

24 Portanto, para uma mudança do quadro atual, é imperativo que o
25 Ministério da Educação, em parceria com as mídias, promova uma maior
26 orientação dos brasileiros quanto aos prejuízos trazidos pela mercantilização e
27 massificação da cultura. Isso ocorrerá por intermédio de eventos educativos
28 e campanhas midiáticas, estimulando a realização de mais atividades liga-
29 das ao cinema abertas ao público, com o intuito de democratizar o seu acesso.
30 Destarte, será possível a garantia dos princípios prescritos na Constituição.

A Constituição de 1988 prevê, a todos os cidadãos, a garantia do acesso à cultura e ao lazer. Entretanto, em virtude da mercantilização e massificação dos bens culturais, parte dos brasileiros não têm esse direito assegurado, o que leva à ausência de democratização no acesso a atividades como o cinema. Assim, urge medidas para a alteração desse cenário.

Cabe analisar, inicialmente, a mercantilização da cultura no contexto atual. Nesse sentido, segundo o filósofo Immanuel Kant, os indivíduos devem ser vistos, não como coisas que possuem valor, mas como pessoas dotadas de dignidade. Contudo, observa-se uma concessão de privilégios àqueles com renda mais alta, evidenciada na restrição, a esse grupo social, do acesso ao cinema e a outros bens culturais. Desse modo, contraria-se a ética kantiana, já que apenas os indivíduos considerados "de grande valor" para a lógica capitalista conseguem acessar atividades tais como o cinema, transformadas em mercadorias e, conseqüentemente, dificultando a sua democratização.

Ademais, vale ressaltar que a massificação de conteúdos exibidos no cinema impulsiona o problema em questão. Nesse viés, de acordo com Adorno e Horkheimer, os setores midiáticos comandam a formação de uma "indústria cultural", a qual homogeneiza os bens culturais (como filmes) para beneficiar as elites com o seu lucro, já que controlam esse processo. Dessa forma, torna-se única e repetitiva a perspectiva adotada nos conteúdos exibidos, não retratando a diversidade dos grupos sociais nas telas. Por conseguinte, carece a democratização do acesso ao cinema, visto que esse não é exercido na sua plenitude por não englobar as identidades de todas as camadas da sociedade.

Portanto, para uma mudança no quadro atual, é imperativo que o Ministério da Educação, em parceria com as mídias, promova uma maior orientação dos brasileiros quanto aos prejuízos trazidos pela mercantilização e massificação da cultura. Isso ocorrerá por intermédio de eventos educativos e campanhas midiáticas, estimulando a realização de mais atividades ligadas ao cinema abertas ao público, com o intuito de democratizar o seu acesso. Destarte, será possível a garantia dos princípios prescritos na Constituição.

C1	C2	C3	C4	C5	Nota Final
180	200	200	200	200	980

1 O conceito de indústria cultural dos sociólogos Adorno e Horkheimer afirma que foi criada uma
2 cultura de massa objetivando fins lucrativos, ou seja, "produtos culturais", como filmes, músicas, são
3 produzidos para uma grande contingente populacional somente com o fim de lucrar. Análogamente, nos dias de
4 hoje, a cultura, mais especificamente, o cinema tem sido ~~extensivamente~~ comercializado, amplamente, visando
5 apenas monetário. Entretanto, o cinema de qualidade, o qual objetiva o estímulo do senso crítico, ainda não tem
6 sido democratizado no Brasil, agravando a desigualdade social e gerando consequências como a desvaloriza-
7 ção de produções cinematográficas, a saber, a nacional.

8 Em primeiro lugar, é importante ressaltar que a ausência da democratização do cinema é um grande
9 fator agravante do desequilíbrio social no Brasil. Isso ocorre, pois as pessoas de baixo poder aquisitivo não
10 têm acesso aos mesmos conteúdos cinematográficos que a elite privilegiada. Isso é afirmativo e compro-
11 vado pela teoria do materialismo histórico-dialético do filósofo Karl Marx, segundo a qual a condição
12 socio-econômica do indivíduo influencia ~~em~~ toda sua vida, inclusive ~~nos~~ lugares e conteúdos aos
13 quais ele tem acesso. Sendo assim, é acessível à população menos favorecida filmes que visam e buscam
14 em detrimento da reflexão, criando, portanto, uma maioria populacional imersa numa alienação.

15 Além disso, é imprescindível destacar que a falta de democratização do cinema contribui para
16 a desvalorização de produções cinematográficas, como a produção nacional. Isso acontece, porque a
17 a maioria parte dos filmes comercializados popularmente são americanos, ou seja, não expressam
18 uma realidade presente no contexto nacional brasileiro. Esse fato é comprovado pelo ~~acontecimento~~
19 acontecimento dos maiores sucessos cinematográficos recentes serem americanos, como o filme "Vin-
20 ocentos e Oito". Dessa forma, a população brasileira acaba tendo acesso a uma visão restrita do mundo,
21 enriquecido-~~o~~, portanto, somente por uma perspectiva, e que caracteriza o fenômeno de ~~etnocentrismo~~
22 etnocentrismo e evidencia a necessidade de mudança desse quadro.

23 Sendo assim, fica evidente que, mais do que o cinema como um todo, o cinema crítico e pen-
24 sante precisa ser democratizado. Para amenizar esse problema, é dever do governo, como respon-
25 sável pela garantia dos direitos naturais do indivíduo, assegurar que toda a população tenha
26 acesso a filmes de qualidade, por meio da criação de cinemas públicos em praças populares
27 a fim de estimular o pensamento crítico e autônomo. Adicionalmente, é dever da escola
28 incentivar e apoiar as atividades culturais que valorizem a produção nacional, desde a
29 infância. Sob tal ótica, o cinema poderá ser acessível, tendo, principalmente, o objetivo de
30 contribuir para o avanço do corpo social.

O conceito de indústria cultural dos sociólogos Adorno e Horkheimer afirma que foi criada uma cultura de massa objetivando fins lucrativos, ou seja, "produtos culturais", como filmes, músicas, são produzidos para um grande contingente populacional somente com o fim de lucrar. Analogamente, nos dias de hoje, a cultura, mais especificamente, o cinema tem sido comercializado, amplamente, visando ganho monetário. Entretanto, o cinema de qualidade, o qual objetiva o estímulo do senso crítico, ainda não tem sido democratizado no Brasil, agravando a desigualdade social e gerando consequências como a desvalorização de produções cinematográficas, a saber, a nacional.

Em primeiro lugar, é importante ressaltar que a ausência da democratização do cinema é um grande fator agravante de desequilíbrio social no Brasil. Isso ocorre, pois as pessoas de baixo poder aquisitivo não têm acesso aos mesmos conteúdos cinematográficos que a elite privilegiada. Essa afirmativa é comprovada pela teoria do materialismo histórico-dialético do filósofo Karl Marx, segundo a qual a condição socio-econômica do indivíduo influencia toda sua vida, inclusive os lugares e conteúdos aos quais ele tem acesso. Sendo assim, é acessível à população menos favorecida filmes que visam o lazer em detrimento da reflexão, criando, portanto, uma maioria populacional imersa numa alienação.

Além disso, é imprescindível destacar que a falta de democratização do cinema contribui para a desvalorização de produções cinematográficas, como a produção nacional. Isso acontece, porque a maior parte dos filmes comercializados popularmente são americanos, ou seja, não expõem uma realidade presente no contexto nacional brasileiro. Esse fato é comprovado pelo acontecimento os maiores sucessos cinematográficos recentes serem americanos, como o filme "Vingadores". Dessa forma, a população brasileira acaba tendo acesso a uma visão restrita do mundo, enxergando-o, portanto, somente por uma perspectiva, o que caracteriza o fenômeno do etnocentrismo e evidencia a necessidade de mudança desse quadro.

Sendo assim, fica evidente que, mais do que o cinema como um todo, o cinema crítico e pensante precisa ser democratizado. Para amenizar esse problema, é dever do governo, como responsável pela garantia dos direitos naturais do indivíduo, assegurar que toda a população tenha acesso a filmes de qualidade, por meio da criação de cinemas públicos em praças populares, a fim de estimular o pensamento crítico e autônomo.

Adicionalmente, é dever da escola incentivar o apreço por atividades culturais que valorizem a produção nacional, desde a infância. Sob tal óptica, o cinema poderá ser acessível, tendo, principalmente, o objetivo de contribuir para o avanço do corpo social.

C1	C2	C3	C4	C5	Nota Final
160	200	180	200	200	940

1 Na Antiguidade Clássica, o Estado grego de Atenas estimulava, por considerar o teatro uma arte de extrema am-
2 plitude cultural, estimulava sua população a frequentar frequentemente - inclusive financiava os ingressos de muitos dos cid-
3 dãos que não podiam pagar. Analogamente à Magna Grécia, o Brasil hoje procura meios para democratizar o
4 acesso ao cinema - também chamado de sétima sétima arte. Por conseguinte, tal cenário revênia a relevância
5 dessa forma cultural para o corpo social; assim, torna-se indispensável a adoção de medidas ampliadoras. Nes-
6 se sentido, para melhor avaliação, é sobretudo fulcral ressaltar a elitização do acesso ao cinema, além da de
7 sua importância na democratização cultural.

8 Reciprocamente, convém analisar a elitização do acesso ao cinema existente na atual conjuntura.
9 Porquanto, é notória a concentração de salas de exibição em grandes centros ur-
10 banos e, principalmente, em seus eixos centrais. Dessa maneira, apesar da assecuração de acesso
11 à cultura para todos os brasileiros e residentes no país prevista no Plano Nacional
12 de Cultura da artigo 215 da Constituição Federal de 1988, tal direito não é salvaguardado na
13 prática. Nessa senda, o cinema deve ser mais democratizado e mudanças na estrutura segrega-
14 dora não são necessários.

15 Ultrapassado, o cinema é de extrema importância para a democratização cultural. Sob
16 esse viés, o contexto brasileiro experimentou por muitos séculos o atraso das in-
17 rações culturais internacionais, devido à dificuldade de divulgação. Entretanto, com as avan-
18 ças tecnológicas decorrentes das Revoluções Industriais, os muitos desafios de comunicação
19 foram superados. Isso se fez ratificado pela Escala de Frankfurt, a qual prevê maior
20 democratização da cultura com as novas tecnologias. Desse modo, o cinema é um meio de
21 informação e de cultura; logo, deliberações para a sua acessibilidade são fundamentais.

22 Infere-se, portanto, que o cinema é uma arte de excelência cultural para o corpo social. Sm-
23 do assim, cabe ao Ministério da Cultura, em conjunto com empresas privadas, desenvolver fomentamente os cinemas,
24 por intermédio da construção de salas de exibição em áreas periféricas - as quais receberão esti-
25 mulos fiscais, como isenção de impostos - com o fim de mitigar a elitização do cinema. Ademais,
26 a Agência Nacional de Cinema deve realizar exposições públicas de cinema, mediante promoção de
27 festivais culturais - os quais exibirão filmes nacionais - , com intuito de democratizar o
28 acesso à cultura do cinema. Diante, poder-se-á aproximar o Brasil contemporâneo da
29 qualidade de gregos; a democratização do acesso ao cinema do Brasil contemporâneo a
30 à qualidade de democracia grega do acesso ao teatro teatro.

Na Antiguidade Clássica, o Estado grego de Atenas, por considerar o teatro uma arte de excessiva amplitude cultural, estimulava sua população a frequentá-lo - inclusive financiava os ingressos dos cidadãos que não podiam pagar. Analogamente à Magna Grécia o Brasil hodierno procura meios para democratizar o acesso ao cinema - também chamado de sétima arte. Por conseguinte, tal cenário reverbera a relevância dessa forma cultural para o corpo social; assim, torna-se indispensável a ordenação de medidas ampliadoras. Nesse sentido, para melhor avaliação, é sobretudo fulcral ressaltar a elitização do acesso ao cinema, além de sua importância na democratização cultural.

Precipuamente, convém analisar a elitização do acesso ao cinema existente na atual conjuntura. Porquanto, é notória a concentração de salas de exibição em grandes centros urbanos e, principalmente, em suas áreas centrais. Dessa maneira, apesar da asseguuração do acesso à cultura para todos os brasileiros e os residentes no país previsto no Plano Nacional de Cultura do artigo 215 da Constituição Federal de 1988, tal direito não é salvaguardado na prática. Nessa senda, o cinema deve ser mais democratizado e mudanças na estrutura segregadora são necessárias.

Outrossim, o cinema é de extrema importância para a democratização cultural. Sob esse viés, o contexto brasileiro experimentou por muitos séculos o atraso das inovações culturais internacionais, devido à dificuldade de divulgação. Entretanto, com os avanços tecnológicos derivados das Revoluções Industriais, muitos desafios de comunicação foram supridos. Isso se faz ratificado pela Escola de Frankfurt, a qual previa maior democratização da cultura com os avanços tecnológicos. Desse modo, o cinema é um meio de informação e de cultura; logo, deliberações para a sua acessibilidade são fundamentais.

Infere-se, portanto, que o cinema é uma arte de exacerbada relevância cultural para o corpo social. Sendo assim, cabe ao Ministério da Cidadania, em conjunto com empresas privadas, desconcentrar territorialmente os cinemas, por intermédio da construção de salas de exibição em áreas periféricas - as quais receberão estímulos fiscais, como isenção de impostos -, com o fito de mitigar a elitização do cinema. Ademais, a Agência Nacional de Cinema deve realizar exibições públicas de cinema, mediante promoção de festivais culturais - os quais exibirão filmes nacionais -, com o intuito de democratizar o acesso à cultura do cinema. Dessarte, poder-se-á aproximar a democratização do acesso ao cinema do Brasil contemporâneo à realidade grega do acesso ao teatro.

C1	C2	C3	C4	C5	Nota Final
180	200	200	200	200	980

A pedra

"No meio do caminho tinha uma pedra": o verso, de um dos poemas mais conhecidos de Drummond, "No meio do caminho", desloca-se de sua forma subjetiva e tangencia a contemporaneidade do cinema no Brasil, tomando contornos reais - a pedra, desigualdade distributiva dos cinemas, como obstáculo entre o acesso e a democratização do 'telão' brasileiro. Torne-se preciso, portanto, dissipar a pedra rumo ao acesso mais ^{igualitário} ao cinema no Brasil.

Em princípio, é inegável os benefícios do cinema, tanto ao repertório cultural da sociedade como na formação de sensibilidade à arte no indivíduo. Com raízes no século XIX, modificou-se ao decorrer do tempo, ressignificando sua posição de apenas conteúdo de exterior à posição de objeto que promove, no espectador, reflexões, conflitos internos, sensação emocional e mudança de comportamento através de seus conteúdos. Por conseguinte, o cinema tornou-se agente cultural modificando indivíduos através de suas exterioridades.

Todavia, apesar de sua importância à toda sociedade, observando a distribuição geográfica dos cinemas no país, percebe-se tal agente cultural como privilégio de grandes centros urbanos, em detrimento das populações urbanas periféricas e dos rurais, que possuem como raridade ^{pelo alto} concentração de cinemas em locais de renda mais elevada, significando um crescimento ~~ao~~ acesso. Além disso, ainda que os números de cinema e de seus frequentadores tenham aumentado, deu-se de maneira insuficiente, fomentando a desigualdade existente e seu acesso, o que deve ser combatido.

Em suma, urge a necessidade de medidas que promovam um acesso mais democrático do cinema no Brasil. Para isso, o Governo Federal, por meio do Ministério da Educação, deve promover massalmente campanhas de "Cine estudantil" em todos os escolas, com o intuito de ampliar o acesso ao cinema e expandir o repertório sócio-cultural dos jovens, por meio de debates, após as sessões, entre os alunos. Outrossim, cabe ~~ao~~ ^{a sociedade} e a mídia a vez de protestar contra essa desigualdade, para que o conjunto se faça mudança. ~~Assim, quisé, a pedra usará de veludo~~

A Pedra

“No meio do caminho tinha uma pedra”: o verso, de um dos poemas mais conhecidos de Drummond, “No meio do caminho”, desloca-se de sua forma subjetiva e tangencia a contemporaneidade do cinema no Brasil, tomando contornos reais – a pedra, desigualdade distributiva dos cinemas, como obstáculo entre o acesso e a democratização das telonas brasileiras. Torna-se preciso, portanto, dissipar a pedra rumo ao acesso igualitário do cinema no Brasil.

Em princípio, é inegável os benefícios do cinema, tanto ao repertório cultural da sociedade como na formação da sensibilidade à arte no indivíduo. Com raízes no século XIX, modificou-se ao decorrer do tempo, ressignificando sua posição de apenas contador de histórias à posição de objeto que promove, no espectador, reflexões, conflitos internos, sensações emocionais e mudança de comportamento através de seus conteúdos. Por conseguinte, o cinema tornou-se o agente cultural modificador de indivíduos através de suas histórias.

Todavia, apesar de sua importância à toda sociedade, observando a distribuição dos cinemas no país, percebe-se tal agente cultural como privilégio de grandes centros urbanos, em detrimento das populações urbanas periféricas e das rurais, que possuem acesso rarefeito pela alta concentração de cinemas em locais de renda mais elevada, significando um cerceamento ao acesso. Além disso, ainda que os números de cinema e de seus frequentadores tenham aumentado, deu-se de maneira insuficiente, fomentando a desigualdade existente a seu acesso, o que deve ser combatido.

Em suma, urge a necessidade de medidas que promovam um acesso mais democrático do cinema no Brasil. Para isso, o Governo Federal, por meio do Ministério da Educação, deve promover mensalmente campanhas de “cine estudantil” em todas as escolas, com o intuito de ampliar o acesso ao cinema e expandir o repertório sócio-cultural dos jovens, por meio de debates, após as sessões, entre os alunos. Outrossim, cabe a sociedade e a mídia a voz de protesto contra essa desigualdade, para que a conjuntura seja mudada. Assim, quiçá, a pedra será debelada.

C1	C2	C3	C4	C5	Nota Final
160	180	200	200	200	940

Mensagens aos Vestibulandos

Michelle Souza

Acredito que a fase do vestibular é uma das mais difíceis da vida escolar, na qual a ansiedade e a insegurança parecem não ter fim. As matérias vão acumulando, o vestibular chegando e o desespero batendo na nossa porta quase todos os dias. No entanto, quero te dizer que é possível passar dessa fase! Não desista! Frase clichê, né? Mas que tem muito significado... Seu futuro depende das suas atitudes. Por isso quero te incentivar a estudar e ter fé que você vai conquistar sim, independente da sua situação atual! Com muito esforço e fé em Deus... tudo torna-se possível! Acredite! Tudo isso vai passar e você vai olhar para trás com um enorme sorriso no rosto pensando no quanto valeu a pena "seguir em frente"! Meus mais sinceros desejos de sucesso a você! E ... bons estudos!

Mário Hanai

A todos que sonham em fazer parte da família do Fundão, assim como você, todos nós passamos por altos e baixos nessa jornada de vestibulando e, assim como nós, você também alcançará a sua vaga tão almejada!!! Entrar aqui é um sonho possível e faz valer a pena cada minuto do esforço e suor das batalhas difíceis que passam diariamente. Então mantenha a calma, você é capaz, você pode e você consegue. Mas lembre-se, lembre-se da sua força, lembre-se do seu propósito e lembre-se de manter a tranquilidade de viver um dia de cada vez. Por fim, quero repassar um ensinamento que tirei de Guimarães Rosa e guardei pra minha vida nos dias difíceis e, assim como Augusto Matraga, a sua hora e a sua vez há de chegar. Acalma-te e respira fundo, você consegue! Te vejo no FUNDÃO!!!

Giovana Pereira

Conselhos amorosos para o(a) vestibulando(a): Tenha paciência consigo mesmo, às vezes demoramos um pouco mais pra aprender algum conteúdo; Encontre o seu próprio método de estudo, você é capaz; Faça bastante simulado e não deixe de comemorar cada pequena evolução; Respire, tire um tempinho diário pra fazer o que você gosta; Tenha calma no processo, você vai conseguir; Estamos todos torcendo por você!

Te espero na UFRJ!

Com carinho.

Gabriel de Lima

Duas falas me são muito marcantes da época de vestibular. Uma foi quando uma veterana de Medicina disse que, depois que você passa, os anos viram só números. Isso é muito verdade. Eu fiz 3 anos de pré-vestibular. Isso significa que eu tive que lidar com o "fracasso" duas vezes. Mas em todas elas, depois do baque inicial, eu levantei a cabeça e segui em frente.

Hoje, como estudante de medicina, eu sou muito grato ao Gabriel do passado que não desistiu. E a segunda fala foi de uma professora, que disse que Medicina é uma fila: quem está nela há mais tempo vai entrando, mas que, se você está nela, a sua hora vai chegar. E realmente vai. Acredite em si mesmo, confie no seu estudo e na sua capacidade. Treine

bastantes exercícios e a redação (foi ela que me fez passar). Não esqueça da saúde mental em dia, afinal, se é na sua mente que você guarda o conteúdo, ela precisa estar equilibrada no dia da prova para que você acesse tudo o que você estudou. Permita-se viver um dia de cada vez e tirar um momento pra fazer as coisas que te fazem feliz. Não é só estudar o dia inteiro. E, por fim, arrebente na prova. E depois disso tudo eu vou estar aqui esperando ansioso pra te receber na família Med UFRJ. Bons estudos, futuro calouro ou futura caloura, e até já!



Lucas Chagas

Olá queridxs vestibulandos, muitas pessoas, assim como eu no passado, acham a Redação do Enem um absurdo. Estou aqui para dizer que não é tudo isso, então vou contar um pouco da minha história com redação. NUNCA escrevi bem na minha vida, na verdade, sempre escrevi muito mal (sem exagero). No ENEM de 2016 tirei 480, não tinha noção de nada. Em 2017, quando tive uma pequena base tirei 720. Em 2018 quando eu entendi como funcionava a Redação do ENEM, tirei 920. Em 2019 veio 960. Então gente, eu hoje em dia ainda não escrevo bem, mas sei fazer a Redação do ENEM. Espero que todos vocês consigam!!

Maria Luisa dos Anjos

Esse É o seu ano! Desde sempre nós somos rankeados, olhamos o outro como rival, nos sentimos incapazes por não estarmos entre os melhores ou então ficamos com o ego no topo achando que já passamos porque fomos bem no simulado. A maior aprendizagem que tive ao longo desses 3 anos até ser aprovada foi: não existem competidores no vestibular, o seu ÚNICO inimigo é você mesmo. ENEM é uma prova de resistência. Você precisa, principalmente, além do conteúdo, ter inteligência emocional. Você precisa SIM reconhecer as suas dificuldades e aprender a lidar com elas. Cada pessoa tem facilidade com a matéria X que você não terá, e isso não tem o MENOR problema. Assim como os outros tem suas facilidades você também terá em outras matérias, isso é normal, ninguém nasce gênio e você não precisa se tornar um. Você NÃO é um robô. Mas não sinta medo de errar, não sinta medo daquela matéria que você acha impossível, um dia você vai conseguir entender! Compreenda a prova do ENEM, faça simulados, exercícios,... O resultado virá! Faça a prova com ATENÇÃO! Refaça as provas antigas e veja qual será a sua estratégia: qual matéria começar primeiro ou então deixar para depois; marca o tempo que você deseja gastar em cada matéria, se dedica à REDAÇÃO! (Na nossa cartilha temos redações MARAVILHOSAS, use como exemplo). Mas, se as coisas não ocorrerem como o planejado, não surta, respira fundo e segue de cabeça erguida. A reta final vai chegar, na véspera do ENEM com certeza você vai achar que fez pouco, vai falar "poxa, naquele dia que vi netflix poderia ter feito 10 questões da matéria X"; mas, você NÃO FEZ POUCO! MUITO PELO CONTRÁRIO, você se dedicou o ano inteiro, você sobreviveu com garra um ano cheio de incertezas. Você resistiu durante uma pandemia e mesmo durante um cenário caótico você chegou até ali e por isso já é um vencedor. Ainda dá para correr atrás, ainda dá para aprender o que você acha que não vai conseguir, ainda dá para cuidar da sua SAÚDE MENTAL! A gente tá doido para ter você como nosso calourx na MAIOR DO BRASIL <3



Isabelle Fernandes

Olá, futuros (em breve) estudantes de medicina. Estou aqui para dizer tudo aquilo que vocês sempre ouvem: "calma, você vai sim passar", "cada um tem o seu tempo", "acredite nos seus sonhos", mas além de dizer todos esses clichês, que são muito reais, vou contar um pouquinho da minha história. Meu nome é Isabelle, tenho 20 anos e passei na UFRJ depois de três anos de cursinho. Há muitas pessoas que olham para esse tempo de cursinho e podem até pensar "ah, mas provavelmente ela não se dedicava no ensino médio", "não teve uma boa base" e não. Gente, eu estudo muito desde o meu primeiro ano do ensino médio e fiz meu terceiro em um dos melhores colégios de São Paulo, fiz cursinhos excelentes também e mesmo assim não passei rápido. Dentre tantas explicações, uma delas é que até meu último ano de cursinho, eu não me preocupava com meu emocional. Quando eu percebi que meu nervosismo me atrapalhava muito, comecei a me dedicar não só aos estudos, mas à minha saúde mental. O jeito que eu encontrei para isso foi fazendo aulas de pilates, ficando mais tempo com a minha família, aproveitando mais os momentos com meu namorado, encontrando mais minhas amigas... Essa foi a minha forma de manter um bom ano de cursinho e chegar na prova com o psicológico muito melhor. Isso é muito pessoal, cada um tem a sua forma de ficar mais feliz e há outras pessoas que conseguem só se fixarem nos estudos que está tudo bem. Perceba, portanto, que não dá para se comparar com ninguém. A pessoa que estuda freneticamente, mas está se sentindo bem com aquilo (isso é o mais importante), vai passar, e a outra, que assim como eu, permite-se descansar e fazer coisas que não se relacionam a estudos durante a semana, também vai passar. O importante é entender que não existe uma fórmula mágica para aprovação, porque cada um é um. Que eu foquei na minha saúde mental vocês já entenderam, então vou falar um pouco sobre o que eu acho que foi meu diferencial para ir bem no ENEM: além de fazer os simulados, eu tentava entender os meus erros e isso eu fazia indo ao plantão de dúvidas do cursinho. Eu ia, principalmente, no plantão de português, porque as questões de linguagens sempre foram muito difíceis para mim, eu ficava em dúvida entre duas e assinalava a errada. E após insistir muito nelas, eu fui entendendo que eu errava por não entender muito bem o comando, ou assinalar uma alternativa que falava sobre o que eu achava e não sobre o que estava de fato no texto. Isso me trouxe um grande avanço: no ENEM 2018, eu acertei 27 questões de Linguagens e, em 2019, 36. Mesmo assim, não me tornei a expert em linguagens, mas quando é uma parte que temos dificuldade, qualquer avanço faz uma grande diferença. Em matemática, por exemplo, eu tinha facilidade, dessa forma, durante a correção do simulado, eu entendia meus erros para não mais cometê-los e me aperfeiçoar, mas não gastava tanta energia naquilo, pois já sabia que estava bem ali. Então, dica importante: o seu estudo deve ser personalizado. Foque naquilo que você tem mais dificuldade. Não dê o mesmo nível de importância a todas as matérias. Ainda em relação ao ENEM, eu tive um bom desempenho em redação (tirei 940). Principalmente, porque eu entendi a importância da redação, então, eu tentava fazer sempre uma por semana e também a um excelente professor de redação que eu tive que dizia que tínhamos que valorizar nosso repertório e não desprezá-lo. Como assim? Não despreze aquela comédia romântica que você assistiu ou aquele ditado que sua vó sempre fala se eles têm a ver com o tema da redação. Eu me preocupava muito em saber filósofos, livros cultos, mas quando eu me dei conta que eu tinha um enorme repertório e fui me permitindo usá-lo na redação, tudo ficou bem mais simples. Além disso, esse meu excelente professor dizia: a correção da redação do ENEM ocorre em minutos, então se preocupe em deixar evidente aquilo que o corretor deve bater o olho e ver, que são as palavras-chave do tema, e problematize durante o desenvolvimento para que, na conclusão, você encontre formas de "resolver" (proposta de intervenção) aquilo que você apontou como problema. Agora gostaria de falar sobre o SisU. Na época do SisU, eu já sabia que não tinha passado nos outros vestibulares e estava super desesperançosa, eu colocava as opções que desejava e a minha nota sempre era inferior à do corte. No último dia então, coloquei UFRJ mesmo vendo que minha nota era inferior. Quando saiu o resultado, eu estava na posição 73º de 50, minha nota foi 806,63 e a nota de corte, 813,55. Eu decidi participar da lista de espera e quando ela saiu, meu nome estava em 10º e não em 23º como eu esperava. Na terceira chamada, eu passei. Então acreditem, gente, até o último minuto do segundo tempo ainda pode dar certo. Eu torço para que dê certo para vocês no primeiro minuto do primeiro tempo rs, mas, o que eu escrevo aqui é para que, se você for como eu, não desistir só porque recebeu o primeiro "não". Nossa vida nem sempre acontece exatamente como planejamos, eu mesma queria ter passado logo do ensino médio, porém, não foi assim que aconteceu. Foram necessários três anos de cursinho para eu entender tanta coisa... Tanto matéria, quanto me entender mesmo. Eu não percebia o tanto que o nervosismo me atrapalhava e foi com esse tempo que eu aprendi a lidar com ele. Agora, imaginem eu numa faculdade de medicina, sem me conhecer, sem entender meus sentimentos. Nem ia ser tão bom quanto será agora. Tudo ocorre exatamente no tempo certo! Sei que está gigante o texto, mas quero dizer ainda mais hahaha. Gente, aproveitem o ano de cursinho de vocês! Nós criamos uma falsa ideia de que o cursinho é uma fase para sermos infelizes mesmo e quando entrarmos na faculdade que seremos felizes. Deixem disso. Sejam felizes a partir de agora. Em relação ao que estamos vivendo, essa nova realidade de corona vírus, sei que não está sendo muito fácil, mas lembre-se que não está sendo difícil só para você, está sendo para todo mundo. Então tente manter o foco e, quando não der, tudo bem também, você não é um robô.

Então é isso, futuros calouros, não desistam dos seus sonhos. Vocês se sentirão extremamente realizados quando conquistarem suas vaguinhas tão sonhadas, vale a pena todo esforço! Acredite muuuuito no seu potencial, você nem tem noção do que é capaz!!



"Sei que está difícil, ainda mais nesse cenário de agora, mas não desistam não. Claramente não era uma pandemia global, mas ano passado foi definitivamente um dos piores anos que já vivi, jamais imaginava que passar em Medicina faria parte dele. Mas eu consegui e eu garanto que não sou ninguém fora da curva, só dei meu melhor dentro do máximo que eu conseguia. Façam seu melhor que uma hora vai dar certo, é sim um sonho possível. Estou torcendo por vocês :)"

Maria Julia Jurkovich

Futurx calourx, o estudo pré vestibular traz consigo incertezas e angústias que, muitas vezes, nos levam a questionar nosso potencial. Durante esse ano, em específico, o período de isolamento reforça diversas dúvidas sobre a questão da produtividade. Apesar disso, confie no trabalho que você vem realizando ao longo desses meses ou anos. A aprovação pode parecer um sonho distante, mas ela chega quando nós menos esperamos. Continue estudando, sanando suas dúvidas e adquirindo conhecimento. Mas é importante lembrar que quantidade não significa, necessariamente, qualidade. E que está tudo bem dar pausas durante essa jornada. Respeite seu tempo, seu ritmo, sua rotina e, principalmente, sua saúde mental. Evite comparações com outros estudantes, foque no seu crescimento pessoal. Dê espaço e se permita realizar atividades que te façam bem. Saiba filtrar comentários negativos, muitas vezes eles vêm de pessoas que deveriam nos apoiar. E o mais importante: é preciso se desprender dessa ideia de que só pessoas de outro mundo são aprovadas. Eu não esperava conquistar algo tão grande, nunca me senti como aquele rosto que vemos nos outdoors e propagandas de cursinhos famosos. Mas nossa hora chega, e não existe sensação mais gratificante. Desejo que as estatísticas reunidas nesse arquivo pelos meus colegas de sala possam te ajudar a criar sua melhor estratégia durante a prova. Esperamos você na melhor do Brasil! Parabéns pelo esforço, tudo valerá muito a pena. Estamos com você, não desista! #vctp

Torcida Fundão

Ser vestibulando não é nada fácil, se fizermos uma lista de dificuldades dessa fase ela será enorme. Talvez o mistério para ver isso de forma mais leve esteja justamente nessa lógica de que "ser vestibulando é uma fase". Pois se pensarmos dessa forma, concluímos que ela irá passar e com o seu fim chega a tão sonhada aprovação, acompanhada da sensação de que tudo valeu a pena e os dias de vestibulandos viram memórias cheias de aprendizado. Em um primeiro momento, isso pode parecer mais um clichê, mas te garantimos que por mais simples que seja esse raciocínio ele é verdadeiro e muitas vezes ele pode ajudar a não te deixar esquecer de que você tá percorrendo um caminho que tem um fim. "Tudo bem, acredito em vocês, mas como me manter motivado e inspirado pra passar por essa fase?" Infelizmente não existe uma fórmula perfeita, mas estamos aqui para te dar uma dica: nos dias difíceis, quando o desânimo bater, tente se imaginar daqui a um tempo e sejam muito generosos com vocês mesmos. Tente se imaginar no HUCFF aprendendo a colher história, fazer exame físico e se tornando médico aos pouquinhos. Andando pra lá e pra cá com seu jaleco bordado com a minerva e feliz por estar ali. Agora usando um pouquinho mais essa lógica, imaginem vocês na arquibancada ouvindo a bateria tocar, sentindo cada vibração da música cantada pela torcida, observando cada jogada como se fosse a final da copa e o seu peito quentinho de orgulho por estar ali. Deu pra sentir um pouco da emoção? "Mas pra que fazer isso?" Porque, quando o cansaço, a cobrança, as incertezas e o medo batem, a gente começa a se achar fraco e não merecedor disso tudo, o desânimo toma conta e levantar a moral parece impossível. Então é aí que entra a ideia de manter a imaginação viva pra você sempre se lembrar que o seu lugar é lá sim, porque você tem feito tudo que está ao seu alcance para conquistar isso e você merece continuar sonhando até que tudo se realize. Continuem firmes e se cuidando. Caso precisem de algo, a família Fundão está aqui para te dar todo o apoio que for necessário!!



